AB197492

Presented to the

LIBRARY *of the*

UNIVERSITY OF TORONTO

by

Professor

Ralph G. Stanton

FLORILEGIO

DA

Poesia Brazileira,

OU

COLLECÇÃO DAS MAIS NOTAVEIS COMPOSIÇÕES
DOS POETAS BRAZILEIROS FALECIDOS,
CONTENDO AS BIOGRAPHIAS
DE MUITOS DELLES,

TUDO PRECEDIDO DE UM

ENSAIO HISTORICO SÔBRE AS LETTRAS
NO BRAZIL.

TOMO II.

LISBOA

NA IMPRENSA NACIONAL.

1850.

ADVERTENCIA.

Apesar dos bons desejos que nos animavam ao emprehender ésta publicação, vin-se ella mais de uma vez detida e empatada. E agora que, depois de quatro annos no prelo, a damos por concluida, vexâmo-nos de encontrar-lhe tantas faltas e imperfeições. Chegámos a ter medo de a deixar correr, e a não ver na resolução arbitraria de a guardar um tanto de amor proprio, talvez o público não tivesse a obra com seus defeitos, pelo menos agora. Màs não devemos sustentar caprichos : venham embora as censuras, que ahi vai o livro.

Convem, porém, saber-se que, quando em fins de 1846 entregámos á imprensa os primeiros materiaes para elle, estavamos empregado na legação imperial em Lisboa, d'onde pouco depois tivemos que saír para outro destino. Antolhou-se-nos facil a continuação da impressão naquella cidade, com a condição de que se nos mandaria uma prova pelo correio. Várias dessas provas foram revistas em jornadas n'uma estalagem, e sabe Deus como. Outras vezes chegavam com recommendação de que deviam

devolver-se pelo mesmo correio, e era necessario sempre vêl-as com demasiada precipitação.

Éstas difficuldades, e o desejo de terminar a obra, nos obrigaram a abandonar o pensamento de proseguir com a redacção das biographias de todos os poetas, como fizemos com os quatorze primeiros.

Pedimos, pois, desculpa pelas irregularidades, e pelas emendas que vão em notas e erratas, esperando merecel-a em attenção ao serviço que em todo o caso fazemos, e aos bons desejos que nos animam. Quanto á orthographia, sabemos que a muitos parecerá estranha; mâs, tendo que fazer uso dos accentos, não podiamos deixar de ser coherentes, adoptando-os em todas as palavras, em que a sua presença possa auxiliar, sôbre tudo, o leitor estrangeiro.

Madrid, 11 de Outubro de 1850.

F. A. de Varnhagen.

IGNACIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO.

Digitized by the Internet Archive
in 2009 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/florilegiopoesia02varn

IGNACIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO.

O Marquez de Pombal tinha em sua alta política conhecido a necessidade de cuidar do Brazil, e pois que muitos brazileiros talentosos haviam sempre em Portugal correspondido á sua confiança, veio elle tambem a ser grande protector dos brazileiros, que em reconhecimento não perdiam occasião de o exalçar. Um delles, do qual ora nos vamos occupar, Ignacio José de Alvarenga Peixoto, amigo de José Basilio (a cujo *Uruguay* compoz um Soneto encomiastico, que foi publicado com o mesmo poema) não devia ser menos estimado por Pombal, a quem tanto louvor prodíga na ode

« Não os heroes que o gume ensanguentado. »

Assim é que o mesmo Pombal depois de o despachar primeiro juiz de fóra de Cintra o elevou depois a ouvidor de uma comarca em Minas com a patente de coronel do 1.º regimento auxiliar da campanha do Rio Verde.

As suas composições poeticas já antes o haviam recommendado para arcade ultramarino; porém até hoje não nos tem sido possivel de

cidir com certeza se o nome de *Eureste Phenicio*, era o que levava como pastor. *

Chegando ao Brazil o nosso poeta, magistrado e militar, a quem talvez não sería estranho o pensamento de Pombal de estabelecer na America a cabeça do imperio portuguez, penetrou-se tanto desta idea que com o vigor da convicção traçou uma ode em que convida a Rainha Maria I, a passar-se ao Brazil, e assenhorear-se da America toda. E com todo o seu enthusiasmo não se esquece de prevenil-a contra as naturaes rivalidades da antiga metropole, e de fazer protestos pela lealdade de seus votos:

Vai ardente desejo;
Entra humilhado na real Lisboa
Sem ser sentido do invejoso Tejo

. — .

Da America o furor
Perdoai, Grande Augusta, é lealdade,
São dignos de perdão crimes d'amor.

Em Minas é natural que começasse a conviver com Claudio e Gonzaga: além disso vemos que se dava com D. Rodrigo José de Menezes, ao depois Conde de Cavalleiros, e que governou aquella provincia desde 1778 até 1783. E bem digno é de ler-se o patriotico canto geneathliaco que compoz em 19 estancias ao filho desse Governador.

* Em todo o caso Eureste é o autor da *Resposta de Nize á despedida de Fileno* por Claudio, e collocando-a no *Florilegio* e na composição, não affiançàmos de todo que seja ella obra de Alvarenga Peixoto; mas deixàmol-a em pendencia.

Igual amisade não travou de certo com o successor deste último, Luiz da Cunha de Menezes, que conservou o mando até 1788; e antes pelo contrário ha toda a probabilidade de que como os mais mineiros tomasse parte activa contra os abusos deste Governador, tão fortemente satyrisado nas *Cartas Chilenas*, * obra ésta cuja composição cremos não sería estranha ao mesmo Alvarenga Peixoto, ainda suppondo que não tivera nella parte. Do nome Dirceu, pastoril de Gonzaga, faz-se nellas menção como amigo do autor; tambem se faz referencia a um chimico, que talvez sería o Maciel, de que adiante faremos menção, e a um velho jurista, etc. — A crítica litteraria só por si difficilmente poderá resolver qual dos litteratos que estavam em Minas sería propriamente o autor das taes cartas satyricas. Devia ser pessoa versada na jurisprudencia, amigo de Gonzaga, de instrucção variada e grande facilidade de metrificar. Além disso parece que havia estado em Portugal; e que era autor recommendado por seus escriptos. Esta ultima circumstancia parece deduzir-se dos dois seguintes versos de uma epistola que precede as

* Só depois de ler muitas vezes ésta composição, e de sôbre ella meditar, é que chegámos a descubrir que se referia a um governador de Minas, e não do Rio, como a princípio imaginámos. Dado este passo, o marcar a época e apontar a pessoa do satyrisado fanfarrão, já não offerecia tanta difficuldade. *Cartas mineiras* lhes podêmos hoje chamar, visto que já não é necessario o disfarce. Até *Minas* e *Villa Rica* entram no verso com o mesmo metro de *Chile* e *Santiago*.

Cartas, a qual no geral do estylo parece ser de Gonzaga:

« Que teus escriptos de uma idade a outra
Passarão sempre de esplendor cingidos. »

Dois poetas havia então em Minas em quem se davam todas estas condições: o de que ora nos occupâmos, e Claudio cuja affeição por Gonzaga fizemos sentir na sua biografia. A satyra de que tratâmos é inferior ás obras que conhecemos de um e outro: no estylo ha redundancias e nos versos repetições de mau gôsto, e ás vezes expressões menos decorosas que desdizem da alma maviosa de Claudio, e da lyra enthusiasta de Alvarenga Peixoto. Com tudo além de que ás vezes dorme o proprio Homero, e já não parece o mesmo, quem sabe se, visto que as taes cartas não deviam ser impressas, quereria tambem o autor sair-se do serio para

« Refocilar a lassa humanidade. » *

O certo é que as taes *Cartas Chilenas* são o corpo de delicto do orgulhoso Cunha de Menezes; ao passo que o desgoverno deste foi

* Devendo dar trechos dessas *Cartas Chilenas* nesta collecção de poesias brazileiras, preferimos collocal-os onde vão; conservando-lhes o pseudonymo *Critillo* por escrupulo; se bem que a analogia no uso de algumas frases como *Augusto* por *Soberano*, e o amor a certas comparações *verbi gratia* da raça dos homens com a dos leões, etc. que vemos nas obras authenticas de Alvarenga Peixoto, comecem a abalar-nos a favor de que seja elle o tal *Critillo*.

talvez a origem da primeira fermentação em Minas que levou o povo á conspiração que depois se descobriu. Queixava-se o povo de Cunha de Menezes, e mal sabia se seguiria o caso da fabula que no seu successor encontrariam alguns o seu flagello!

No tempo de Menezes tinha-se dito:

> « Que a humanidade emfim desaggravada
> Das injúrias que soffre; por teu braço
> Os ferros soltará, que desafrouxa
> Tintos de fresco gotejado sangue. »

Á chegada de Barbacena correu a notícia de que ia elle forçar o pagamento de setecentas arrobas d'oiro, que Minas devia á coroa segundo a capitação. — Em varios circulos se tratou da impossibilidade de se annuir a taes ordens, e o direito natural lembrou logo os recursos que havia para a resistencia...

Os Estados Unidos haviam sido felizes contra a metropole: o chimico José Alves Maciel, que voltava de estudar em França onde víra os principios da revolução, julgava encontrar em Minas recursos bastantes para suster-se; o seu cunhado Freire de Andrade, commandante da infanteria, deixou-se convencer; e o nosso poeta Alvarenga Peixoto, vendo ensejo favoravel de realisar as suas ideas de formar-se um governo no Brazil, enthusiasmou-se: improvisou logo a bandeira para o novo estado e, propoz as providencias que se deviam adoptar para crear partido e para resistir á guerra, na qual elle estaria á frente do seu regimento.

Mas, como succede tantas vezes, alguns conspiradores converterem-se em denunciantes. Os reos foram apanhados e julgados.

Em 1792 chegou ao Rio a sentença que condemnava á morte, entre outros a Alvarenga Peixoto; devendo além disso ficar infamada sua geração, confiscados seus bens e posta sua cabeça em pelourinho em S. João d'El-rei.

Segue-se uma excellente catastrophe dramatica. Sae o prestito sinistro; e ao chegar á forca é justiçado primeiro o reo que os juizes deram como mais culpado. O carrasco espera a victima immediata. Mas em logar desta junto ao patibulo lê-se um papel; e o grito de Perdão! Perdão! se propaga pelas turbas apinhadas!

Era um decreto d'amnistia da Rainha Maria I, commutando aos outros a pena de morte.

A Alvarenga Peixoto destina-se o degredo perpétuo para o presídio d'Ambaca nos sertões d'Africa!

E lá o levaram para Angola onde pouco tempo viveu! Infeliz! Nem ao menos cobrem teus ossos terra civilisada, já que os não pôde cobrir a terra da patria!

Ode.

Invisiveis vapores
Da baixa terra, contra os ceos erguidos,
Não offuscam do sol os resplandores.
Os padrões erigidos
Á fé real nos peitos lusitanos,
São do primeiro Affonso conhecidos.
A nós americanos
Toca levar pela razão mais justa
Do throno a fé aos derradeiros annos.
Fidelissima augusta,
Desentranhe riquissimo thesoiro
Do cofre americano a mão robusta;
Se o Tejo ao Minho e ao Doiro
Lhe aponta um rei em bronze eternizado,
Mostre-lhe a filha eternizada em oiro.

Do throno os resplandores
Façam a nossa glória, e vestiremos
Barbaras pennas de diversas côres.
Pâra nós só queremos
Os pobres dons da simples natureza,
E seja vosso tudo quanto temos.
Sirva á real grandeza
A prata, o oiro, a fina pedraria
Que esconde destas serras a riqueza.
Ah! chegue o feliz dia,
Em que do novo mundo a parte inteira
Acclame o nome augusto de Maria.
Real real primeira,
Só esta voz na America se escute,
Veja-se tremular uma bandeira.

Rompam o instavel sulco
Do pacífico mar na face plana
Os galeões pezados de Acapulco.
Das serras da Araucana
Desçam nações confusas differentes
A vir beijar a mão da soberana.
Chegai, chegai contentes,
Não temaes dos Pissarros a fereza,
Nem dos seus companheiros insolentes.
A augusta portugueza
Conquista corações, em todos ama
O soberano autor da natureza.
Por seus filhos vos chama,
Vem pôr o termo á nossa desventura,
E os seus favores sobre nós derrama.

Se o Rio de Janeiro
Só a glória de ver-vos merecesse,
Já era vosso o mundo novo inteiro.
Eu fico que estendesse
Do Cabo ao mar pacifico as medidas,
E por fóra da Havana as recolhesse.
Ficavam incluidas
As terras, que vos foram consagradas,
Apenas por Vespucio conhecidas.
As cascas enroladas
Os aromas, e os indicos effeitos,
Poderão mais que as serras prateadas.
Mas nós de amor sugeitos
Promptos vos offertamos á conquista
Barbaros braços, e constantes peitos.

Póde a Tartaria grega
A luz gozar da russiana aurora ;
E a nós esta fortuna não nos chega ?
Vinde, real senhora,
Honrar os vossos mares por dois mezes,
Vinde ver o Brazil, que vos adora.
Noronhas e Menezes,
Cunhas, Castros, Almeidas, Silvas, Mellos,
Têm prendido o leão por muitas vezes.
Fiai os reaes sellos
A mãos seguras, vinde descançada,
De que servem dois grandes Vasconcellos ?
Vinde a ser coroada
Sôbre a America toda, que protesta
Jurar nas vossas mãos a lei sagrada.

Vai, ardente desejo,
Entra humilhado na real Lisboa,
Sem ser sentido do invejoso Téjo :
Aos pés augustos vôa,
Chora, e faze que a mãi compadecida,
Dos saudosos filhos se condôa.
Ficando enternecida,
Mais do Téjo não temas o rigor.
Tens triumphado, tens a acção vencida.
Da America o furor
Perdoai, grande augusta ; é lealdade,
São dignos de perdão crimes de amor.
Perdoe a magestade,
Em quanto o mundo novo sacrifica
Á tutelar propicia divindade :

O principe sagrado
No pão de pedra, que domina a barra
Em colossal estátua levantado,
Veja a triforme garra
Quebrar-lhe aos pés Neptuno furioso,
Que o irritado Sudoeste esbarra;
E veja glorioso
Vastissima extensão de immensos mares,
Que cerca o seu imperio magestoso:
Honrando nos altares
A mão, que o faz ver de tanta altura
Ambos os mundos seus, ambos os mares,
E a fé mais santa e pura,
Espalhada nos barbaros desertos,
Conservada por vós firme e segura.

Sombra illustre e famosa
Do grande fundador do luso imperio,
Eterna paz, eternamente goza.
N'um e n'outro hemispherio
Tu vês os teus augustos descendentes
Dar as leis pela voz do ministerio:
E os povos differentes,
Que é impossivel quasi ennumeral-os,
Que vem a tributar-lhes obedientes;
A honra de mandal-os,
Pedem ao neto glorioso teu;
Que adoram rei, que serviram vassallos.
O indio o pé bateu,
Tremeu a terra, ouvi trovões, vi raios,
E de repente desappareceu.

Ao nascimento do filho do Governador D. Rodrigo

Barbaros filhos destas brenhas duras,
Nunca mais recordeis os males vossos;
Revolvam-se no horror das sepulturas
Dos primeiros avós os frios ossos:
Os heroes das mais altas cataduras
Principiam a ser patricios nossos;
E vosso sangue, que esta terra ensópa,
Já produz fructos do melhor da Europa.
Bem que venha a semente a terra estranha,
Quando produz, com igual fôrça gera,
Nem do forte leão fóra de Hespanha,
A fereza nos filhos degenera;
O que o estio em umas terras ganha,
Nas outras vence a fresca primavera,
A raça dos heroes da mesma sorte,
Produz no sul, o que produzio no norte.
Romulo por ventura foi romano?
E Roma a quem deveu tanta grandeza!
O grande Henrique era lusitano?
Quem deu princípio á glória portugueza?
Qne importa que José americano
Traga a honra, a virtude e a fortaleza
De altos e antigos troncos portuguezes
Se é patricio este ramo dos Menezes?

Quando algum dia permittir o fado
Que elle o mando real moderar venha,
E que o bastão do pae com glória herdado
No pulso invicto pendurado tenha,
Qual esperaes que seja o seu agrado?
Vós experimentareis como se empenha
Em louvar estas serras e estes ares,
Em venenar gostoso os patrios lares.
Esses partidos morros e escalvados,
Que enchem de horror a vista delicada,
Em soberbos palacios levantados
Desde os primeiros annos empregada,
Negros e extensos bosques tão fechados,
Que até ao mesmo sol negam a entrada,
E do agreste paiz habitadores
Barbaros homens de diversas côres,
Isto que Europa barbaria chama,
Do seio de delicias tão diverso,
Quão differente é para quem ama
Os ternos laços do seu patrio berço!
O pastor loiro, que meu peito inflama,
Dará novos alentos ao meu verso,
Para mostrar do nosso heroe na bocca
Como em grandezas tanto horror se troca
Aquellas serras, na aparencia feias,
Dirá José, oh quanto são formosas!
Ellas conservam nas occultas veias
A fôrça das potencias magestosas;
Tem as ricas entranhas todas cheias
De prata e oiro e pedras preciosas;
Aquellas brutas escalvadas serras
Fazem as pazes, dão calor ás guerras.

Aquelles morros negros e fechados,
Que occupam quasi a região dos ares,
São os que em edificios respeitados
Repartem raios pelos crespos mares.
Os corinthios palacios levantados,
Doricos templos, jonicos altares.
São obras feitas desses lenhos duros,
Filhos desses sertões feios e escuros.

LA corôa d'oiro, que na testa brilha,
E o sceptro, que empunha na mão justa
Do augusto José a heroica filha,
Nossa rainha soberana augusta,
E Lisboa de Europa maravilha,
Cuja riqueza a todo o mundo assusta,
Estas terras a fazem respeitada,
Barbara terra, mas abençada.

Esses homens de varios accidentes
Pardos e pretos, tintos e tostados
São os escravos duros e valentes,
Aos penosos serviços costumados:
Elles mudam aos rios as correntes,
Rasgam as serras, tendo sempre armados
Da pesada alavanca e duro malho
Os fortes braços feitos ao trabalho.

Por ventura, senhores, pôde tanto
O grande heroe, que a antiguidade acclama,
Porque aterrou a fera de erimanto,
Venceu a hydra com o ferro e chamma?
Ou esse a quem da tuba grega o canto
Fez digno de immortal eterna fama?
Ou inda o macedonico guerreiro,
Que soube subjugar o mundo inteiro?

Eu só pondero, que essa fôrça armada
Debaixo de acertados movimentos,
Foi sempre uma com outra disputada
Com fins correspondentes aos intentos,
Isto que tem co'a força disparada
Contra todo o poder dos elementos,
Que bate a fórma da terrestre esfera
Apesar de uma vida a mais austera.
Se o justo e o util póde tão sómente
Ser acertado fim das acções nossas,
Quaes se empregam, dizei, mais dignamente
As fôrças destes ou as fôrças vossas?
Mandam a destruir a humana gente
Terriveis legiões, armadas grossas:
Procurar o metal, que acode a tudo,
É destes homens o cansado estudo:
São dignas de attenção... ia dizendo
A tempo que chegava o velho honrado,
Que o povo reverente vem benzendo
Do grande Pedro com o poder sagrado;
E já o nosso heroe nos braços tendo,
O breve instante em que ficou calado,
De amor em ternas lagrimas desfeito
Estas vozes tirou do amante peito.
Filho, que assim te falo, filho amado,
Bem que um throno real teu berço enlaça,
Porque foste por mim regenerado
Nas puras fontes de primeira graça:
Deves o nascimento ao pai honrado,
Mas eu de Christo te alistei na praça;
Estas mãos por favor de um Deus superno
Te restaurarão do poder do inferno.

Amado filho meu, torna a meus braços,
Permitta o ceo, que a governar prosigas,
Seguindo sempre de teu pai os passos.
Honrando algumas paternaes fadigas
Não receio que encontres embaraços,
Por onde quer que o teu destino sigas,
Que elle pisou por todas estas terras
Matos, rios, sertões, morros e serras
Valeroso, incansavel, diligente
Do serviço real, promoveu tudo,
Já nos paizes do Pori valente,
Já nos bosques do bruto Buticudo,
Sentiram todos sua mão prudente
Sempre debaixo de acertado estudo,
E quantos viram seu sereno rosto
Lhe obedeceram por amor e por gosto.
Assim confio o teu destino seja
Servindo a patria e augmentando o estado,
Zelando a honra da romana igreja,
Exemplo illustre de teus pais herdado;
Permitta o ceo, que eu felizmente veja
Quanto espero de ti desempenhado,
Assim contente acabarei meus dias,
Tu honrarás as minhas cinzas frias.
Acabou de falar o honrado velho,
Com lagrimas as vozes misturando;
Ouviu o nosso heroe o seu conselho
Novos projectos sôbre os seus formando.
Propagar as doutrinas do evangelho,
Ir aos patricios seus civilisando,
Augmentar os thesoiros da reinante,
São seus disvelos desde aquelle instante

Feliz governo, queira o ceo sagrado
Que eu chegue a ver esse ditoso dia,
Em que nos torne o seculo doirado
Dos tempos de Rodrigo e de Maria;
Seculo, que será sempre lembrado
Nos instantes de gôsto e de alegria,
Até os tempos, que o destino encerra
De governar José a patria terra.

Retrato de Anarda.

A minha Anarda
Vou retratar,
Se a tanto a arte
Podér chegar.
Trazei-me, amores,
Quanto vos peço,
Tudo careço
Pâra a pintar.
Nos longos fios
Dos seus cabellos,
Ternos disvellos
Vão-se enredar.
Trazei-me, amores,
Das minas d'oiro
Rico thesoiro
Pâra os pintar.

No rosto a idade
Da primavera,
Na sua esphera
Se vê brilhar.
Trazei-me, amores,
As mais viçosas
Flores vistosas
Pâra o pintar
Quem ha que a testa
Não ame e tema,
De um diadema
Digno logar?
Trazei-me, amores,
Da silva idalia
Jasmins de Italia
Pâra a pintar.
A frente adórnam
Arcos perfeitos,
Que de mil peitos
Sabem triumphar.
Trazei-me, amores,
Justos niveis,
Subtis pinceis,
Pâra a pintar.
A' um doce aceno
Settas a mólhos
Dos brandos olhos
Se vêm voar.
Trazei-me, amores,
Do sol os raios,
Fieis ensaios
Pâra os pintar

Nas lisas faces
Se vê a aurora,
Quando colóra
A terra e o mar.
Trazei-me, amores,
As mais mimosas
Pudicas rozas
Pâra as pintar
Os meigos risos
Com graças novas
Nas lindas covas
Vão-se ajuntar.
Trazei-me, amores,
Os pinceis leves,
As sombras breves
Pâra os pintar.
Vagos desejos
Da bocca as brazas
As frageis azas
Deixam queimar.
Trazei-me, amores
Coraes súbidos,
Robins polidos
Pâra as pintar,
Entr'alvos dentes
Póstos em ála
Suave fala
Perfuma o ar.
Trazei-me, amores,
Nas conchas claras
Perolas raras
Pâra os pintar.

O collo, atlante
De taes assombros,
Airosos hombros
Corre a formar
Trazei-me, amores,
Jaspe a mãos cheias,
De finas veias
Pâra o pintar.
Do peito as ondas
São tempestades,
Onde as vontades
Vão naufragar.
Trazei-me amores,
Globos gelados,
Limões nevados
Pâra o pintar.
Mãos cristalinas,
Roliços braços,
Que doces laços,
Promettem dar.
Trazei-me, amores,
As assucenas,
Das mais pequenas
Pâra as pintar.
A delicada,
Gentil cintura,
Toda se apura
Em se estreitar.
Trazei me, amores,
Ancias, que fervem,
So ellas servem
Pâra a pintar.

Pés delicados
Ferindo a terra,
As almas guerra
Vem declarar.
Trazei-me, amores,
As settas promptas
De duras pontas
Pâra os pintar.
Pórte de deosa
Espirito nobre,
E o mais, qu'encobre
Fino avental
Só vós, amores,
Que as graças nuas.
Vêdes, as suas
Podeis pintar.

Conselhos a seus filhos. *

Meninos, eu vou dictar
As regras do bem viver,
Não basta somente ler,
É preciso ponderar,
Que a lição não faz saber,
Quem faz sabios é o pensar.
Neste tormentoso mar
D'ondas de contradicções,
Ninguem soletre feições,
Que sempre se ha de enganar;
De caras a corações
Á muitas legoas que andar.

* Custa-nos a crer que sejam de Alvarenga Peixoto tanto estas sextilhas como a poesia que se segue (*O Sanho.*)

Applicai ao conversar
Todos os cinco sentidos,
Que as paredes têm ouvidos,
E tambem podem fallar:
Ha bixinhos escondidos,
Que só vivem de escutar.

Quem quer males evitar
Evite-lhe a occasião,
Que os males por si virão,
Sem ninguem os procurar;
E antes que ronque o trovão,
Manda a prudencia ferrar.

Não vos deixeies enganar
Por amigos, nem amigas;
Rapazes e raparigas
Não sabem mais, que asnear;
As conversas, e as intrigas
Servem de precipitar.

Sempre vos deveis guiar
Pelos antigos conselhos,
Que dizem, que ratos velhos
Não ha modo de os caçar:
Não batam ferros vermelhos,
Deixem um pouco esfriar.

Se é tempo de professar
De taful o quarto voto,
Procurai capote roto
Pé de banco de um brilhar,
Que seja sabio piloto
Nas regras de calcular.

Se vos mandarem chamar
Pâra ver uma funcção,
Respondei sempre que não,
Que tendes em que cuidar:
Assim se entende o rifão
Quem está bem, deixa-se estar.

Deveis-vos acautelar
Em jogos de paro e tópo,
Promptos em passar o copo
Nas angolinas do azar:
Taes as fábulas de Esopo,
Que vós deveis estudar.

Quem fala, escreve no ar,
Sem pôr virgulas nem pontos,
E póde quem conta os contos,
Mil pontos accrescentar;
Fica um rebanho de tontos
Sem nenhum adivinhar.

Com Deus e o rei não brincar,
É servir e obedecer,
Amar por muito temer
Mâs temer por muito amar,
Santo temor de offender
A quem se deve adorar!

Até aqui pode bastar,
Mais havia que dizer;
Mâs eu tenho que fazer,
Não me posso demorar,
E quem sabe discorrer
Póde o resto adivinhar.

O Sonho.

Oh que sonho! oh que sonho eu tive n'esta
Feliz, ditosa e socegada sésta?
Eu vi o Pão de Assucar levantar-se
E no meio das ondas transformar-se
Na figura de um indio o mais gentil,
Representando só todo o Brazil.
Pendente ao tiracol de branco arminho
Concavo dente de animal marinho
As preciosas armas lhe guardava;
Era thesoiro e juntamente aljava.
De pontas de diamante eram as setas,
As hásteas d'oiro, mas as pennas pretas;
Que o indio valeroso altivo e forte
Não manda seta, em que não mande a morte,
Zona de pennas de vistosas côres
Guarnecida de barbaros lavores,
De folhetas e perolas pendentes,
Finos chrystais, topazios transparentes,
Em recamadas pelles de sahiras
Rubins, e diamantes e saphiras,
Em campo de esmeralda escurecia
A linda estrella, que nos traz o dia.
No cocar... oh que assombro! oh que riqueza!
Vi tudo quanto póde a natureza.
No peito em grandes letras de diamante
O nome da augustissima imperante.
De inteiriço coral novo instrumento
As mãos lhe occupa, em quanto ao doce accento

Das saudosas palhetas, que afinava,
Pindaro americano assim cantava.

Son vassallo e son leal,
Como tal,
Fiel constante,
Sirvo á glória da imperante,
Sirvo á grandeza real.
Aos elysios descerei
Fiel sempre a Portugal,
Ao famoso vice-rei,
Ao illustre general,
Ás bandeiras, que jurei.
Insultando o fado e a sorte,
E a fortuna desigual,
Qu'a quem morrer sabe, a morte
Nem é morte, nem é mal.

Despedida de Fileno a Nize, por Claudio.

Adeus, idolo amado,
Adeus; que o meu destino
Me leva peregrino
A não te ver jámais.
Sei, que é tormento ingrato
Deixar teu fino trato:
Mâs quando é, que tu viste
Um triste
Respirar!

Tu ficas; eu me ausento;
E nesta despedida
Se não se acaba a vida,
É só por mais penar.
De tanto mal, e tanto
Allívio é só o pranto:
Mâs quando é, que tu viste
Um triste
Respirar!

Quantas memórias, quantas
Agora despertando,
Me vem acompanhando
Por mais me atormentar!
Faria o esquecimento
Menor o meu tormento:
Mas quando é, que tú viste
Um triste
Respirar!

Resposta de Nize a Fileno, por Eureste Fenicio. *

Em vão, Fileno amado,
Accusas teu destino;
Se foges peregrino,
Por me não ver jámais.
Viste-me, falso, ingrato,
Prêsa a teu doce trato:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

Dizias: eu me ausento.
Foi ésta a despedida.
Qne toda a minha vida
Me ha de fazer penar.
Entre martirio tanto
Eu me desfiz em pranto:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

Oh quantas vezes, quantas
Do somno despertando,
Te vou acompanhando,
Por não me atormentar!
Não ha esquecimento,
Que abrande o meu tormento:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

* Veja a nota da pag. 364. — Esta resposta segue nas quatro seguintes paginas impares, e a *despedida* de Claudio nas pazes.

Girando ésta montanha,
Os sitios estou vendo,
Aonde amor tecendo
Seu doce enredo está.
Aqui me occorre a fonte.
Alli me lembra o monte:
Mâs quando é, que tu viste
Um triste
Respirar. !

Sentado junto ao rio
Me lembro, fiel pastora,
Daquella feliz hora,
Que n'alma impressa está.
Que triste eu tinha estado,
Ao ver teu rosto irado!
Mâs quando é, que tu viste
Um triste
Respirar!

De Filis, de Lizarda,
Aqui entre desvelos,
Me pede amantes zelos
A causa de meu mal.
Alegre o seu semblante
Se muda a cada instante:
Mâs quando é, que tu viste
Um triste
Respirar!

No prado, e na montanha,
Saudosa hoje estou vendo
O engano, que tecendo
A minha idéa está.
Baixei comtigo á fonte,
Subi comtigo ao monte:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

Ao som do manso rio,
Nize, fiel pastora,
Chorando a toda a hora
A tua ausencia está.
Afflicta neste estado
Accuso o ceo irado:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A Respirar!

Nem Filis, nem Lizarda,
Que foram teus desvelos,
Me podem já dar zelos,
Nem já me fazem mal.
Só teu cruel semblante
Me lembra a cada instante:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

Aqui colhendo flores
Mimosa a nimfa cara,
Um ramo me prepara;
Talvez por me agradar:
Anarda alli se agasta:
Dalizo aqui se affasta:
Mâs quando é, que tu viste
Um triste
Respirar!

Tudo isto na memória
(Oh barbara crueldade!)
Á fôrça da saudade
Amor me pinta já.
Rendido desfaleço
De tanta dor no excesso:
Mâs quando é, que tu viste
Um triste
Respirar!

O mais, que augmenta a mágoa,
É ter sempre o receio,
De que outro amado enleio
Teu peito encontrará.
Amante nos teus braços,
Quem sabe, se outros laços..!
Mâs quaudo é, que tu viste
Um triste
Respirar!

Fileno as bellas flores
A Nize amada e cara,
Já agora não prepara;
Já não quer agradar.
Comigo amor se agasta;
O meu pastor se affasta:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar.

Conservo na memória
A tua crueldade;
Nem sei, como a saudade
Me não tem morta já.
Mas ah! que desfaleço,
Chorando em tal excesso:
E tu, que assim me viste
Partiste
A respirar!

Crescendo a minha mágoa,
Se augmenta o meu receio;
Que entregue a novo enleio
Talvez te encontrará.
Que vezes nos meus braços
Eu te formei os laços!
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

Por onde quer, que gires,
Desta alma, que te adora,
Ah lembra-te, pastora,
Qne já te soube amar.
Verás em meu tormento
Perpétuo o sentimento.
Mas quando é, que tu viste
Um triste
Respirar!

Lá desde o meu desterro;
Verás, que ésta corrente
Te vem fazer presente
A ancia de meu mal.
Verás, que em meu retiro
Só gemo, só suspiro:
Mâs quando é, que tu viste
Um triste
Respirar!

As ninfas, que se escondem
Lá dentro do seu seio,
De meu querido enleio
O nome hão de escutar.
No bem desta lembrança
Allivio a alma alcança:
Mâs quando é, que tu viste
Um triste
Respirar!

Por mais, qne ausente gires
De Nize, que te adora,
Não has de achar pastora,
Que mais te saiba amar.
Ve bem, a que tormento
Me obriga o sentimento:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

Aqui posta em destêrro,
Ao som desta corrente,
Sempre terei presente
A causa de meu mal.
E tu nesse retiro
Desprezas meu suspiro:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

Até de mim se escondem
As ninfas no seu seio;
Pois teu fingido enleio
Não querem escutar.
E nem ésta lembrança
Sequer minha alma alcança:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

Ah! Deva-te meu pranto
Em tão fatal delirio,
Que pagues meu martyrio
Em premio de amor tal.
Mereça um mal sem cura
Lograr esta ventura:
Mâs quando é, que tu viste
Um triste
Respirar!

E se por fim, pastora,
Duvídas de minha ância,
Se em ti não á constancia,
Minha alma o vingará.
Farei, que o ceo se abrande
Aos ais de uma ância grande:
Mâs quando é, que tu viste
Um triste
Respirar!

Terás em minha pena,
Com passo vigilante,
A minha sombra errante,
Sem nunca te deixar.
Terás... ah bello emprêgo!
Não temas: eu socégo:
Mâs quando é, que tu viste
Um triste
Respirar!

Conheço, que o meu pranto
Passou a ser delirio:
Pois meu cruel martyrio
Chega a extremo tal.
Mâs como ha de ter cura,
Quem nasce sem ventura?
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

Talvez outra pastora,
Zombando de tua ância,
Da falta de constancia
Em ti me vingará.
Mal feito, que se abrande,
Vendo rigor tão grande:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

Verás na minha pena,
Que sempre vigilante,
Por todo o campo errante,
Jámais te hei de deixar.
E tu.. . ah louco emprêgo
De quem não tem socêgo!
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

Excerptos das Cartas Chilenas. *

Descripção d'umas festas em Villa Rica.

Chegou á nossa Chile a doce nova
De que real infante recebêra
Bem digna do seu leito casta espôsa.
Reveste-se o bachá de genio alegre,
E pâra bem fartar os seus desejos,
Quer que ás expensas do senado e povo
Arda em grandes festins a terra toda.
Escreve-se ao senado extensa carta
Em ar de magestade, em phrase moira,
E nella se lhe ordena que prepare
Ao gôsto das Hespanhas, bravos toiros.
Ordena-se tambem que nos theatros
Os tres mais bellos dramas se estropiem,
Repetidos por boccas de mulatos:
Não esquecem emfim as cavalhadas
Só fica, Dorotheu, no livre arbitrio
Dos pobres camaristas repartirem
Bilhetes de convite pelas damas.
Amigo, Dorotheu, ah! tu não podes
Pezar o desconcêrto desta carta,
Em quanto não souberes a lei propria,
Que aos festejos reaes prescreve a norma.
Em quanto, Dorotheu, a nossa Chile
Em toda a parte tinha a flor da terra
Extensas, abundantes minas d'oiro;
Em quanto os taberneiros ajuntavam
Immenso cabedal em poucos annos,

* Veja pag 365.

Sem terem nas tabernas fedorentas
Outros mais sortimentos, que não fossem
Os queijos, a cachaça, o negro fumo,
E sôbre as prataleiras poucos frascos:
Em quanto emfim as negras *quitandeiras*
Á custa dos amigos só trajavam
Vermelhas capas, de galões cobertas,
De galacés e tissus, ricas sáias:
Então, prezado amigo, em qualquer festa
Tirava liberal o bom senado
Dos cofres chapeados grossas barras.
Chegaram taes despezas á notícia
Do rei prudente, que a virtude présa;
E vendo que estas rendas se gastavam
Em toiros, cavalhadas, e comédias,
Applicar-se podendo a coisas santas:
Ordena providente, que os senados
Nos dias em que devem mostrar gôsto
Pelas reaes fortunas se moderem,
E só façam cantar nos templos os hymnos
Com que se dão aos ceos as justas graças.
Ah! meu bom Dorotheu, que feliz fôra
Esta vasta conquista, se os seus chefes
Com as leis dos monarchas se ajustaram;
Màs alguns não presumem ser vassallos,
Só julgam que os decretos dos augustos
Tem força de decretos, quando ligam
Os braços dos mais homens que elles mandam,
Mas nunca quando ligam os seus braços.
Com esta sábia lei replíca o corpo
Dos pobres senadores, e pondera
Que o severo juiz que as contas toma,
Não lhes ha de approvar tão grandes gastos,

Da sorte, Dorotheu, que o bravo potro
Quando a sella recebe a vez primeira,
Em quanto não sacode a sella fóra,
E faz em dois pedaços sella e redea;
Mette entre os duros braços a cabeça,
E dá, saltando aos ares, mil corcóvos:
Assim o irado chefe não atura
O freio desta lei; espuma e brama,
E em quanto entende que o senado zela
Mais as leis que o seu gôsto, não descança.
Aos tristes senadores não responde,
Mâs manda-lhes dizer que a não fazerem
Os pomposos festejos, se preparem
Pâra serem os guardas dos forçados,
Trocando as varas em chicote e relho.

. — .

Mandam-se apregoar as grandes festas,
Acompanha ao pregão luzida tropa
De velhos senadores: estes trajam
A modo cortezão, chapéos de plumas;
Capas com bandas de vistosas sedas.
Chega emfim, o dia suspirado,
O dia do festejo; todos correm
Com rosto de alegria ao santo templo:
Celebra o velho bispo a grande missa;
Porém o sabio chefe não lhe assiste
Debaixo do espaldar ao lado esquerdo.
Pâra a tribuna sóbe, e alli se assenta.
Uns dizem, Dorotheu, fugiu prudente,
Por não ver assentados os padrecos
Na Capella maior acima delle.
Os outros sabichões, que a causa indagam
Discorrem, que o senado lhe devia

Erguer no presbyterio docel branco.
Em honra de elle ser lugar-tenente.
Mâs eu com estes votos não concordo,
E julgo affoito, que a razão foi esta:
Porque estando patente, e tendo posto
O seu chapéo em cima da cadeira,
Podéra duvidar-se se devia
O bispo ter a mitra na cabeça.
Acabou-se a funcção: o nosso chefe
Á casa com o bispo se recolhe.
A nobreza da terra os acompanha
Até que montem a doirada sege.
Aqui, meu Dorotheu, o chefe mostra
O seu desembaraço, e o seu talento.
Só n'uma funcção destas se conhece
Quem tem andado terras, onde habitam
Despidas dos abusos, sábias gentes.
Vai passando por todos, sem que abaixe
A emproada cabeça; qual mandante,
Que passa pelo meio das fileiras.
Chega junto á sege, á sege sobe,
E da parte direita toma assento.
O bispo, o velho bispo atraz caminha
Em ar de quem se teme da desfeita:
Com passos vagarosos chega á sege,
Encaixa na estribeira o pé cançado.
E duas vezes por subir forceja.
Acodem alguns padres respeitosos,
E por baixo dos braços o sustentam:
Então com mais alento o corpo move,
Dá o terceiro arranco, o salto vence;
E sem podêr soltar uma palavra,
Ora vermelho, ora amarello fica

Do nosso *Fanfarrão* ao lado esquerdo.
Agora dirás tu que bruto é esse?
Póde haver um tal homem, que se atreva
A pôr na sua sege ao seu prelado
Da parte da bolça. Eu tal não creio.
Amigo, Dorotheu, estás mui ginja.
Já lá vão os rançosos formularios,
Que guardavam á risca os nossos velhos.
Em outro tempo, amigo, os homens serios
Na rua não andavam sem florete,
Traziam cabelleira grande, e branca,
Nas mãos os seus chapeos; agora, amigo,
Os nossos proprios becas tem cabello;
Os grandes sem florete vão á missa,
Com a chibata na mão, chapeo fincado,
Na fórma em que passeiam os caixeiros.
Ninguem antigamente se sentava
Senão direito, e grave nas cadeiras,
Agora as mesmas damas atravessam
As pernas sobre as pernas N'outro tempo
Ninguem se retirava dos amigos,
Sem que dissesse, — adeus — agora é moda
Sahirmos dos congressos em segredo;
Pois corre, Dorotheu, a paridade,
Que os costumes se mudam c'os tempos.
Se os antigos fidalgos sempre davam
O seu direito lado a qualquer padre,
Acabou-se esta moda, o nosso chefe
Vindica os seus direitos: vê que o bispo
É um grande, que foi ha pouco frade,
E não póde hombrear com quem descende
De um bravo *patagão*, que sem disputa
Lá nos tempos de Adão já era grande.

. — .

Ainda, Dorotheu, no largo curro
Caretas não brincavam, nem se viam
Nos razos camarotes altas popas,
Enfeites com que lustram nescias damas,
Quando já no castello de madeira
As peças fuzilavam ; signal certo
De que o nosso heroe e o velho bispo
No adornado palanque se assentavam :
Agora dirás tu, é forte pressa !
Os chefes nos theatros entram sempre
Ás horas de correr-se acima o panno ;
Amigo Dorotheu, tu nunca viste
Uma creança a quem a mãi promette
Leval-a a ver de tarde alguma festa,
Que logo de manhã á mãi persegue,
Pedindo que lhe dispa os fatos velhos ?
Pois eis-aqui, amigo, o nosso chefe
Não quer perder de estar casquilho e teso
No erguido camarote um breve instante.
Chegam-se emfim as horas do festejo,
Entra na praça a grande cometiva,
Trazem os pagens as compridas lanças
De fitas adornadas ; vem á dextra
Os formosos ginetes arreados.
Seguem-se os cavalleiros, que cortejam
Primeiro ao bruto chefe, logo aos outros.
Dividindo as fileiras pelos lados,
Não ha quem o cortejo não receba
Em ar civil e grato : só o chefe
O corpo da cadeira não levanta
Não abaixa a cabeça ; qual o dono
Dos miseros escravos, quando juntos
A benção vão pedir-lhe, porque sejam

Ajudados de Deus no seu trabalho.
Feitas as cortezias do costume
Os destros cavalleiros galopeam
Em circulos vistosos pelo campo;
Logo se formam em diversos corpos
Á maneira das tropas, que apresentam
Sanguinosas batalhas; sôam trompas,
Sôam os ataballes e fagotes,
Os clarins, os boés e mais as frautas.
O fogoso ginetes, as ventas abre,
E bate com as mãos na dura terra:
Os dous mantenedores já se avançam·
Aqui, prezado amigo, aqui não lutam
Como nos espectaculos romanos
Com formosos leões, malhados tigres,
Os homens peito a peito e braço a braço.
Jogam-se encontroadas, e se atiram
Redondas alcancias, curtas cannas,
De que o destro inimigo se defende
Com fazel-as no ar em dous pedaços
Ao fogo das pistolas se desfazem
Nos postos as cabeças; umas ficam
Dos ferros traspassadas, outras vôam
Sacodidas das pontas das espadas.
Airoso cavalleiro ao hombro encosta
A lança no princípio da carreira.
No ligeiro cavallo a espora bate;
Desfaz com mão igual o ferro, e logo
Que leva uma argolinha a redea toma,
E faz que o bruto pare. Dois córos
Applaudem o successo, enchendo os ares
De grata melodia. Então vaidoso
Guiado de um padrinho ao chefe leva

O signal da victória que segura
Na dextra, aguda lança. O bruto chefe
Acceita a offerta em ar de magestade,
Á maneira dos amos quando tomam
As coisas que lhe dão os seus criados.

. — .

Principiam os toiros, e se augmentam
Do chefe as parvoices. Manda á praça
Sem regra, sem discurso e sem concerto.
Agora sahe um toiro levantado
Que ao máo capinha, sem fugir espera :
Acena-lhe o capinha, elle recúa
E atira com as mãos ao ar a terra.
Acena-lhe o capinha novamente ;
De novo raspa o chão, e logo investe,
Lá vai o máo capinha pelos ares ;
Lá se estende na arêa, e o bravo toiro
Lhe dá com o focinho um par de tombos ;
Nem deixa de pisal-o em quanto o nescio
Não segue o meio de fingir-se morto.
Meu esperto boisinho em paz se fica,
Que o nosso chefe ordena te recolham
Sem fazeres mais sorte, e te reserva
Pàra ao curro sahires, quando forem
Do Senhor do Bomfim as grandes festas.
Agora sahe um toiro que é prudente,
Se o capinha o procura logo foge,
Os caretas lhe dão mil apupadas :
Um lhe pega no rabo e o segura ;
Outro intenta montal-o ; e o grande chefe
O deixa passear por largo espaço.
Manda-lhe soltar os cães, manda metter-lhe
As garroxas de fogo, que primeiro

Que a pelle rompam do ligeiro bruto.
Nos dextros dedos do capinha estalam.
Com estes máos festejos que aborrecem
Se gastam muitos dias. Já o povo
Se cança de assistir na triste praça;
E ao ver-se solitario, o bruto chefe
Nos trata por insultos, mais ingratos.
  Soberbo e louco chefe, que proveito
Tirastes em gastar em frias festas
Immenso cabedal. que o bom senado
Devia consumir em coisas santas!
Suspiram pobres amas, e padecem
Crianças innocentes, e tu podes
Com rosto enxuto ver tamanhos males?
Embora sacrifica ao proprio gôsto
As fortunas dos povos que governas:
Virá dia em que mão robusta e santa,
Depois de castigar-vos, se esconda
E lance na fogueira as varas torpes.

THOMAZ ANTONIO GONZAGA

THOMAZ ANTONIO GONZAGA.

Thomaz Antonio Gonzaga, mais conhecido pelo nome de Dirceu, viu a luz, segundo suas proprias declarações, em 1747.

João Bernardes Gonzaga seu pai, depois de seguir cargos de magistratura na Bahia e Pernambuco, foi despachado desembargador do Porto. Ignorâmos as epocas em que successivamente serviu nessas tres cidades; se as conhecessemos, buscariamos onde se achava em 1747 a certidão de baptismo de seu mencionado filho Thomaz, a qual só nos dará o verdadeiro desengano ácerca de sua terra natal; sendo para nós insufficiente a tal respeito o que consta da Universidade de Coimbra.

O primeiro facto biografico incontroverso do poeta Gonzaga, de que temos conhecimento, é o haver-se elle matriculado em Coimbra, como estudante da faculdade de leis, no dia 1.º d'outubro de 1763, aos dezeseis annos de idade. Em 1768 parece que concluiu com as formaturas seus estudos universitarios.

Tambem nos não cabe dúvida que não foi

Minas a primeira provincia do Brazil onde viveu; pois se lembra, diz:

. . . . . da Bahia
Onde passei a flor da minha idade;

e nem se esquece das palmeiras e dos dois bairros em que era

« Partida a grã cidade. »

Mas é tão vaga para nós a expressão de « flor da idade, » que não sabemos se essa estada deve ter tido logar em companhia de seus pais antes de ir a Coimbra, ou se em algum primeiro posto da carreira da magistratura depois de formar-se.

Despachado ouvidor de Villa Rica, ignorâmos em que anno, foi Gonzaga na Capital de Minas encontrar primeiro os estimulos amorosos que o crearam poeta erotico, e depois a origem dos flagellos de que foi victima. Com effeito se por um lado lhe appareceu a sua Marilia (D. Maria Joaquina Dorothea de Seixas) que o inspirou a ponto de o tornar immortal, e se ao mesmo tempo encontrou no fiel Glauceste (Claudio) um amigo como raras vezes ha na terra; depois as suas virtudes tanto o recommendaram que chegou-se a crer que os mineiros o proclamariam chefe d'uma conspiração que premeditaram, o que lhe promoveu a prisão e degredo em Africa, onde falleceu como veremos.

Parece que o nosso poeta viveu ao princípio em Villa Rica, alheio a affeições amorosas; o que elle celebra quando já apaixonado por Marilia, e vendo-se mui outro:

Acaso são estes
Os sitios formosos
Aonde passava
Os *annos* gostosos?

A que o captivou era uma bella mineira cujas feições e predicados elle eternisou em seus versos; nem quiz que a posterioridade pozesse em questão a patria daquella que era para elle a fonte de toda a poesia:

« Tu formosa Marilia já fizeste
Com teus olhos ditosas as campinas
Do turvo Ribeirão em que nasceste. »

É verdade que Dirceu confessa que já antes de conhecer Marilia

Seus versos alegre
Ali repetia:

mas esses versos seriam provavelmente aquelles que depois engeitou para não deverem fazer parte da sua lyrica segundo nos manifesta:

N'uma noite socegado
Velhos papeis revolvia,
E por ver de que tratavam
Um por um a todos lia.

Eram cópias emendadas,
De quantos versos melhores
Eu compuz na tenra idade
A meus diversos amores.

Aqui leio justas queixas
Contra a ventura formadas.
Leio excessos mal acceitos,
Doces promessas quebradas

Vendo sem-razões tamanhas
Eu exclamo transportado:
Que finezas tão mal feitas!
Que tempo tão mal passado!

Junto pois n'um grande monte
Os soltos papeis, e logo,
Porque reliquias não fiquem,
Os intento pôr no fogo.

Então vejo que o deus cégo
Com semblante carregado
Assim me fala, e crimina
O meu intento acertado:

Queres queimar esses versos?
Dize, Pastor atrevido,
Essas Lyras não te foram
Inspiradas por Cupido?

Achas que de taes amores
Não deve existir memória?
Sepultando esses triunfos,
Não roubas a minha glória?

Disse amor; e mal se calla,
Nos seus hombros a mão pondo,
Com um semblante sereno
Assim á queixa respondo:

Depois, amor, de me dares
A minha Marilia bella,
Devo guardar umas Lyras,
Que não são em honra della?

O que importa, amor, que importa,
Que a estes papeis destrua;
Se he tua esta mão, que os rasga,
Se a chamma, que os queima, é tua?

Apenas amor me escuta
Manda que os lance nas brazas;
E ergue a chamma c'o vento,
Que formou batendo as azas.

E aqui nos occorre uma idea, que se bem pertença mais á crítica litteraria do que á biografia, não deixaremos pâra outra occasião. É mui possivel que a maior parte das lyras que se publicaram com o titulo de 3.ª *Parte* de suas poesias, e que são estranhas ao romance amoroso de *Marilia e Dirceu*, e os bons criticos tem regeitado em varias edições * como espurias, — é possivel, dizemos, que entre ellas haja várias legitimamente compostas por Gonzaga, mas do numero das que elle diz ter engeitado. De todas as lyras dessa chamada 3.ª *Parte* a unica que não é estranha ao romance é a seguinte, que nos dá o desfeixo delle pela despedida do poeta, que diz á sua Marilia que vai (como succedeu) morrer no desterro sem a tornar a ver.

* A edição original de Bulhões publicada aos cadernos continha só a 1.ª e 2.ª parte. — A' 2.ª se lacrescentou pela 1.ª vez em 1800 uma parte 3.ª que se reimprimiu na edição nunesianna de 1802. — As edições da imprensa régia de 1812 e da lacerdina de 1811 e 1819 dirigidas por criticos conspicuos não contém a tal 3.ª parte, o que julgâmos que seguiu Serva na Bahia em 1813. Posteriormente como o público entrou a ter por menos completas essas edições, a que presidia um razoavel escrupulo, começaram os editores a publicar sempre a 3.ª parte, que se encontra nas edições de Rolland de 1820, 1827 e 1840; na de 1824; nas de 1823 e 1823 de Nunes; na de 1827 da régia; bem como na de 1835 da Bahia, na de 1846 do Rio de Janeiro. — Nenhuma obra em portuguez a não ser o Camões tem tido mais edições neste seculo. Foi traduzida em francez pelo Sr. Monglave e em italianno com todo o esmero pelo Sr. Ruscalla.

Leu-se-me em fim a sentença
Pela desgraça firmada;
Adeus, Marilia adorada,
Vil desterro vou soffrer.
Ausente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

Que vá para longes terras,
Intimarem-me eu ouvi;
E a pena que então senti,
Justos ceos! não sei dizer.
Ausente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

Mil penas estou sentindo
Dentro n'alma, e por negaça
Me está dizendo a desgraça,
Que nunca mais t'hei de ver.
Ausente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

Por deixar os patrios lares,
Não me fere o sentimento;
Porém suspiro, e lamento
Por tão cedo te perder
Ausente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

Não são as horas que perco,
Quem motiva a minha dor;
Mas sim ver, que o meu amor
Este fim havia de ter.
Ausente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

A mão do fado invejoso
Vae quebrando em mil pedaços
Os doces, suaves laços,
Com que amor nos quiz prender.
Ausente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

Da desgraçaa lei fatal
Póde de ti separar-me:
Mas nunca d'alma tirar-me
A glória de te querer.
Ausente de ti, Marilia,
Hei de amar-te até morrer.

Aos felizes amores de Dirceu é consagrada a primeira parte da obra lyrica; são trinta e sete odes anacreonticas em que o poeta feliz com a sua estrella rende graças ao deus do amor por lhe haver concedido o bem de mais valia,

« De tudo quanto se cria
Ou nos mares ou na terra. »

É uma nova história de uma paixão amorosa que seguia seu caminho natural, com todas as competentes declarações, requebros, esperanças, mas quasi sem ciumes. — Ha por ahi reminiscencias do cantor de Teos * e mais poetas de sua escola.

* Compare-se da 1.ª parte a lyra 8.ª com a de Anacreonte que começa.

Σὺ μὲν λέγεις τὰ Θήβης, etc

e igualmente as seguintes
a 12.ª com a

Θέλω λέγειν Ατρείδας, etc

a 36 com a

Γράφε μοι etc.

e com a

Αγε, ζωγράφων ἄριστε, etc.

Outro tanto não succede na segunda parte que por um successo extraordinario vai dar originalidade ás composições do poeta.

Gonzaga despachado desembargador para a Bahia, cuidava dos preparativos da partida, no número dos quaes entrava talvez a prévia união á sua cara Marilia, quando uma occorrencia extraordinaria veio interromper sua felicidade. O capitão general de Minas, Visconde de Barbacena, foi informado que se tratava na provincia de seu mando de uma conspiração, e que Gonzaga era a pessoa indigitada para chefe do novo estado independente. Foi então Gonzaga preso e posto em segredo, quando Claudio, Alvarenga Peixoto, e outros.

Daqui por diante até partir para o degredo todas as penas, todas as queixas do amante infeliz, acham-se consignadas nos seus versos da 2.ª parte. A leitura attenta desta póde familiarisar-nos mais com os sentimentos do poeta na prisão do que o faria talvez uma auto-biografia escripta depois. E por tal fórma temos esta convicção que ora mesmo não ousâmos dar um passo sem primeiro correr de novo os olhos pelas 38 lyras da 2.ª parte.

. . . . . .

Assim o acabâmos de executar, e tal é a commoção de que nos sentimos ainda possuidos que nos treme a mão ao escrever estas linhas. Estamos profundamente convencidos de que Gonzaga foi martyr da prognosticada sedição, e que até era a ella inteiramente alheio. Assim o protestou bem solemnemente aos juizes, e com

todo o vigor d'alma o protesta nos seus versos a si mesmo, á sua Marilia, e ao mundo! — Ouçamol-o:

« A insolente calúmnia depravada
Ergueu-se contra mim, vibrou da lingua
A venenosa espada. »

Outra vez na lyra seguinte:

Não has de ter horror, minha Marilia,
De tocar pulso, que soffreo os ferros?
Infames impostores mos lançaram,
E não puniveis erros.

Esta mão, esta mão, que ré parece,
Ah! não foi uma vez, não foi só uma,
Que, em defesa dos bens, que são do Estado,
Moveo a sábia pluma.

É certo, minha amada, sim é certo
Que eu aspirava a ser de um sceptro o dono;
Mas este grande imperio, que eu firmava,
Tinha em teu peito o throno.

As fôrças, que se oppunham, não batiam
Da grossa peça, e do mosquete os tiros;
Só eram minhas armas os soluços,
Os rogos, e os suspiros.

De cuidados, desvelos, e finezas
Formava, ó minha bella, os meus guerreiros:
Não tinha no meu campo estranhas tropas:
Que amor não quer parceiros.

Mas póde ainda vir um claro dia,
Em que estas vis algemas, estes laços
Se mudem em prisões de alívio cheias.
Nos teus mimosos braços.

Vaidoso então direi: *Eu sou monarca;*
Dou leis, que é mais, n'um coração divino;
Solio que ergueo o gôsto, e não a fôrça,
É que é de aprêço dino.

Reparemos ainda nos seguintes versos:

Embora contra mim raivoso esgrima
Da vil calúmnia a cortadora espada;
Uma alma, qual eu tenho,
Não se receia a nada.
Eu hei de, sim, punir-lhe a insolencia,
Pizar-lhe o negro collo, abrir-lhe o peito
Co'as armas invenciveis da innocencia.

e nestes outros:

Tu Marilia, se ouvires
Que ante o teu rosto aflicto
O meu nome *se ultraja*
C'o supposto delicto
Dize severa assim em meu abono:
Não toma as armas contra um sceptro justo
Alma digna de um throno.

Dá porém terminante prova de sua não cumplicidade a lyra da mesma 2.ª parte, lyra mais fertil d'argumentos de defensa que de imagens eroticas. *

Eu vejo aquella deosa,
Astréa pelos sabios nomeada;
Traz nos olhos a venda,
Balança n'uma mão, na outra espada:
O vêl-a não me causa um leve aballo
Mas antes atrevido,
Eu a vou procurar, e assim lhe falo:

* Publicando neste logar esta lyra dispensâmo-nos de a repetir no corpo do Florilegio.

Qual é o povo, dize,
Que comigo concorre no attentado?
O americano povo!
O povo mais fiel, e mais honrado!
Tira as praças das mãos do injusto dono,
Elle mesmo as submette
De novo á sujeição do luso throno.

Eu vejo nas histórias
Rendido Pernambuco aos hollandezes;
Eu vejo saqueada
Esta illustre cidade, dos francezes;
Lá se derrama o sangue brazileiro;
Aqui não basta, supre
Das roubadas familias o dinheiro...

Em quanto assim falava,
Mostrava a deosa não me ouvir com gôsto;
Punha-me a vista teza,
Enrugava o severo e acceso rosto:
Não suspendo comtudo no que digo,
Sem o menor receio,
Faço que a não entendo, e assim prosigo.

Acabou-se, tyranna,
A honra, o zêlo deste luso povo?
Não é aquelle mesmo,
Que estas acções obrou: é outro novo?
E póde haver direito, que te mova
A suppor-nos culpados,
Quando em nosso favor conspira a prova?

Ha em Minas um homem,
Ou por seu nascimento, ou seu thesoiro,
Que aos outros mover possa
Á fôrça de respeito, á fôrça d'oiro?
Os bens de quantos julgas rebelados,
Podem manter na guerra,
Por um anno sequer, a cem soldados?

Ama a gente assisada
A honra, a vida, o cabedal tão pouco,
Que ponha uma acção destas
Nas mãos d'um pobre, sem respeito e louco?
E quando a commissão lhe confiasse,
Não tinha pobre somma,
Que por paga, ou esmola lhe mandasse?

Nos limites de Minas,
A quem se convidasse não havia;
Ir-se-hiam buscar socios
Na Colonia tambem, ou na Bahia?
Está voltada a côrte brazileira
Na terra dos suissos,
Onde as potencias vão erguer bandeira?

O mesmo autor do insulto
Mais a riso, do que a terror me move;
Deu-lhe nesta loucura,
Podia-se fazer Neptuno, ou Jove.
A prudencia é tratal-o por demente;
Ou prendel-o, e entregal-o,
Para delle zombar a moça gente,

Aqui, aqui a deosa,
Um extenso suspiro aos ares sólta;
Repete outro suspiro,
E sem palavra dar as costas volta:
Tu te irritas! Lhe digo, quem te offende,
Ainda nada ouviste
Do que respeita a mim, socega, attende:

E tinha que offertar-me
Um pequeno, abatido, e novo Estado,
Com as armas de fóra,
Co' as suas proprias armas consternado!
Achas tambem, que sou tão pouco experto
Que um bem tão contingente
Me obrigasse a perder um bem já certo?

Não sou aquelle mesmo,
Que a extincção do debito pedia!
Já viste levantado
Quem á sombra da paz alegre ria?
Um direito arriscado eu busco e feio,
E quero que se evite
Toda a razão do insulto e todo o meio?

Não sabes quanto apresso
Os vagarosos dias da partida?
Que a fortuna risonha,
A mais formosos campos me convida?
Não me uníra, se houvesse, aos vís traidores:
Daqui nem oiro quero;
Quero levar sómente os meus amores.

Eu, ó cega, não tenho
Um grosso cabedal dos pais herdado;
Não recebi no emprêgo,
Nem tenho as instrucções d'um bom soldado.
Far-me-hiam os rebeldes primeiro
No imperio, que se erguia
Á custa do seu sangue e seu dinheiro?

Aqui, aqui de todo
A deosa se perturba, e mais se altera;
Morde o seu proprio beiço;
O sítio deixa, nada mais espera.
Ah! vai-te, então lhe digo, vai-te embora:
Melhor, minha Marilia,
Eu gastasse comtigo mais est' hora.

Note-se que atribue a infames impostores as algemas que lhe lançaram; que julgava ultraje o ser taxado de cumplice na sedição; que tinha por impossivel e condemnava de inepcia se fosse entregar seus destinos ao *Tiradentes*

« . . . . pobre, sem respeito e louco,

que segundo o mesmo Gonzaga não era digno de outro castigo mais que o ser declarado em alienação.

O caracter do amante de Marilia manifesta-se em muitas de suas composições quando prêso. É admiravel a nobre audacia com que se resigna até a soffrer uma injusta morte, e a convicção que tinha de que essa morte era uma nova palma de martyrio que jámais murcharia.

Na innocencia me fundo
Mas não morreram outros
Que dávam honra ao mundo!
O tormento minha alma não recuses
A quem sábio cumpriu as leis sagradas
Servem de solio as cruzes.

. . . . se os justos céos, pâra fins occultos
Em tão tyranno mal me não soccorrem;
Verás então que os sabios;
Bem como vivem, morrem.

Eu tenho um coração maior que o mundo.
Tu formosa Marilia, bem o sabes:
Um coração, e basta,
Onde tu mesma cabes.

A par deste pensamento sublime vejâmos na seguinte estrofe lugubre como nessa hora estava talvez sua alma de contínuo pairando entre as esperanças de gozar Marilia e a morte:

Dircêu te deixa ó bélla,
De padecer cansado;
Frio suór já banha
Seu rosto descorado;
O sangue já não gyra pela vêa;
Seus pulsos já não batem,
E a clara luz dos olhos se bacêa;
A lagrima sentida já lhe corre;
Já pâra a convulsão, suspira e morre.

Alguma vez lhe assalta uma idéa tremenda, e que mais que a morte o deixa atormentar. Lembra-se que seu velho pai sabe da sua sorte, que soffre com ella perante a sociedade além de soffrer pelos padecimentos de seu filho.

Parece que vejo a honra
Marilia toda enlutada
A face d'um pai rugoza
N'um mar de pranto banhada.
. . . . . .

Por outro lado enternece o leitor, que conhece a biografia do poeta, ver o modo como este, ás vezes abraçado com a esperança, imagina um futuro mais tranquillo, em que a sua Marilia possa vir a contar a seus filhinhos as aventuras e prisões de seu pobre pai o triste Dirceu. Não respira menos confiança, aquella estrophe com que conclue outra lyra:

Qual eu sou, verá o mundo;
Mais me dará do que eu tinha,
Tornarei a ver-te minha:
Que feliz consolação!
Não ha de tudo mudar-se,
Só a minha sorte não?

Sua resignação ás vezes é tão grande que tem por alguns sido julgada menos sincera; não tanto quando christãmente diz

« E beijo a santa mão que assim me guia; »

porém sim quando roga á sua Marilia não pragueje ao seu accusador Barbacena por que diz

Não é o julgador, é o processo
E a lei que nos condemna.

A nós parece-nos haver demasiado rigor em tal modo de julgar, lembrando-nos de que o

maior número das lyras da 2ª parte foram ainda compostas em Villa-Rica, quando Gonzaga, pelas perguntas vagas que lhe fazia o magistrado Torres, não podia ter uma idéa de toda a culpa que lhe impunha, nem das authoridades que tomavam parte em sua accusação. — Talvez só quando com seus trinta e tantos coréos, em uma jornada de mais de um mez, passou á cadêa do Rio, e ahi compareceu perante a alçada é que soube todo o teor da accusação.

Depois da mencionada transferencia sua primeira composição é talvez a lyra (34) com mais visos de epistola, accusando o recebimento da carta em que Marilia lhe aconselha *siga o seu destino*, na certeza de que ella lhe será firme na ausencia.

A constancia de Dirceu é mais notavel, não como amante, pois não faltam exemplos d'amantes extremosos; sim como poeta que se votára a legar á posteridade um padrão de seu nome e da belleza da sua Marilia, do mesmo modo que Tasso e Patrarcha haviam grangeado fama, afamando para sempre Clorinda e Laura:

Mas se aos vindoiros
Teu nome passa
E só por graça
Do deus de amor,
Que tanto inflamma
A mente, o peito
Do teu pastor.
. . . . . .

Em vão terias
Essas estrellas,
E as tranças bellas,
Que o ceu te deo;
Se em doce verso
Não as cantasse
O bom Dirceu.

Gonzaga tinha uma alma nobre, que pensava mais na glória immortal que nas vaidades do mundo.

« É melhor. . . . . ser lembrado
Por quantos hão de vir sábios humanos,
Que ter arcos, ter coches e thesoiros
Que morrem com os annos. »

E para essa glória postera estava persuadido de que

« Só podem conservar um nome illustre
Os versos ou a história. »

Com esta idéa fixa Gonzaga não se occupa senão da sua Marilia. — Até na prisão se tinha imposto o dever de escrever cada dia em honra della algum canto:

Se me víras com teus olhos
Nesta masmorra metido,
De mil idéas funestas,
E cuidados combatido;
Qual sería, ó minha bella,
Qual sería o teu pezar?

Á fôrça da dor cedêra,
E nem estaria vivo,
Se o menino deos vendado,
Extremoso e compassivo,
Com o nome de Marilia
Não me viesse animar.

Deixo a cama ao romper d'alva;
O meio dia tem dado,
E o cabello ainda fluctua
Pelas costas desgrenhado.
Não tenho valor, não tenho,
Nem para de mim cuidar.

Diz-me Cupido: *E Marilia*
Não estima este cabello?
Se o deixas perder de todo,
Não se ha de enfadar ao vê-lo?
Suspiro, pego no pente,
Vou logo o cabello atar.

Vem um taboleiro entrando
De varios manjares cheio;
Põe-se na meza a toalha,
E eu pensativo passeio:
De todo o comer esfria
Sem nelle poder tocar.

Eu entendo que a matar-te;
Diz amor, *te tens proposto;*
Fazes bem: terá Marilia
Desgosto sobre desgosto.
Qual enfermo c'o remedio,
Me afflijo, mas vou jantar.

Chegam as horas, Marilia,
Em que o sol já se tem posto;
Vem-me á memória que nellas
Vi á janella teu rosto:
Reclino na mão a face,
E entro de novo a chorar.

Diz-me Cupido: *Já basta,*
Já basta, Dirceu, de pranto;
Em obsequio de Marilia
Vai tecer teu doce canto.
Pendem as fontes dos olhos,
Mas eu sempre vou cantar.

Vem o forçado accender-me
A velha, suja candêa;
Fica, Marilia, a masmorra
Inda mais triste, e mais fêa.
Nem mais canto, nem mais posso
Uma só palavra dar.

Diz-me Cupido: *São horas*
De escrever-se o que está feito:
Do azeite e da fumaça
Uma nova tinta ageito;
Tomo o páo, que penna finge,
Vou as lyras copiar.

Sem que chegue o leve somno,
Canta o gallo a vez terceira;
Eu digo a amor, que fico
Sem deitar-me a noite inteira:
Faço mimos, e promessas
Para elle me acompanhar.

Elle diz, que em dormir cuide,
Que hei-de ver Marilia em sonho
Não respondo uma palavra,
A dura cama componho,
Apago a triste candêa,
E vou-me logo deitar.

Como póde a taes cuidados
Resistir, ó minha bella,
Quem não tem de amor a graça;
Se eu, que vivo á sombra della,
Inda vivo desta sorte,
Sempre triste a suspirar?

Em quanto livre e feliz só Marilia lhe vinha ao pensamento; penando só a lembrança de Marilia lhe podia suavisar seus males.

A alçada creada no Rio condemnou Gonzaga a degredo prepétuo para as Pedras d'Angoche; pena commutada em dez annos de degredo para Moçambique.

Em fins de setembro de 1793, deixou este poeta o solo brazileiro para ir cumprir seu destino, que segundo elle mesmo dizia, na última lyra que compôz, era o de ir *morrer em vil desterro.*

Em Moçambique quiz dedicar-se á advocacia. Mas de contínuo lhe vinham á mente as injustiças dos homens.... fez-se hypocondriaco. — Lembravam-lhe suas antigas esperanças de amor e de glória... — frustradas.

Algum tempo depois sentia que a cabeça lhe abrazava... Deixou de trazer chapéo. Mas o calor que soffria não era fysico. Foi acomettido de uma febre violenta de que esteve á morte. Os soccorros da medicina restituiram-lhe a saude do corpo; mas o espirito ía de mal a peor. Quando não tinha accessos de furor ou de ternura obedecia em tudo á mulher que o tratára na doença.

E louco terminou seus dias em 1809 quem fôra capaz de compôr e de legar ao mundo a preciosa lyrica intitulada *Marilia de Dirceu.*

Lyras.

I.

Tu não verás, Marilia, cem captivos
Tirarem o cascalho, e a rica terra,
Ou dos cercos dos rios caudalosos,
Ou da minada serra.

Não verás separar ao habil negro
Do pezado esmeril a grossa arêia,
E já brilharem os granetes de oiro
No fundo da batêa.

Não verás derrubar os virgens mattos;
Queimar as capoeiras ainda novas:
Servir de adubo á terra a fertil cinza:
Lançar os grãos nas covas.

Não verás enrolar negros pacotes
Das sêccas folhas do cheiroso fumo;
Nem espremer entre as dentadas rodas
Da doce cana o sumo.

Verás em cima da espaçosa meza
Altos volumes de enredados feitos;
Ver-me-has folhear os grandes livros,
E decidir os pleitos.

Em quanto revolver os meus consultos:
Tu me farás gostosa companhia,
Lendo os factos da sábia mestra história,
E os cantos da poesia.

Lerás em alta voz a imagem bella,
Eu vendo que lhe dás o justo apreço,
Gostoso tornarei a ler de novo
O cansado processo.

Se encontrares louvada uma bellesa,
Marilia, não lhe invejes a ventura,
Que tens quem leve á mais remota idade
A tua formosura.

II.

Péga na lyra sonora,
Péga, meu caro Glauceste;
E ferindo as cordas de oiro,
Mostra aos rusticos pastores
A formosura celeste
De Marilia, meus amores.
Ah, pinta, pinta
A minha bella!
E em nada a cópia
Se afaste della.

Que concurso, meu Glauceste,
Que concurso tão ditoso!
Tu és digno de cantares
O seu semblante divino;
E o teu canto sonoroso
Tambem do seu rosto é dino,
Ah, pinta, pinta
A minha bella!
E em nada a cópia
Se afaste della.

Pàra pintares ao vivo
As suas faces mimosas,
A discreta natureza
Que providencia não teve!
Creou no jardim as rosas,
Fez o lyrio, e fez a neve.
Ah, pinta, pinta
A minha bella!
E em nada a cópia
Se afaste della.

A pintar as negras tranças
Peço que mais te disvelles,
Pinta chusmas de amorinhos
Pelos seus fios trepando;
Uns tecendo cordas delles,
Outros com elles brincando.
Ah, pinta, pinta
A minha bella!
E em nada a cópia
Se afaste della.

Para pintares, Glauceste,
Os seus beiços graciosos,
Entre as flores tens o cravo,
Entre as pedras a granada,
E para os olhos formosos,
A estrella da madrugada.
Ah, pinta, pinta
A minha bella!
E em nada a cópia
Se afaste della.

Mal retratares do rosto
Quanto julgares preciso,
Não dês a cópia por feita;
Passa a outros dotes, passa,
Pinta da vista, e do riso
A modestia, mais a graça.
Ah! pinta, pinta
A minha bella!
E em nada a cópia
Se afaste della.

Pinta o garbo de seu rosto
Com expressões delicadas;
Os seus pés, quando passeam,
Pisando ternos amores;
E as mesmas plantas calcadas
Brotando viçosas flores.
Ah, pinta, pinta
A minha bella!
E em nada a cópia
Se afaste della.

Pinta mais, presado amigo,
Um terno amante beijando
Suas douradas cadêas;
E em doce pranto desfeito,
Ao monte e valle ensinando
O nome, que tem no peito.
Ah, pinta, pinta
A minha bella!
E em nada a cópia
Se afaste della.

Nem suspendas o teu canto,
Inda que, pastor, se veja
Que a minha bocca suspira,
Que se banha em pranto o rosto;
Que os outros choram de inveja,
E chora Dirceu de gôsto.
Ah, pinta, pinta
A minha bella!
E em nada a cópia
Se afaste della.

Aquelle, a quem fez cégo a naturesa,
C'o bordão palpa, e aos que vem pergunta;
Ainda se despenha muitas vezes,
E dois remedios junta!

De ser céga a fortuna eu não me queixo;
Sim me queixo de que má céga seja:
Céga, que nem pergunta, nem apalpa,
É porque errar deseja.

A quem não tem virtudes, nem talentos,
Ella, Marilia, faz de um sceptro dono:
Cria n'um pobre berço uma alma digna
De se sentar n'um throno.

A quem gastar não sabe, nem se anima,
Entrega as grossas chaves de um thesoiro;
E lança na miseria a quem conhece
Para que serve o oiro.

A quem fere, a quem rouba, a infame deixa,
Que atraz do vício em liberdade corra;
Eu honro as leis do imperio, ella me opprime
Nesta vil masmorra.

Mâs ah! minha Marilia, que esta queixa
Co'a solida rasão se não coaduna;
Como me queixo da fortuna tanto,
Se sei não ha fortuna?

Os fados, os destinos, essa deosa,
Que os sabios fingem, que uma roda move,
É só a occulta mão da Providencia,
A sábia mão de Jove.

Nós é que somos cégos, que não vemos
A que fins nos conduz por estes modos;
Por torcidas estradas, ruins veredas
Caminha ao bem de todos.

Alegre-se o perverso com as ditas;
C'o seu merecimento o virtuoso;
Parecer desgraçado, ó minha bella,
É muito mais honroso.

Meu sonoro passarinho,
Se sabes do meu tormento,
E buscas dar-me, cantando,
Um doce contentamento,

Ah! não cantes, mais não cantes,
Se me queres ser propício;
Eu te dou em que me faças
Muito maior beneficio.

Ergue o corpo, os arcs rompe,
Procura o Porto da Estrella,
Sóbe á serra, e se cansares,
Descansa n'um tronco della.

Toma de Minas a estrada,
Na igreja nova, qne fica
Ao direito lado, e segue
Sempre firme a Villa Rica.

Entra nesta grande terra,
Passa uma formosa ponte,
Passa a segunda, a terceira
Tem um palacio defronte.

Elle tem ao pé da porta
Uma rasgada jauella,
E da sala, aonde assiste
A minha Marilia bella.

Pâra bem a conheceres,
Eu te dou os sinaes todos
Do seu gesto, do seu talhe,
Das suas feições, e modos.

O seu semblante é redondo,
Sobrancelhas arqueadas,
Negros e finos cabellos,
Carnes de neve formadas.

A bocca risonha e breve,
Suas faces côr de rosa,
N'uma palavra, a que vires,
Entre todas mais formosa.

Chega então ao seu ouvido,
Dize, que sou quem te mando,
Que vivo nesta masmorra,
Mâs sem alívio, penando.

Se o vasto mar se encapella
E na rocha em flor rebenta,
Grossa nau, que não tem leme,
Em vão sustentar-se intenta;
Até que naufraga e corre
Á discrição da tormenta.

Quem não tem uma belleza,
Em que ponha o seu cuidado,
Se o ceo se cobre de nuvens
E se assopra o vento irado,
Não tem fôrças, que resistam
Ao impulso do seu fado.

Nesta sombria masmorra,
Aonde, Marilia, vivo,
Encosto na mão o rosto,
Fico ás vezes pensativo.
Ah! que imagens tão funestas
Me finge o pesar activo.

Parece que vejo a honra,
Marilia, toda enlutada;
A face de um pai rugosa.
N'um mar de pranto banhada;
Os amigos macilentos,
E a familia consternada.

Quero voltar os meus olhos
Pâra outro diverso lado;
Vejo n'uma grande praça
Um theatro levantado;
Vejo as cruzes, vejo os potros,
Vejo o alfanje afiado.

Um frio suor me cobre,
Lassam-se os membros, suspiro;
Busco alívio ás minhas âncias,
Não o descubro, deliro.
Já, meu bem, já me parece,
Que nas mãos da morte expiro.

Vem-me então ao pensamento
A tua testa nevada,
Os teus meigos, vivos olhos,
A tua face rosada,
Os teus dentes crystallinos,
A tua bocca engraçada.

Qual, Marilia, a estrella d'alva,
Que a negra noite afugenta;
Qual o sol, que a nevoa espalha
Apenas a terra aquenta;
Ou qual Iris, que o ceo limpa,
Quando se vê na tormenta:

Assim, Marilia, destérro
Triste illusão, e demencia;
Faz de novo o seu officio
A razão e a prudencia;
E firmo esperanças doces
Sôbre a candida innocencia,

Restauro as fôrças perdidas,
Sobe a viva côr ao rosto,
Gyra o sangue pela vêa,
E bate o pulso composto:
Vê, Marilia, o quanto póde
Contra os meus males teu rosto.

DOMINGOS CALDAS BARBOZA.

DOMINGOS CALDAS BARBOZA.

Pouco antes da suppressão dos Jesuitas frequentava as aulas delles, no Rio de Janeiro, certo pardinho travesso, que se distinguia entre seus collegas pela grande facilidade que tinha de rimar. Esse joven, vendo-se applaudido em seus primeiros ensaios, começava a desmandar-se em invectivas de mau gôsto, quando, por correcção, lhe sentaram praça de soldado, e o destacaram para a Colonia do Sacramento, nesse tempo a Ceuta ou a Gibraltar d'America.

Se bem que não fossem as armas a vocação do bisonho militar, tão pouco encontraria nellas grande castigo; por quanto seu genio social e prazenteiro prompto lhe grangearia amigos entre os novos camaradas, com quem passar vida alegre e folgada. Entretanto voltando ao Rio quando a Colonia foi occupada pelos Hespanhoes em 1762, aproveitou a occasião para sollicitar sua baixa de serviço; e, apenas a conseguiu, resolveu, com auxilio de seu pai, passar-se ao Reino, onde veio a adquirir certa celebridade, que até agora tem sido, quanto a nós, ou exaggerada, ou, talvez innocentemente, calumniada.

Tratâmos de Domingos Barbosa Caldas, que

convem não confundir com o sublime e biblico poeta Sousa Caldas, tambem brazileiro, de quem adiante nos occuparemos.

O pai de Caldas Barboza, segundo elle nos dá a entender, era de Portugal:

Filho de honrado colono
Q'em soberba e curva quilha
Dos ventos ao desabono
Foi ao novo mundo e ilha
Soffrer o perpétuo somno.

N'outra occasião refere-se o mesmo Caldas á sua triste e longa história e á lealdade de seu pai que contada, diz elle, fazia a glória d'ambos: e accrescenta:

Herdei-lhe a infelicidade,
Mâs honro a sua memória.

Sua mãi era uma negra escrava de seu pai: ésta circumstancia do nascimento, que elle apregoava no rosto, parece que o affligia por extremo; se bem que alguma vez tratasse de atenuar:

Desde o triste nascimento
Fundára minhas razões
Se fôra aqui meu intento
Ir desculpar gerações:
E tenho em conhecimento
Que não houve dois Adões.

Rara vez encontraremos Caldas Barboza em suas composições repassado de melancolia, sem que nos fale do seu berço; o que nos faz crer que antes era a lembrança do mesmo berço que lhe inspirava esses versos sombrios. Citaremos em primeiro logar as quadras:

Rodeou feia tristeza
Meu berço logo ao nascer;
Bafejou-me a triste vida,
Serei triste até morrer.
Ao abrir dos frouxos olhos
Vi o dia escurecer,
Foi preságio da tristeza,
Serei triste até morrer.

bem como aquella:

Desgraçado desde o berço
Serei té á sepultura,
Pois assim o quiz meu fado
Chóro a minha desventura.

Faremos ainda menção dos sonetos, principalmente do que diz

Negro vapor da terra aos ceos alçado
Veio empecer-lhe a alegre louçania,

dos sentidos improvisos,

Ao som da lyra a chorar,

e das tristissimas quadras

Á mortal melancolia.

Caldas Barboza achava-se em Vianna do Minho quando recebeu a notícia fatal da morte de seu pai, que equivalia para elle ao annúncio de sua immediata indigencia:

Assim de remoto clima
Deixei do sul o cruzeiro,
Vi do norte a estrella em cima
De muito maior luzeiro;
Nas margens do claro Lima
Eu me vi orfão primeiro,
E então da fortuna opima
Vi o dia derradeiro.

Durante essa residencia em Vianna foi que elle compoz á *Tempestade* aquella ode:

> O torvo inverno sôbre pardas nuvens
> Caminha á foz do socegado Lima.

Por occasião da inauguração da estátua equestre d'ElRei D. José em 1775, foi Caldas Barboza um dos que appareceram a festejar essa solemnidade com suas composições poeticas.

Ao mesmo rei D. José dedicou Caldas a *Lebreida*, frouxa composição em 50 oitavas rimadas, que nem merece o nome de poema, e cujo assumpto foi uma real caçada de lebres, presenciada pelo autor, que á custa della ía ganhar talvez a protecção do monarcha, se não falecesse este logo depois:

> ..... Quem diria
> Quando o grande reí me honrou
> E da facil poesia
> Agradar-se assim mostrou;
> Que de noite, que de dia
> Gratamente me escutou;
> E a real protecção pia
> Franquear-me começou,
> Que tão pouco viviria. ! !

Felizmente para o infeliz orfão ao faltar-lhe tal Augusto, encontrou um Mecenas, que foi seu arrimo e amparo.

O Regedor das Justiças José de Vasconcellos e Souza (irmão do conhecido Vice-rei do Brazil), ao depois Conde de Pombeiro, foi o novo protector que appareceu a Caldas Barboza, a quem amparou por toda a vida; e tão grato

este lhe ficou que, apezar da prohibição que recebeu a maior parte das suas composições, fóra as cantigas, tem por objecto perpetuar as virtudes, acções, anniversarios natalicios, etc. do mesmo Conde Regedor e de sua boa familia.

Essa protecção não se limitou a dar-lhe cama e meza primeiro no palacio de seu irmão o Marquez de Castello Melhor, e depois de casar-se nos seus aposentos da Bemposta; senão que o fez ordenar, arranjou-lhe um beneficio, e o logar de capellão da Casa da Supplicação.

Além disso introduziu-o em toda a boa sociedade da Côrte, cuja estima o protegido depois soube captar, já pela facilidade de seus improvisos cantados ao som da viola, á similhança de um lyrico grego ou de um trovador da idade média, já por sua alma affectuosa e inoffensiva, que não creava inimigos, nem era accessivel a intrigas. Este acolhimento foi tal que a presença do Caldas tornou-se quasi uma necessidade de todas as festas, sôbre tudo das partidas do campo. Nas aristocraticas reuniões das Caldas, nos cansados banhos do mar, nos pictorescos passeios de Cintra, em Bellas, em Queluz, em Bemfica, sociedade onde não se achava o fulo Caldas com sua viola não se julgava completa.

Todos os sitios mencionados ficaram em seus versos commemorados; sendo para lastimar que o autor figura nelles geralmente mais como truão do que como poeta, v. gr. no seguinte estribilho

Ai eco
Ella é minha yáyá,
O seu *moleque* sou eu.

Màs em abono do nosso trovador cumpre dizer que essa abnegação devia de ser calculada. Caldas Barboza conheceu, por ventura, que na sociedade a paixão mais prejudicial nella mais commum, é a do amor proprio: tinha a consciencia do pouco valimento de sua côr n'um paiz onde ella era um máu preconceito: preferiu pois passar por bobo, ser o primeiro a escarnecer de si ainda á custa de sua dignidade, mas ir vivendo descançado; como fez depois o bom Tolentino, que a elle no caracter e no estillo ás vezes se assemelha.

Além de que a mesma falta premeditada de amor proprio era uma qualidade a favor dos improvisos de Caldas. Nelles olhava este só ao effeito do momento, não á rima e perfeição; surprehendia os motes e glosava-os segundo se lhe apresentavam; a tal ponto que alguns por incompletos parecem absurdos por que não se deram á imprensa as circumstancias que os acompanharam. Encontrareis ahi muitos desalinhos, e faltas d'arte, mas a travez dessa irregularidade e pobreza de vestuarios descubrireis muita vez inspirações originaes.

Podiam, quanto a nós, comparar-se as inspirações do nosso improvisador aos caprichos do pintor Goya. Este a rir reduzia a quadros, que depois se copiavam em razes, as murmurações da Côrte do Prado e do Escurial; mostra genio; mâs é na execução incompleto e ás ve-

zes grosseiro. Caldas tambem não quer saber de correcções: nos seus estribilhos admitte trivialidades, e até disparates semsabores; v. gr.

> Meu bem está mal com eu
> Gentes de bem pegou nelle
> Tape, tape, tipe, ti,

e outras quejandas, que fizeram com que alguem o nomeasse por autor de cantiguinhas com seus ai lé lé.

Andam por quasi duzentas as taes cantigas, que nos deixou. A maior parte correm impressas em dois volumes, accompanhadas do seu retrato. Muita gente se admira de que essas cantigas tivessem tão grande acolhimento, e por ventura chegou a condemnar o gôsto poetico da sociedade que as apreciava, sem se lembrar de dar desconto ao trovador, que se via muita vez obrigado só por comprazer a glosar sem inspiração; e aos ouvintes que não applaudiam só a poesia, mas tambem a melodia do accompanhamento da voz e da viola, e a docilidade daquelle que não se mostrava jamais esquivo em fazer-se agradavel.

Mas Caldas Barboza não deve ser só avaliado pelas suas cantigas: nem são ellas que lhe dão a côroa de poeta. Quintilhas nos deixou que têm muito da natural graça e singeleza das de Sá de Miranda; compoz muitos sonetos, e póde dizer-se que se ensaiou em todo o genero de poesia. No didactico possuimos delle, em rimas emparelhadas, uma recopilação da história sagrada, cuja 2.ª edição foi feita

em 1793. Della se conservam quasi todos os exemplares alçados e em papel, na livraria da Casa de Castello Melhor em Lisboa, e é obra que ainda hoje podia servir nas escolas para os meninos reterem na memória o mais importante da Escriptura. Compoz tambem Caldas neste genero duas epistolas a Arminda ácerca da metrificação, cujos preceitos expõe com clareza, mas demasiado pobremente. Alem disso fazemos menção do canto em verso solto, *O Jardim*; da canção

Qual enxame de abelhas sussurrando.

da traducção da ode 1.ª de Horacio, e da carta de M.me Deshonlieres á Snr.ª que queria ser poetisa, etc. Em fim as suas poesias lhe mereceram entrada na Arcadia de Roma com o nome de Lereno Selinuntino.

Caldas Barboza era para com os seus collegas superior a todo sentimento de inveja ou de rivalidade. Procurava quanto podia o trato dos poetas, aos quaes rendia muitos serviços, fazendo valer suas relações cortezãs. E longe de os recommendar humilhando-os ao seu valimento, procurava occasião favoravel para o fazer com dignidade, e de modo que cada qual se apresentasse logo a pedir com o direito adquirido por seu comprovado merecimento. Foi assim que uma vez se aproveitou de certo anniversario para recommendar ao seu Mecenas entre outros poetas a Elmiro (José Agostinho de Macedo), que na ode encomiastica ao Conde de Pombeiro consagra as seguintes expressões ao seu amigo Caldas:

Eia sublime, sonoroso Caldas,
Improviso cantor, eu pulso a Lyra,
Que Apollo enasta de frondosa rama;
O fogo que respira
Nos versos teus com rutilante chamma,
Com que a voluvel fantasia escaldas,
Eu sigo: e o vôo rapido qu'ergueste
Do ninho americano, onde nasceste.

Eia anima o meu canto, ao ceo sagrado
Eu me sinto levar; toco co'a frente
O convexo d'abobeda azulada
Do astro refulgente,
Já vejo o disco, e face illuminada,
Vejo o plano estensissimo encrespado,
Que sôbre um lenho intrepido sulcaste,
Quando o cruzeiro lucido encaraste.

Lá vejo a praia, lá descubro a arêa,
Na qual eleva a torreada frente,
A quem Neptuno cede o sceptro undoso;
Lá vão pelo horizonte
As ameas do muro magestoso,
Que em torno cinge a inclita Ulissea,
Côrte famosa, que avistando honraste,
Quando as arêas humidas beijaste.

Ah! tu não trazes o metal luzente,
Os accesos rubins, os diamantes,
Nem esses lenhos nos sertões cortados,
Nem aromas fumantes,
Que ponhas nos altares consagrados,
Que offerta o rico lucido Oriente;
Mâs versos urdes de immortal belleza,
Sublime voz da simples natureza.

Ah! tu de Vasconcellos hoje o dia
Natal na lyra, que te dera Apollo,
Aos astros leva, donde mora Astrea,
E de um a outro póllo,
Leva a glória da inclita Ulyssea
Na improvisa, na doce melodia,
Sôe o seu repentino altivo canto,
Q'a mim, ao mundo possa encher d'espanto.

Eu confundido, qual mesquinho ganço,
Entre bandos de cisnes sonorosos,
Que nas ismeneas ondas se mergulham,
E bebem dos undosos
Rios, que no Parnaso inda borbulham,
Tão remontados vôos não alcanço,
Que versos possa urdir alti-sonantes,
Mais sublimes qu'o oiro, qu'os diamantes.

Já a par de um bisavô, qu' o vacilante
Reino susteve nos nervosos hombros
Pela Patria infeliz sacrificado,
Entre pasmos, e assombros
Lá lhe levantam busto consagrado,
Fundido do metal puro, e brilhante,
Outros já pulem os penhascos broncos,
E já dos bosques desarreigam troncos.

A empresa é grande, porém tu sobejas,
Cinge-te a ella, sonoroso Caldas,
Desprega as aureas magestosas pennas,
Pois do Parnaso as faldas
Deixas, e sobes, as mansões serenas;
Más se outros vates inclitos desejas,
Que rouca tornem esta lyra minha,
Tens os cisnes qu'o fulvo Tejo aninha.

Elles louvem comtigo o natal dia,
Que tantas vezes seja repetido,
Q' Apollo gaste o coche e gaste as rodas;
Louvado, e applaudido
Seja dos povos, e das gentes todas,
Que cheios de prazer e de alegria
Lhe augurem para sempre dilatados
Seculos pelos ceos abençoados.

É verdade que nesta ode, cujo estylo elevado não condiz com o assumpto, parece que Elmiro * tinha mais em vista inculcar seus vôos que dizer o que sentia.

* Não perdoou Bocage a José Agostinho esta circumstancia na grande satyra com que o zurziu:

Chamaste grande, harmonico ao Lereno,
Ao fusco trovador, que em papagaio
Transformaste depois, havendo impado
Com taverual chanfana, alarve almoço,
A expensas do coitado orang-otango,
Que uma serpe engordou, cevando Elmiro.

Note-se porém que papagaio se chamava Lereno a si proprio:

Não é do Tamise um cysne
Que vai soltar doce canto:
Brazileiro papagaio
D'arrêmêdo a voz levanto.

Mais sinceros, se bem que menos estrondosos, são os elogios que lhe fazem Belmiro Transtagano (Belchior Curvo Semedo) Corydon Neptunino, e sôbre todos Eurindo Nonacriense, cujo seguinte trecho não podémos deixar de transcrever; pois nos revela o amavel caracter de Lereno:

. . . . . Unicamente
As virtudes pacíficas me aprazem.
Tu ris, Lereno amado? E c' o meneio
Dos prespicazes olhos do semblante
Como que approvas o pensar d'Eurindo?
. . . . . .
Sei que o mal te aborrece, o bem te enleia,
Que um coração te ha dado o Ser Supremo
Onde mil dotes candidos se acolhem.
. . . . . .

Más vejo, amavel Caldas, que te enojas
De tão comprida arenga, e que a sonora
Lyra tomando, que te afina Apollo,
Vás nella eternisar do grão Pombeiro.
Da illustre esposa virtuosa e bella,
Os claros nomes, meritos sublimes.
Da fresca Bellas, os amorosos troncos
Mover (que assombro!) vejo ao som divino.

Porém Caldas Barboza, apezar de sempre leal e consequente com seus amigos, teve por vezes o dissabor de não se ver correspondido. Chegou a ser íntimo de Bocage; mâs este poeta sacrificava os seus amigos ao prazer de exercitar sua innata maledicencia. Bem conhecido é o epigramma que compoz quando certo intrigante lhe foi dizer que se queixára Lereno dessa sua pessima qualidade:

Dizem que Fabio Beltrão
Em Bocage ferra o dente,
Ora é forte admiração
Ver um cão morder na gente?

Além de ingratidões similhantes, que são duras de soffrer a uma alma candida e ingenua, como a de Lereno, viu este ainda em vida hostilisado e enxovalhado por invejosos da reputação exaggerada que o público lhe creára. Este resentimento de varios arcades contemporaneos ainda dominava Filinto quando no desterro se incommodava de que applaudissem em Portugal

Os versinhos anões a anãs Nerinas
Do cantarino Caldas a quem parvos
Poem a alcunha de Anacreonte luso,
E a quem melhor de Anacreonte fulo
Cabe o nome; pois tanto o fulo Caldas
Imita Anacreonte em versos, quanto
Negro perú na alvura ao branco cysne.

Este juizo parece-nos apaixonado, e em parte contradictorio. O que é sem dúvida é que muitas composições de Lereno são, sem merecimento o que por fôrça devia succeder a quem

muita vez compunha só por obsequio, e sem inspiração. Màs algumas poesias ha suas que são bastantes para que os litteratos o tratem com consideração, embora se deva confessar que profundava pouco, sabía menos, não estudava, e tudo devia á natureza; pois como elle diz singelamente:

> Versos me viram fazer
> Por innato e doce tom.

Domingos Caldas Barboza terminou seus dias quasi ao mesmo tempo que o precedente seculo. Falleceu a 9 de Novembro de 1800 de uma rapida enfermidade que apenas lhe permittiu prover-se dos sacramentos. Depois de ser depositado seu corpo n'uma capella que tem os Condes de Pombeiro dentro de um bosque no seu palacio da Bemposta, foi enterrado na igreja parochial dos Anjos, em cujo liv. a fl. 277 está lavrado o seu assento de obito, do qual devemos uma certidão á bondade da Ex.ma Snr.a V. d'A. quando creança mui valída do nosso poeta, que a posteridade avaliará no justo termo que lhe cabe.

Segundo informações que obtivera o defunto conego Januario, Caldas Barboza nascêra no mar, vindo sua mãi d'Africa para o Rio de Janeiro. Esta informação cairia só por si diante das pessoas da familia de seu protector e do de J. Agostinho, que affirmam que elle era filho do Brazil. Màs o proprio Caldas diz que, quando nasceu,

> Por cima da infeliz choça
> Gralha agoureira se ouviu.

o que dá a entender que nascêra em terra. Mais: continuamente está elle a confessar que é brazileiro, chamando-se até papagaio, e pelo seu genio nem se lhe importaria de apropriar-se o epiteto de orang-otang, que lhe dá o seu amigo Bocage. Descrevendo a Albano em versos soltos certas festas de Queluz, diz tratando do Principe do Brazil:

É mais meu do que teu...
Do throno portuguez, é inda herdeiro,
Mâs é principe já da patria minha.

E quem não conhece aquelles seus versos:

Nós lá no Brazil
A nossa ternura,
A assucar nos sabe,
Tem muita doçura.

E os chulos lunduns da *Nhánhásinha* e do *Charapim*, em que se lembra da *cuia*, do *angú*, do *quingombó*, da *malagueta*, do *mel do tanque* etc. etc.

Não abandonemos pois ao oceano cosmopolita a nacionalidade do bom fulo Caldas, que tanto se occupou do Brazil.

Desafôgo do Estro.

Já fatigado de forçar vãmente
Aferrolhadas portas do futuro;
Cançado de espreitar por várias fendas
O que o tempo por vir-me tem guardado;
Surgir vejo o phantasma do possivel,
Q'ora se apouca, e ora se agiganta,
Sinto o pavor, que vai calando as veias,
E aqui me prende o sangue, ali o agita;
Ah! quer de mim fugir minha alma afflita!

Armania, Armania.. timido eu clamava,
E os soluços a rouca voz cortando,
Só arma, arma.. pelo ar soava,
E o echo o triste som ia alongando:
Não sei se mais me assusta a infeliz troca,
Que faz perder teu nome em minha bocca.

Mas graças a Morfêo co'a plumbea vara
O meu corpo tocou, e as dormideiras
Espremeu nos meus olhos assustados:
Cerram-se frouxamente á luz do dia,
E afracando-me os pés, falhando o passo,
Já na terra baquêa o corpo lasso.

Outra vez a Morfêo as graças rendo,
Q'arranjando a revôlta phantasia,
Faz q'em torno de mim ledos risonhos,
Voem alegres lisongeiros sonhos:

Vem com elles em placida mistura,
Vivificas voluveis esperanças:
Qual me mostra a abundancia bem de perto,
Q'a mão estende, e sôbre mim entorna
O seu torcido cofre, nunca exausto;
Qual me faz ver q'o meu merecimento
(Quanto se alegra esta alma com tal vista)
Cresce de dia em dia, e vai subindo
A'sombra do alto throno, q'o escuda,
Aos raios que fulmína a ardente inveja.
Ah seja embora assim, sempre assim seja,

Quem avalia a confusão q'eu tive,
Ao ver o lindo rosto da ventura,
Na sonhada phantastica figura?
Armania, Armania, viste-me risonho,
É q'eu vi a fortuna, mas foi sonho.

Pareceu-me que o templo seu me abria,
Que tu a elle mesmo me guiavas,
Q'inclinando-se meiga, já me ouvia,
Q'á sua protecção tu me entregavas,
Q'a poderoza mão ella estendia,
E que de onde eu jazia, ella me alçava.
Já quasi entrava as portas da fortuna,
Eis subito se ergueu vapor espesso;
Pàra aqui vou errado, ali tropeço.

Por entre a nuvem adiante opposta,
O templo eu vejo, as portas vejo abertas,
Lá vejo os bens, que pâra mim pedias,
Não é longo o caminho, o altar, é perto,
Mas se Armania me deixa, eu não acerto.

Armania, Armania, acode-me : que monstro
De orelhas azininas, larga bocca !
Não tem, não tem mais horridos latidos,
O rouco ladrador das tres gargantas.
Cruel maledicencia, assim se avança,
Vomita em mim o infernal veneno,
O' triste sorte do infeliz Lereno !

. — .

Os amores de feira.

Librado sobre as azas
O deus de amor eu vi gyrar tres dias :
Desce ao Campo da Luz entra nas casas :
Com elle as inquietas alegrias
Os traveços prazeres,
Desasocegam homens, e mulheres.

Ora poisava em ariçadas tranças
Ora se vê a furto em olhos bellos
Semeando esperanças,
Que dão por triste fructo horriveis zelos
Ora em peito se esconde,
E ali existe, e não se sabe aonde.

No logar em que o povo compra, e vende,
Ali pertende amor ter lucro grande,
Subtis laços estende,
Nem algum ha que ali seguro ande,
Dão-se arriscados passos,
E eu vi a mais de cem cair nos laços.

Destra belleza ufana passeava,
Turba immensa a seguia:
Com estudados gestos captivava,
E nunca se rendia,
A seus grilhões já presos
Vi muitos corações em vão accesos.

Martezia que de livre assim blasona,
E que tantos captiva
Por entre as ruas de baeta, e lona
Faz rabear a escrava comitiva,
E vai ao torpe bando
Desgraçados rivaes accrescentando.

Pendem d'um lado matizadas fitas,
Bordadas coifas, lenços mil galantes,
Várias plumas bonitas,
Lindas caixas, anneis extravagantes,
Com que o déstro caixeiro
Faz do que pouco val muito dinheiro.

De preparada concha a um lado alvejam
Pequenos corações com letras d'oiro,
Lem-se ali expressões, que se desejam.
Um acha o seu agoiro:
E numero infinito
Poupa em curto letreiro um longo escripto.

De um amphibio animal malhada casca
Dera os subtís anneis, que vende aos fios
Graciosa tarasca,
E os grosseiros bonecos d'assobios,
E as azues, e encarnadas charamelas.
E os molhos de perpetuas amarellas.

Já Martezia lá vai a recostar-se
Em certo mostrador, defronte eu fico;
Basta ella chegar-se
O pobre vendedor se torna rico:
Qual virtude eu conheço
Do que a ella lhe agrada sóbe preço.

Vãos peralltas lá vão em competencia,
Qual offertarlhe a fita primorosa,
Que acceita por decencia;
Qual leva por offrenda graciosa
Um coração bem feito,
Tão fragil como o que lhe esconde o peito.

Esta volante, e frouxa bateria
Não póde inda rendê-la;
E é falso amor, amor de zombaria,
O que se lê nos lindos olhos della:
E já Cupido irado
Tem digno vencimento destinado.

As magras bolsas dão o último alento.
E esta belleza invicta
Bem livre canta o proprio vencimento.
Fria isenção terriveis leis lhe dicta,
E astuta resistindo
Os deixou ir chorando, e ficou rindo.

Mas não zombes, cruel, que pouco tarda
A vingança d'amor,
A quem tua izenção não acobarda
Teme o teu vencedor,
Mil settas despontaste, mas espera
A que de Acrizio a prole já rendêra.

Fogosos brutos entre espuma envoltos
Duro freio raivosos mastigando
Param aonde os amorinhos soltos
Os virtuosos corações tentando
Escreviam attentos
A lista de futuros cazamentos.

Desce o moço Frondelio, então retine
O som das algibeiras
Não tarda que Martezia não se incline
Ás vozes lizongeiras
De oiro sempre suave,
Que ao peito sem virtude é propria chave.

Venceste, astuto amor, em fim venceste
Já Martezia delira,
Não fazem todos o que fez só este,
A cruel já suspira,
Ao seu vil interesse é despresado
Mas alviçaras, amor, estás vingado.

Incautos moços, conhecei o engano,
E nelle contenplai o que eu contemplo,
E pâra o outro anno,
Lembrando o conto que vos dou d'exemplo,
Ninguem fiar-se queira
Em achadiços corações da feira.

Boas festas. *

Eis-me a vossos pés prostrado,
Dai-me a beijar essa mão
Capaz de mudar meu fado,
E que em piedoza intenção
Me tem beneficiado.

Por ésta occasião, por ésta
Eu vos venho apparecer
Hoje com cara de festa,
Enfeitada do prazer,
Qu'entre esperanças me resta :

Felizes annos conteis,
Pedir aos céus me compete,
E fazei vós, que podeis,
Me seja o de oitenta e sete
Melhor, que o de oiterta e seis.

Este o tempo, vós sabeis,
De cumpridas profecias :
Tenho fé nas que fazeis,
Lembro mais, que estou nos dias
Dos donativos dos rêis.

Mas temo uma má ventura,
Que tudo o meu me baralha,
E cruel talvez procura
Embrulhar-me na mortalha,
Tristes bens da sepultura.

* Ao Arcebispo Inquisidor.

Dai-me vós algum conforto,
Marcai mais curta ésta méta:
Q'ás vezes pondero absorto,
Que já Camões o poeta
Foi feliz depois de morto:

Quizera que a real mão,
Que faz felizes as gentes,
Me tirasse de aflição:
E em quanto inda tenho dentes
Me desse da Igreja o pão.

E mais que o proprio sustento
Vai-me a honra interessada,
Porque haverá fraudulento,
Q'afirme, que não ter nada
É não ter merecimento.

Fôra o meu crime cantar,
Se isto crime póde ser!
Agora vou-me a mudar
De cantar para comer,
A comer para rezar.

E pois que o Senhor vos pôz
Onde me valhais assim:
Vá um ajuste entre nós:
Orai vós, e orai por mim,
E eu rezarei por vós.

Não quero ser mais extenso,
Boas festas vos agoiro;
E ao Misterio a que eu pertenço,
Fazei possa offertar oiro,
Q'eu só tenho mirra, e incenso.

Aos annos da condessa de Pombeiro.

Hoje é dia de oblação,
E eu trago do meu tezouro
Coizas, que já raras são:
Valem mais que prata, e ouro,
Pedaços de gratidão.

Trago palavras, Senhora,
Q'offertar-vos: não duvido;
Ralhe o Mundo muito embora,
Q'expressões de agradecido
Não são de lançar-se fóra.

Mas disto não venho mal;
E se eu mesmo testimunho,
Q'ante vos ser grato val:
Da gratidão com o cunho
Trago muito cabedal.

Trago dos meus companheiros,
Os que vos servem commigo,
Q'ahi vedes prazenteiros,
Parabens de cunho antigo
Singelos, e verdadeiros.

Qual diz: que aos céus vos pediu,
E que do céo vos julgou,
Apenas vos descobriu;
Pois as que o céu vos doou,
Graças iguais nunca viu.

Qual vos viu entre as mantilhas,
E logo, em belleza, diz:
Que podieis dar partilhas,
E mostra que as repartís
Pelos filhos, pelas filhas.

Qual vos trouxe nos braços,
E qual pelas andadeiras
Vos teve em primeiros passos:
Qual conta as graças primeiras,
E pueris desembaraços.

Por todos se nota então
Quanto mais fieis crescendo
Ia crescendo a razão;
Mais, e mais aparecendo
Formozura, e discrição.

Trago entre tantos louvores
Com o toque da verdade
Agradecidos clamores,
De vozes de toda a idade,
Gentes de todas as côres.

Reparai bem no alvoroço
De mim, e de todos estes:
Reparai no aceio nosso:
Pâra tanto vós nos destes,
Quanto vêdes tudo é vosso.

Mâs aqui não pareis, não:
Veja o vosso entendimento,
Qual vem nosso coração,
Que traz agradecimento
Por cambio de gratidão.

Tomemos um tom mais alto :
Convem á honra do dia ;
Saiba o Mundo que eu não falto,
Dando em signal de alegria
Até nos versos meu salto.

Dos outros disse até-qui ;
Agora de mim direi :
Que logo quando vos vi
Desde então presagiei
Cumpriu-se o qne eu antevi,

Inda nas faxas honraste
Minha rude cantilena :
Já quando então me escutaste,
Sempre ao som da minha avena
Piedosos olhos voltaste.

A minha uzada amargura
Diminuir-se eu sentia :
Cuidei que era a formosura,
A cujo esplendor fugia
Minha feia má ventura.

Batia o meu coração,
Qual podia se expessava,
Elle me dizia então :
Qu'em vossos dias estava
Dos meus a consolação.

Quando na desgraça minha
José estancou meus ais,
Roguei ao céo, qual convinha,
Desse aos outros grandes mais
Almas, como a que elle tinha.

Ouve o céo meus gritos lassos;
Foi a minha voz ouvida:
Teceu estes doces laços,
Eis sua alma á vossa unida
Já nos dão dignos pedaços.

Possa a tão justa união,
Segura em doces affectos,
Respeitar do tempo a mão,
E os netos dos vossos netos
Recebam vossa benção.

Quando vai meu voto ardente
Revoando ao céo assim:
Sabe o Deos Omnipotente.
Que não sois só pâra mim
Sois o bem de muita gente.

Portugal, que não se esquece
Do que dos vossos lhe vem,
E medita o que carece,
Pede comigo tambem
Q'é seu o mesmo interesse.

Nega-me o céo cabedais,
Qual seja a razão não sei;
Porém como vós vivais;
Mais nada ao céo pedirei:
Vivei, não dezejo mais.

Fragmento dirigido ao primogenito da dita condessa.

Senhor, deveis escutar
Estes meus conselhos serios,
E n'alma os deveis gravar:
É mais que ganhar Imperios
O sabe-los governar.

Nunca a discordia desuna
Nações, que a amisade enlaça,
Que vos obrigue importuna
A ser de outros a desgraça:
Ah! sêde a nossa fortuna!

Sêde dos servos que crescem
Amparo e consolação:
Honrai-os, que honra merecem.
Sêde arrimo e dai a mão
Aos que como eu envelhecem.

Sei que pouca perda vai,
Succedem outros a estes;
Porém um pouco notai,
Achaste-os quando nascestes,
Já serviam vosso pai.

E quando frôxos e lassos,
Para a vossa companhia
Não podérmos já dar passos,
Lembre-vos, senhor, um dia,
Que vos trouxemos nos braços.

Guardai em vossa lembrança
O que é digno de reter,
Que merece confiança;
E não é para perder
Uma servidão de herança.

Pois que o céu assim dispôs
A obrigação nos reparte:
Vivei, senhor, para nós;
E do mundo em qualquer parte
Nós morreremos por vós.

Lyra ao dito primogenito.

Deixa qu'a lyra
Nas mãos eu tome;
E qu'o teu nome
Possa cantar:
Vai-te ensaiando
Desde pequeno
A ouvir Lereno
Por ti clamar:

Se um nome queres
Digno de glória,
E qu'a memória
O haja de honrar:
Tens os modelos,
Não busques mais,
Os dignos pais
Te hão de guiar.

Vai bem quem segue
Destes modelos,
Qu'os Vasconcelos
São de imitar:
Deixam-te a glória
Castellos-Brancos
Caminhos francos
Para trilhar

Diser podia
Pasmosas cousas,
Que dos teus Sousas
Ha que contar:
Se eu chamo os seculos
Por testimunhas,
Corrêas, Cunhas,
Ouves louvar.

Quando tu leres
A lusa história,
Tua memória
Tens que fartar:
Illustre Aonio,
Graças aos céus,
Podes dos teus
Lições tomar.

Se eu fosse proprio
Para ensinar-te.
Bem pouco d'arte
Tinha q'usar:
Basta mostrar-te
Dos teus o trilho,
Vai d'aguia o filho
O sol buscar.

Já sobre o Pindo
Eu me levanto,
Ouço alto canto
Teu nome alçar:
Para escreve-lo,
Doiradas pennas,
Sábias Camenas
Vão preparar.

O céu vigie
Na tua idade,
E ésta verdade
Verás chegar:
Nos pobres versos.
Qu'off'recer venho,
A honra tenho
De a annunciar.

Que é saudade? — (*Fragmento*)

Pois saber o qu'é saudade
Gentil O'Neile careces,
Vou talvez diser-te um mal,
Que soffres e não conheces.
Dirão uns qu'é sentimento,
Que só portugueses tem;
E qu'importa falte aos outros,
Vozes qu'o expliquem bem:
Màs eu, senhora, não quero
Illudir vossa grandesa:
Saudade — é nome qu'explica
Triste mal da naturesa.

Filha da cruel ausencia
È essa terna paixão,
Que se nutre de esperanças
No sensivel coração:
De lembranças e desejos,
Tristemente acompanhada,
Punge e fere uma alma terna,
Do amado separada.
Por exemplo — dividida
Da tua cara metade,
Toda essa falta que sentes,
Isso, O'Neile, é qu'é saudade.
Em meio de mil praseres,
Sempre ésta paixão é triste;
E a seu íntimo tormento,
Nenhuma coisa resiste:
Obriga a lagrimas tristes,
Obriga a sentidos ais,
Nem só humanos obriga,
Inda a brutos animaes.
Ouve o saudoso gorgeio
Da amorosa philomella,
Quantas vezes te enterneces
Co'a triste saudade della:
O aureo collo entumecendo,
Arrullando o pombo afflicto,
Tenra esposa que lhe falta
Chama em seu saudoso grito:
Bravo, sanhudo leão,
A madeixa sacudindo,
Se a cara leoa prendem,
Os campos corre bramindo.

Traz estes males amôr,
Porém a dôce amisade
Não deixa de ter tambem
A doença da saudade.
Tu, qu'a memória tens cheia
De mil successos antigos,
Escusas qu'eu te reconte,
Tristes, saudosos amigos.
Do teu Augusto Ricardo,
Te lembre a célebre história,
E vê do amigo saudoso
Qual seja a honrada memória:
Tambem de fido animal,
Que seu bom senhor perdeu,
Se conta que de saudades,
Junto ao sepulcro morreu.
É de temer este mal,
O tempo o torna mais forte;
E em lhe faltando a esperança,
Bem depressa é mal de morte.
Basta, senhora: já sabes,
Qu'em fim saudade só é
O sentimento que um soffre,
Quando o qu'estima não vê.
Tu, qu'onde quer qu'appareces
Causas amôr e amisade,
Terás dado (oh! não duvido!)
Motivo a muita saudade.

A Melancolia.

Pastoras não me chameis
Pâra vossa companhia,
Que onde eu vou comigo levo
A mortal melancolia.
Coube-me por triste sorte
Eclipsada estrellía impía,
Que em meus dias sempre influe
A mortal melancolia.
Logo ao dia de eu nascer,
Nesse mesmo infausto dia,
Veio bafejar-me o berço
A mortal melancolia.
Por cima da infeliz choça
Gralha agoireira se ouvia,
Que a meus dias agoirava
A mortal melancolia.
No meu innocente rosto
Quem o notava bem via,
Que em triste côr se marcava
A mortal melancolia.
Que fiz eu á naturesa,
Á fortuna eu que faria,
Para inspirar-me tam cedo
A mortal melancolia!
De alegria ouço eu falar,
Mâs não sei que é alegria:
Nunca me deixou sabe-lo
A mortal melancolia.

Se um anno triste se acaba,
Triste o outro principia:
Marca as horas, dias, mezes,
A mortal melancolia.
Sou forçado a alegre canto,
Faço esforços de alegria,
E occulto no fundo d'alma
A mortal melancolia.
Enxugo o pranto nos olhos,
Obrigo a que a bocca ria,
Pâra disfarçar comvosco
A mortal melancolia.
Não quero com os meus pesares
Funestar a companhia;
Que é uma peste que lavra
A mortal melancolia.
Se os seus bens me mostra a sorte
Móstra-m'os por zombaria;
Porque pâra mim só guarda
A mortal melancolia.
Sonhei que uma augusta mão
Venturoso me fazia:
Foi sonho — e fica em verdade
A mortal melancolia.
Fui abranger as venturas
Que o sonho me offerecia;
E despertei abraçando
A mortal melancolia.
Se um praser se me dirige,
Occulta força o desvia:
Só de mim se não separa
A mortal melancolia!

Ella me vai consumindo
De hora a hora, dia a dia ;
Sinto-me ir desfalecendo
Da mortal melancolia.
O sangue vai-se gelando,
O coração se me esfria :
Fica em paz Armenia — eu morro
Da mortal melancolia.
Inda quando o frio corpo
Se envolver na terra fria,
Ha de corroer meus ossos
A mortal melancolia.
Se acaso dura a tristesa
Dos numes na companhia,
Ali mesmo hei de ter n'alma
A mortal melancolia.
Sobre a minha sepultura
Que escrevessem eu queria,
Um epitafio em triumpho
Da mortal melancolia.
Lereno alegrou os outros,
E nunca teve alegria :
Viveu — e morreu nos braços
Da mortal melancolia !

Zabumba.

Amôr ajustou com Marte
Vãos mancebos alistar,
Um lhes dá trabalho honroso,
Outros os faz rir e zombar:
Tan, tan, tan, tan, tan, zabumba
Bella vida militar:
Defender o rei e a patria,
E depois rir e folgar.

Toca Marte á generala,
Vai as armas aprestar:
Amôr tem praseres dôces,
Com que os males temperar;
Tan, *etc.*

Ouço o rufo dos tambores,
Já dali toca a marchar;
Os adeuses são ápressa,
Não ha tempo de esperar:
Tan, *etc.*

Vai passando o regimento
E as meninas a acenar;
Vão as armas perfiladas,
Mal se póde a furto olhar:
Tan, *etc.*

A mochila que vai fofa,
Pouco leva que pesar ;
Pouco pão e pouca roupa,
Màs saudades a fartar :
Tan, *etc.*

A cidade que é de lona,
Vejo ápressa levantar ;
Põem-se as armas em sarilho,
Vai a tropa descançar :
Tan, *etc.*

Vigilantes sentinelas
Vejo álerta passear :
Quem vem lá ! quem vai ! faça alto !
Sempre *álerta* ouço gritar :
Tan, *etc.*

Vejo alegres camaradas
Os baralhos apromptar ;
Param, topam sujo cobre
A perder, ou a ganhar :
Tan, *etc.*

Dá-se um beijo na borracha,
Lá vão brindes a virar ;
E co'a pública saude
Vai tenção particular :
Tan, *etc.*

Vem quartilho, vai canada,
Toca em fim a emborrachar ;
A cabeça bambaleia,
Ali ouço ressonar :
Tan, *etc*

Corre o qne vigia o campo
Vem perigo annunciar:
Péga ás armas, péga ás armas,
Dobra a marcha e avançar:
Tan, *etc.*

Uma brigada em columnas,
Marcha a outra a obliquar,
Os contrarios fazem cara,
Toca a morrer e a matar:
Tan, *etc.*

Já fusila a artilharia,
Sinto as ballas sibilar;
Nuvens já d'espesso fumo
Vão a luz do sol turbar:
Tan, *etc.*

Ouço o bum, bum bnm das peças,
Vejo espadas lampejar;
Lá vão pernas, lá vão braços,
E cabeças pelo ar:
Tan, *etc.*

A batalha está ganhada
Vão o campo saquear;
Vem bandeiras arrastando,
Toca em fim a retirar;
Tan, *etc.*

Venha a nós — viva quem vence!
Quem morreu deixa-lo estar;
E da patria no regaço
Os heroes vem descançar:
Tan, *etc.*

Os que salvam da peleija
Vem a amor as graças dar;
E em signal da sua gloria
Juntam flores ao cocar:
Tan, *etc.*

Os olhos que viram tristes
Vem agora consolar:
A saudade se esvoaça,
Torna a posse ao seu logar:
Tan, *etc.*

Vem familia, vem visinhos
Boa vinda festejar;
E da bocca gloriosa
Grandes cousas escutar:
Tan, *etc.*

Despe a veste, mostra o peito,
Quer sisuras procurar;
Mâs o tempo sarou tudo,
Nem signal se póde achar:
Tan, *etc.*

Que affrontou sempre os perigos
Gentil dama ha de escutar;
S'estimou guardar a vida;
É só pâra lh'a entregar:
Tan, *etc.*

Um merecimento novo
Tem de novo a apresentar,
Vem mais rico de esperanças,
Tem despachos que esperar:
Tan, *etc.*

Ha de ter a fita verde
De uma ordem militar;
Soldo em dôbro por tres meses
Que a senhora ha de gastar:
Tan, *etc.*

Não credes, meninas, nestes,
Não é certo o seu amar;
Costumados sempre á marcha
Até amam a marchar:
Tan, *etc.*

Retratos.

Quero Lucinda
Bem retratar-te,
Se acaso a arte
Tanto pudér.
Finos cabellos
Em trança grossa,
Temo que possa
Pintal-os bem.
Dos lindos olhos
A luz tão viva,
Côr expressiva
Nunca eu darei.
Não tens nas faces
Jasmins e rosa,
Côr mais graciosa
Nas faces tens.

Todas t'a invejam,
E ha quem ser queira,
Assim trigueira
Como tu és.
Tão linda bocca
Graciosa e breve,
Ninguem a teve
Nem póde ter.
Quando tu mostras
Os alvos dentes,
Causas ás gentes
Doce prazer.
Vem por entre elles
Vozes discretas,
São de amor settas
Que ferem bem.
Risos e graças
Não tem pintura,
Tanta doçura
Cópia não tem.
Guardas no seio
De amor o encanto,
Màs cobres tanto
Que não se vê.
Se o gentil corpo
Quero imitar-te,
Desmaia a arte
Tu bem o vês.
Pobre Lereno
Vê que é loucura,
Deixa a pintura
Beija-lhe os pés,

Neste retrato
Se acaso eu minto,
É porque pinto
Menos do qu'és.

Não digo o nome
Da minha amada,
Que não tem nada
Que conhecer.
Com tanta graça
Não ha ninguem.

Amor nos fios
Da loura trança,
Quantos alcança
Vai enlaçar.
Mais prêso q'eu
Ninguem está.

A luz dos olhos
Nunca se eclipsa,
Ali atiça
Seu fogo amor.
Não é tão bella
A luz do sol.

A côr das faces
Lindas formosas,
É a das rosas
Com os jasmins.
Outra nenhuma
Tem côr assim.

Guarda na bocca
As mais graciosas
Perlas preciosas
Entre rubins.
Que voz tão rica
Se fórma ali!

É cofre rico
O niveo peito,
Do mais perfeito
Mais puro amor.
Guard'a minh'alma
Que eu la fui pôr.

Os pés mimosos
Com graças tantas,
São tenras plantas
São pés de flor.
Eu vou beijar-lh'os
Seja o que for.

Se acaso virem
A ninfa bella,
Que como ella
Não ha ninguem.
É essa mesma
Que é o meu bem.

Sonetos.

Negras, nocturnas aves agoiraram
Este funesto, malfadado dia!
Dia em que a triste idade principia
De um triste, que as desgraças bafejaram:
Quanto ha de mau, em duros nós ataram
Átropos, Cloto e Láchesis impía,
Que ésta nodosa vida estende e fia
Pàra males que ainda não chegaram.
Tocou-me o berço a mão cruel e dura
Da céga e inconstante Potestade,
Que enche meus pobres dias de amargura:
Mágoas, desgostos, marcam minha idade,
Mâs esqueceu á minha má ventura,
Tirar-me o refrigerio da amisade.

Neste dia fatal — infausto dia,
Nasceu ao mundo mais um desgraçado;
E bem que pelas musas embalado,
Só para Melpomene é que nascia:
Quando a funesta aurora resurgia,
O lucido caminho achou turbado,
Negro vapor da terra aos céus alçado,
Veio empecer-lhe a alegre louçania:
Tres veses trôa o céu, e do Cocyto
Soltou a inveja as viperinas tranças,
Soou da parte esquerda um rouco grito:
Ah! nasceste infeliz — e em vão te canças!
Lereno, já teu fado estava escripto,
Serão teu maior bem vãs esperanças!

PADRE ANTONIO PEREIRA DE SOUSA CALDAS.

PADRE ANTONIO PEREIRA DE SOUSA CALDAS.

A BIOGRAPHIA dêste illustre cidadão, modelo dos ecclesiasticos e honra do pulpito, foi ja escripta por um orador igualmente illustre *, e por isso nesta collecção a daremos apenas em resumo, e quanto baste a fazer conhecer o poeta e o individuo.

Antonio Pereira de Sousa Caldas nasceu no Rio de Janeiro no dia 24 de Novembro de 1762. Sendo de compleição mui debil na idade de oito annos, seu pai que era um commerciante da mesma cidade o mandou a Lisboa recommendado ao cuidado de um tio, negociante abastado, que, conhecendo nelle decidida vocação ás lettras, nada poupou pâra lh'a cultivar. Mandou-o, pois, a Coimbra, onde, começando a distinguir-se já nas aulas do curso de direito, ja nas palestras com seus collegas, já em suas composições poeticas, foi apanhado pelos do Santo Officio, havendo quem diga que por *maçon*.

* O Conego Januario da C. B. — *Rev. do Inst. Hist. do Rio de Janeiro*, T. II. p. 126.

Remettido pâra Lisboa, foi por ordem do Govêrno e a empenho de seu tio, transferido pâra o convento de Rilhafoles, a fim de ser ahi cathequisado por seis mezes. Os Rilhafolistas desempenharam de tal modo a sua missão, que não só ganharam a affeição do joven cathequista, como talvez ahi lhe fizessem nascer a vocação pâra a vida ecclesiastica que depois abraçou.

Saindo do convento fez uma pequena viagem a França, indo recommendado em París ao embaixador de Portugal o Marquez de Pombal, filho. — Regressando a Lisboa seguiu á Universidade de Coimbra, onde concluiu com distincção sua formatura em direito.

Regeitando a carreira da magistratura, que se lhe offerecia, foi a Roma tomar ordens. A viagem que então fez pelo mediterraneo até Genova, descreve elle em uma carta de prosa e verso a seu amigo João de Deus Pires Ferreira, que se acha impressa entre suas obras, e no *Parnaso Lusitano*, pelo que não a reproduzimos, apezar de ser um espelho do seu caracter. A pequena ode ao Creador ao entrar o estreito é digna do primeiro de nossos poetas sagrados.

Voltado a Lisboa depois de tomar ordens em Roma, não se demorou ahi muito; pois quiz ir ver sua patria e sua mãi. Estava outra vez em Lisboa, quando pela entrada dos Francezes regressou ao Brazil, donde nunca mais saíu.

Aqui começa verdadeiramente a melhor época da vida do Padre Caldas, ao menos aquella

em que adquiriu mais glória, e patenteou seus talentos oratorios. Todos os domingos se apinhava o melhor da cidade pâra o ouvir no templo de Santa Rita, cujo pulpito elle escolhêra por estar junto da pia onde fôra feito christão.

Nas occasiões mais solemnes da côrte, nas festas maiores das outras igrejas, o Padre Caldas era sempre o prégador procurado.

Mâs pouco lhe duraram seus dias de glória. Debil de constituição e applicado mais do que ésta lhe permittia, acabou desta vida aos 2 de Março de 1814, e foi enterrado no convento de Santo Antonio da mesma cidade. Foi bom amigo, homem probo e esmoler.

Suas poesias sagradas e profanas, que deixou pâra corrigir e publicar ao General Stockler, tambem poeta, tem mais nomeada por aquellas que por éstas; por isso mesmo que sua vocação o fez occupar-se mais das primeiras.

Publicaram-se em París em 1821, com mui importantes notas e comentos de Stockler; e em 1836 se deram á luz em Coimbra dois tomitos em que não se contém as traducções.

Outras obras deixou, das quaes apenas se sabe o paradeiro, e algumas cartas em prosa no gôsto das de Montesquieu, que começou a publicar o Instituto do Rio de Janeiro.

Ao homem selvagem.

Ó homem, que fizeste? tudo brada:
Tua antiga grandeza
De todo se eclipsou; a paz doirada,
A liberdade com ferros se vê prêza,
E a palida tristeza
Em teu rosto esparzida desfigura
De Deus, que te creou, a imagem pura.

Na cithara, que empunho, as mãos grosseiras
Não pôz cantor profano;
Emprestou-m'a a verdade, que as primeiras
Canções nella entoára; e o vil engano,
O êrro deshumano,
Sua face escondeu espavorido,
Cuidando ser do mundo em fim banido.

Dos céus desce brilhando
A altiva independencia, a cujo lado
Ergue a razão o sceptro sublimado,
Eu a cuço dictando
Versos jámais ouvidos: rêis da terra,
Tremei á vista do que ali se encerra.

Que montão de cadêas vejo alçadas
Com o nome brilhante
De leis, ao bem dos homens consagradas.
A natureza simples e constante,
Com penna de diamante,
Em breves regras escreveu no peito
Dos humanos as leis, que lhes tem feito.

O teu firme alicerce eu não pertendo,
Sociedade santa,
Indiscreto abalar : sôbre o tremendo
Altar do calvo tempo, se levanta
Uma voz que me espanta,
E aponta o denso véu da antiguidade,
Que á luz esconde a tua longa idade.

Da dor o austero braço
Sinto no afflicto peito carregar-me,
E as trémulas entranhas apertar-me.
Ó céus ! que immenso espaço
Nos separa daquelles doces annos
Da vida primitiva dos humanos !

Salve dia feliz, que o loiro Apollo
Risonho alumiava,
Quando da natureza sôbre o collo
Sem temor a innocencia repousava,
E os hombros não curvava
Do despota ao aceno enfurecido,
Qne inda a terra não tinha conhecido

Dos férvidos Ethontes debruçado
Nos ares se sustinha,
E contra o tempo de furor armado,
Este dia alongar por glória tinha;
Quando nuvem mesquinha
De desordens seus raios eclipsando,
A noite foi do averno a fronte alçando.

Saíu do centro escuro
Da terra a desgrenhada enfermidade,
E os braços com que, unida á crueldade,
Se aperta em laço duro,
Estendendo, as campinas vai talando,
E os miseros humanos lacerando.

Que augusta imagem de explendor subido
Ante mim se figura!
Nu; mas de graça e de valor vestido
O homem natural não teme a dura
Feia mão da ventura:
No rosto a liberdade traz pintada
De seus serios prazeres rodeada.

Desponta, cégo amor, as settas tuas:
O pallido ciume,
Filho da íra, com as vozes suas
N'um peito livre não acceude o lume.
Em vão bramindo espume,
Que elle indo apoz a dôce natureza
Da fantazia os erros nada préza.

Severo volteando
As azas denegridas, não lhe pinta
O nublado futuro em negra tinta
De males mil o bando,
Que, de espectros cingiudo a vil figura,
Do sabio tornam a morada dura.

Eu vejo o molle somno susurrando
Dos olhos pendurar-se
Do frôxo caraíba que, encostando
Os membros sôbre a relva, sem turbar-se,
O sol vê levantar-se,
E nas ondas, de Thetis entre os braços,
Entregar-se de amor aos dôces laços.

Ó razão, onde habitas? . . . na morada
Do crime furiosa,
Polida, mâs cruel, paramentada
Com as roupas do vicio; ou na ditosa
Cabana virtuosa
Do selvagem grosseiro? . . . Dize . . . aonde?
Eu te chamo, ó philosopho! responde.

Qual o astro do dia,
Que nas altas montanhas se demora,
Depois que a luz brilhante e creadora,
Nos valles já sombria,
Apenas apparece; assim me prende
O homem natural, e o estro accende.

De tresdobrado bronze tinha o peito
Aquelle ímpio tyranno,
Que primeiro, enrugando o torvo aspeito,
Do *meu* e *teu* o grito deshumano
Fez soar em seu damno:
Tremeu a socegada natureza,
Ao ver deste mortal a louca empreza.

Negros vapores pelo ar se viram
Longo tempo cruzando,
Té que bramando mil trovões se ouviram
As nuvens entre raios decepando,
Do seio seu lançando
Os cruéis erros, e a torrente impía
Dos vicios, que combatem, noite e dia.

Cobriram-se as virtudes
Com as vestes da noite; e o lindo canto
Das musas se trocou em triste pranto.
E desde então só rudes
Engenhos cantam o feliz malvado,
Que nos roubou o primitivo estado,

Sôbre o amor.

Não foram, caro Sousa, as lyras de oiro
De Orpheo e de Amphion, que os leões bravos,
E os indomitos tigres amansando,
As cidades fundaram.

Embora finjam mentirosos vates,
Que as torcidas raizes desprendendo
As arvores annosas, que os penedos,
Apoz elles correram.

Tu, só tu, puro amor, despir podeste
Da estupida bruteza a humana especie;
Só tu soubeste unir em firmes laços
Os dispersos humanos.

Sem ti insociaveis viviriam,
Nas escarpadas serras, embrenhados;
Ou nos sombrios, verde-negros bosques,
Em pasmada tristeza.

As fugitivas horas passariam,
Em languido lethargo submergidos,
Té que o pungente estímulo da fome
Lhes espantasse o somno.

Os singelos prazeres da amizade,
Prazeres suavissimos, só dados
Aos peitos generosos e sensiveis,
Provar não poderiam.

As sciencias, as artes sepultadas,
No seio da ignorancia inda jazeram;
Que inerte e fróxo a nada se atrevêra
Um peito enregelado.

As bellas Marcias, as gentís Lycores,
Em vão dos vivos olhos fusilaram
Accesos raios, com que audaz fulminam
Rebeldes esquivanças.

Suas vermelhas, engraçadas bôccas,
Em vão, meigos sorrisos soltariam,
Tingindo as juvenís, mimosas faces
De pudibundas rosas.

Anhelantes suspiros, brandas queixas,
Ternos agrados, carinhosos gestos,
Nada mover os peitos poderia
Dos animados troncos.

Dos risos e das graças rodeada,
Venus com farta mão não derramára
Em seus rusticos leitos brandas flôres,
Flôres que tu só colhes.

O gôsto de abraçar a cara esposa,
De se ver renascer nos dôces filhos,
De educar cidadãos, nutrir virtudes,
Coitados! não sentiram.

Víra-se em breve co'o volver dos annos,
Ermo de novo, o povoado mundo,
Té que do seio da fecunda terra
Outros homens brotassem.

Ah! crê-me, Sousa, amor, amor, sómente
A vasta natureza vivifica:
Amor nossos prazeres todos gera,
Nossos males adoça.

O soldado animoso, que se arroja
Com brio denodado a expor a vida,
Em defensa da patria ameaçada
De inimigas phalanges;

Depois de haver soffrido longas marchas
Por aridos sertões, por frias serras,
Arrastrando cançado os cavos bronzes
Nas pesadas carretas;

Depois de ouvir nas horridas batalhas,
Troando a furiosa artilheria,
Pelos ares silvar os ferreos globos
Que a morte envolta levam;

Depois de ver os rapidos ginetes
Atropelando os fulminados corpos
Dos caídos guerreiros, que em vão pedem
Vingança, ou piedade,

Entre os braços da timida donzella,
Que amor lhe promettêra, prompto esquece
As passadas fadigas, os horrores
Da guerra sanguinosa.

O misero cultor, que industrioso
Do fertil seio da benigna terra
Faz abrolhar os preciosos frutos,
Que a vida nos sustentam,

Ou já soffra no frígido janeiro,
Em quanto o arado rege, os finos sopros,
Com que lhe tolhe os calejados dedos
O gelado *nordeste*;

Apenas desenvolve o denso manto
Sôbre a face da terra a noite amiga,
Se o repouso procura aos lassos membros
Na rustica morada,

Vendo a fiel consorte, que saudosa
Ao encontro lhe sae, e o caro filho,
Que, largando da mãi o doce peito,
Lhe estende os tenros braços,

Em ternura suavissima desfeito,
Que o casto amor no coração lhe entorna,
Contente já de sua humilde sorte
Bemdiz a Providencia.

Assim, ó Sousa, na fiel balança,
Onde a razão os bens e os males pesa,
Se vê que, sem amor, a vida humana
Seria insupportavel.

A creação.

Já do tempo voraz se divisava
A ferrea, curva foice reluzindo;
Despiedado, umas vezes meneava,
Outras vezes ao longe desferindo,
Em tôrno de si mesmo a agitava;
Quando o Numen potente
A cujo aceno o tempo audaz nascêra,
Fez retumbar a voz, que tudo impera;
Os abysmos do nada estremeceram
E ao Deus grande e clemente
Os possiveis tremendo obedeceram:
Atonito levanta a escura frente
O cahos rodeado
De confusão e horror: inda a belleza
Com pincel variado
Não ornava a recente natureza.

Tranquillas jazendo,
As ondas dormiam
Que a face cobriam
Do cahos horrendo.

Ao leve soprar
De um zefiro brando,
Vida vai cobrando
O languido mar:

Do vasto Oceano
No seio se encerra;
E a madida terra
Deixa respirar.

A luz resplandeceu, e o firmamento,
Que em denigridas sombras se involvia,
Mostrou formoso o seu soberbo assento:
De graças e esplendor se revestia
O magestoso dia;
Quando cheio de pompa o luzimento,
O sol rompeu nos ares, dardejando
De animante calor celestes raios.
Enternecido, triste sentimento
Magôa o rosto lindo
Da noite descontente,
Que a ausencia de Phebo luminoso
Assim terna annuncia:
Emtanto desferindo
Escassa luz em throno tenebroso,
Sôbre nuvens o sceptro reclinando,
A lua os céus e terras alumia.

Fulgentes estrellas
Nos céus resplandecem:
Na terra verdecem
Mil arvores bellas.

Os montes erguidos
Os valles retumbam
Ao som dos rugidos,
Dos feros leões.

Nas azas sustidas,
As aves revoam:
Nos ares entoam
Sonoras canções.

Ó terra! ó céus! ó muda natureza!
Trasbordai de alegria: triumphante
Das entranhas do nada surge o homem:
Eis apparece; e a candida belleza
O sisudo semblante lhe ennobrece.
Seu magestoso porte
Soberano do mundo o patentea.
Gravada mostra n'alma a augusta imagem
Do Senhor adoravel
Que o immenso universo senhorea:
De sua pura carne se teceram
As meigas graças, que no rosto amavel,
Da mulher carinhosa,
Com suave doçura resplandecem.
Apenas a diviza transportado,
Tu és o meu prazer, que novo encanto
Eu vejo! lhe dizia; e arrebatado
Em delirio amoroso,
Mil vezes em seus braços a apertava,
E todo o extenso mundo,
Por ella só, deixar pouco julgava.

Qual rosa engraçada
Que zefiro adora,
Terna e delicada,
Enredo de Flora:

Assim é mimosa
E linda a mulher
E o homem se gosa
Em se lhe render.

Qual grita entre as feras
Leão rugidor,
Derramando em tôrno
Gelido terror:

Tal se mostra o homem
Sôbre toda a terra;
Tudo rende e aterra
Em arte e valor.

O mundo era creado, e trasluzia
Em toda parte o braço omnipotente,
Que fizera raiar a noite e o dia.
Da frígida semente
Outra vez novo ser se produzia,
Animada ao calor do sol ardente:
Tudo em vida fervendo parecia.
Fecundo recebêra
Virtude de crescer, multiplicar-se,
O animal que á fera
Impia morte soubera sujeitar-se.
Então o Creador arrebatado
Em divino prazer, almo, infinito,
Olhou dos céus o livro sublimado
Que com as suas mãos havia escripto,
E assim falou: Ouvi cheios de susto,
Mortaes, a voz do Deus immenso e justo.

Os céus entoam
Minha grandeza,
Os seres todos
Juntos pregoam,
Por varios modos,
Do eterno ser
O incomparavel,
Grande, inefavel,
Alto podêr.

A minha glória,
Homem, respeita;
Rendido, acceita
Meu mandamento:
Traze á memória,
Que o firmamento
Por ti criei;
Que o mar e a terra,
E o que ella encerra
Tudo te dei.

Se me adorares
Com vivo amor,
E me offertares
Santo temor;
Por mim o juro,
Minha presença
Ao peito puro
Eu mostrarei,
E recompensa
Tua serei.

Mâs se quebrares
O meu preceito,
E sem respeito
O profanares,
Da morte fera
A mão severa
Tu sentirás,
E em vão gemendo,
No averno horrendo,
Me chamarás.

Á immortalidade da alma.

Porque choras, Fileno? Enxuga o pranto
Que rega o teu semblante, onde a amisade
De seus dedos gravou o terno toque.
Ah! não queiras cortar minha esperança,
E de dor embeber minha alegria.
Tu cuidas que a mão fria
Da morte, congelando os froxos membros.
Nos abysmos do nada inexcrutaveis
Vai de todo afogar minha existencia?
É outro o meu destino, outra a promessa
Do espirito que em mim vive e me anima.
A horrenda sepultura
Conter não póde a luz brilhante e pura.
Que soberana rege o corpo inerte....

Não descobres em ti um sentimento
Sublime e grandioso, que parece
Tua vida estender além da morte?
Attenta... escuta bem... Olha... examina...
Em ti deve existir: eu não te engano.....
Tu me dizes que existe.... Ah! meu Fileno,
Como é dôce a lembrança
Dessa vida immortal em que, banhado
De inefavel prazer, o justo goza
Do seu Deus a presença magestosa!

Desperta, ó morte:
Que te detem?
Teu cruel braço
Esforça, e vem.

Vem, por piedade,
Já transpassar-me,
E avisinhar-me
Do summo Bem.

E queres que eu prefira
Humanos passatempos ao momento,
Em que raia a feliz eternidade?
Um Deus de amor m'inflamma;
E já no peito meu mal cabe a chamma
Que docemente o coração me abraza.
Eu vôo por elle: elle só póde
Minha alma, sequiosa do infinito,
De todo saciar: este desejo
Me torna saboroso
O calix que tu julgas amargoso.
Fileno, doce amigo, a mão estende.

A minha aperta : não te assuste o vê-la
De mortal frio já passada e languida.
Mais duravel que a vida,
É da amisade a teia delicada,
Se a virtude a teceu ..... Em fim, ó morte,
Tu me mostras a foice inexoravel.
Amarga este momento : eu não t'o nego,
Meu amante Fileno : a voz já prêsa
Sinto faltar-me ; o sangue
Nas veias congelar-se ; pelo rosto
Me cae frio suor ; a luz mal posso
Das trevas distinguir ; e suffocado
O coração desmaia.
Vem, immortalidade — vem, ó grande,
Sublime pensamento,
Adoçar o meu último momento.

Ó Nume infinito,
Que aspiro a gozar,
O meu peito afflicto
Enche de valor.

Suave esperança
De sorte melhor,
Quanto deste instante
Adoças o horror !

Sonetos.

Oito annos apenas eu contava,
Quando á furia do mar, abandonando
A vida, em fragil lenho e demandando
Novos climas, da patria me ausentava.
Desde então á tristeza começava
O tenro peito a ir acostumando;
E mais tyranna sorte adivinhando
Em lagrimas o pai e a mãi deixava.
Entre ferros, pobreza, enfermidade
Eu vejo, ó céus! que dor! que iniqua sorte!
O comêço da mais risonha idade.
A velhice cruel, (ó dura morte!)
Que faz temer tão triste mocidade,
Pàra poupar-me descarrega o córte.

Á immortalidade da alma.

Sim, eu sou mortal. Bramindo espume
A maldade cruel; e desgrenhada
Morda-se embora, pois não póde irada
Extinguir da razão o vivo lume.
Crêde, caros amigos, não consume
Do tempo estragador a foice ervada
Ésta viva faisca, que abrasada
Caíu do sôpro do Supremo Nume.
O justo sôbre a terra, aos céus erguendo
Os algemados braços, e o tyranno
Vício no throno com o pé batendo,
Fazem fugir o refalsado engano
Que em vão forceja, pâra ver gemendo
Da verdade o sisudo desengano.

Na presença de uma grande trovoada.

Tremei, humanos: toda a natureza,
Do seu Deus ao aceno convocada,
Sôbre negros trovões surge sentada,
Em cruel furia contra nós accesa.
Do rosto seu escondem a belleza,
Medonha escuridade acompanhada
De abrazadores raios. e pesada
Saraiva que no ar estava prêsa.
Agora perde a côr de medo cheio,
O monarcha feliz e poderoso,
Que o vil orgulho abriga no seu seio.
Tu descoras tambem, atheo vaidoso,
E menos cego sem achar esteio,
A mão, que negas, beijas duvidoso.

FREI FRANCISCO DE S. CARLOS.

FREI FRANCISCO DE S. CARLOS.

A LITTERATURA brazileira conta tambem uma epopêa sagrada. Tem por assumpto a assumpção da Virgem pelos anjos considerada na cidade de Epheso: tem por auctor um religioso franciscano reformado da provincia da Conceição do Brazil, Fr. Francisco de S. Carlos.

Nasceu este poeta sagrado no Río de Janeiro em Agosto de 1763: no seu proprio poema se lembra elle de sua patria:

> « Nas ribeiras do placido Janeiro,
> Presado berço meu, que fez a sorte
> Do aurifero Brazil o centro e a côrte. »

Contava apenas treze annos de idade, quando, destinando-se á religião, entrou desde logo no convento de S. Boaventura de Macacú; e, seguindo seus estudos, professou quando teve idade, dando como noviço mostras de grande talento, e como religioso professo decididas provas de sentimentos religiosos e conducta exemplar. Como prégador se destinguiu tanto, que ao entrar dêste seculo foi nomeado professor de eloquencia sagrada, e quando ao Rio chegou a côrte, o escolheram pâra prégador

da casa real. Não é como prégador que agora o temos que considerar: sua voz forte e clara, sua figura nobre, e ao mesmo tempo expressiva, sua eloquencia facil, fecunda e accommodada aos assumptos, foram dotes que o fizeram considerar o primeiro prégador do Rio. Não temos nenhum de seus sermões, e delles raros chegaram a imprimir-se; mâs a facilidade de sua eloquencia confirmâmos pela fluidez, pela expotaneidade de seus versos, viveza de suas imagens e colorido de suas pinturas, no poema que o fará immortal.

A Assumpção, em oito cantos, foi impresso em 1819. Parece incrivel como o poeta creador soube fertilisar com seu genio um assumpto que não o é, e que além disso estava já bastante tratado, pâra ainda sair-se delle seu auctor com tanta glória. Não que o poema se tornasse popular; em Portugal nem sequer o nome é conhecido; no Brazil apenas ha quem o lêa. Concorre pâra isso talvez o julgar-se a obra mystica, e por tanto mais ascetica que amena; mâs não concorre talvez menos a natureza das rimas parcadas, que infelizmente adoptou o poeta, e que, como elle mesmo diz, só advertiu demasiado tarde que causavam excessiva monotonia. Assim, quanto a nós, é um poema que ganhará muito se alguma vez chega a ser traduzido; pois é repleto de grandes imagens, cheio de episodios variados e descripções das bellezas americanas, ás quaes o auctor teve o feliz pensamento de dar um justo logar no seu paraiso terreal.

Fr. Francisco de S. Carlos falleceu no Rio de Janeiro a 6 de Maio de 1829, e jaz no convento de Santo Antonio. Seu retrato se vê em uma estampa do frontispicio do poema, offerecendo á Virgem de joelhos este, que tem aberto na mão.

America.

. . . . . .
« Além dos máres vejo, além das ilhas,
Ah! que immenso paiz! que maravilhas!
Vejo um novo hemispherio, novos ares,
Outros céus, outros bosques, outros máres,
Aves estranhas, flores nos matizes
Diversas, das que vi nos meus paizes.
Pelo longo da costa demandando
As regiões austraes, debaixo estando
Do semicapro peixe, que é patente
Méta meridional do sol ardente;
N'um braço do oceano, que ali morre,
Pulquerrima cidade logo occorre
De nobres edificios; torreada
De bronze e revelins a augusta entrada.
Inda mais vejo ali, se não me engana
Em painel tão escuro a mente humana,
Que pela praça vai a generosa
Deipara em triumpho; e populosa
Companhia com tochas mil accesas
Parece celebrar suas grandezas.
Dizei-nos, nobre archanjo, o que isto intíma.
Pâra mim é mysterio, é tudo enigma,
Tudo sombras escuras, e tão densas
Que as azas da razão me tem suspensas. »
O vasto continente que affigura

(Diz o nuncio do Eterno) ésta gravura,
É um grande paiz quasi dezerto:
No trato ao mundo antigo inda encoberto.
Mâs em fim por um genio denodado
Será das densas trevas arrancado
Co'o soccorro da agulha e do astrolabio,
Novo invento subtil do engenho sabio.
Ó Ligure immortal, nesta ardua empreza
Tornaste a abrir a porta á natureza;
E obrigaste a adorar do mundo a gente,
Como de novo, a mão do Omnipotente.
Que cythara tão doce, ou que profundo
Engenho poderia neste mundo
Uma parte cantar de tua glória!
Não mais, não mais blasono a antiga história,
As proezas do grego e do troiano;
Nem a fabula dêsse tão ufano
Pelos dôze trabalhos. Os seus feitos
Com os teus confrontados são defeitos.
Ou antes um pigmeu, ou uma aranha
Á vista do gigante, ou da montanha.
Por ti um grau de glória soberana
Recebe, e mais se exalça especie humana.
Nova serie de cousas eis que assoma,
E o orbe inteiro nova face toma.
Aplanadas dos golfos as passagens
Novos meios se abriram, mil vantagens
Aos tratos mercantís; e os bons talentos
Dictaram-se de luzes e de inventos.
Tocaste a méta da terraquea esfera,
Rasgado o véu dos sec'los que a escondêra.
Então do Creador novos primores
Resplenderam, pregões dos seus louvores.

Que quando o seu saber mais patentea,
Delle nos cresce o amor, crescendo a idéa.
Em fim, mostrada em parte a naturesa,
Agora tu lhe expões toda a riquesa;
Màs confessa, que a honra assim o ensina.
Que aprendeste os segredos e a doutrina
Dos bravos, dos affoitos Luzitanos,
Que primeiros traçaram-te os teus planos.
É tamanho o paiz, tão vasto o solo,
Que se estende de um polo a outro polo.
Ali vegetam várias alimárias,
Varios troncos e frutas; flores várias.
Acham-se ricas pedrarias finas,
Oiro, prata e mil drogas peregrinas.
Os tres reinos aqui, que a opulencia,
E bazes são da humana subsistencia;
Em minas, animaes e vegetantes,
Tão uberrimos são e tão prestantes;
Que não resolve a sábia subtileza,
Pâra onde mais pendeu a natureza.
Cria rudo, que o mundo velho envia;
E o mais, que o velho mundo jámais cria,
Porque, como uma e outra zona apanha,
Produz Lieu, e a fructa d'oiro estranha,
No jardim das Hesperides nascida,
Por quem foste, atalanta, já vencida.
E o caixo, que de Rhodes gera o seio,
Melhor tornado neste clima alheio.
Abrilhanta o ananaz, sanzona a pera,
E o pomo, que discordia já tecêra
Entre as deusas do Olympo no monte Ida,
Que fez Dardania em cinzas reduzida
Os dons da Ceres loira, em competencia

Co'os celeiros Egypcios na afluencia.
Quando o próvido Hebreu amontoava
Nelles o grão, que arêas igualava.
Além das farinaceas e das raizes,
Que os povos fazem fartos e felizes,
Que direi dêsse reino vegetante
Em dilatar a vida tão prestante?
Aqui colheita salutar descobre
O farmaco, em vigilias uteis nobre.
Rica mina por certo, grão thesoiro
De mais alto valor, que a prata e oiro,
E o lustre vão de pedrarias finas;
Do nume de Epidauro prendas dignas.
A palmachristi, a nova Ipecacuanha
Do velho Dioscorides estranha.
Da cupaiba o oleo precioso,
Que vence a dor e o golpe mais p'rigoso
Hervas, plantas em succos e virtude,
Ferteis de vida, fontes de saude.
Encontram-se tambem tribus errantes
Nos bosques; que entre si belligerantes
Vivem de singular e estranho povo,
Que parece outra raça, germe novo.
Antropophagos são, que a tão sobido
Gráu de horror chega humano embrutecido!
Pintam o rosto seu mal encarnado
De verde, croceo, rôxo e de encarnado.
E por fugir á vespa o corpo todo
De resinas agrestes, ou de lodo.
Tecer ignoram; mas as suas tellas
São as plumas dos aves, côres bellas.
A vida passam em contínuas festas
De crapulas e danças inhonestas.

Rio de Janeiro.

A cidade, que ali vêdes traçada,
E que a mente vos traz tão occupada,
Será nobre colonia, rica, forte,
Fecunda em genios, que assim quiz a sorte.
Será pelo seu porto desmarcado
A feira do oiro, o emporio frequentado,
Amplissimo ao commercio ; pois profundo
Póde as frotas conter de todo o mundo.
Será de um povo excelso, germe airoso
Lá da Lysia, o logar mais venturoso.
Pois dos Lusos Brazilicos um dia
O centro deve ser da monarchia.
Alçarão outras no porvir da idade
Os trofeus, que tiverem por vaidade.
Umas nas artes levarão a palma
De aos marmores dar vida, aos bronzes alma.
Outras irão beber sua nobreza
Nos tratos mercantís. Tal que se préza
De ver nas suas scenas e tribunas,
Maior brazão, mais inclitas columnas.
Aquellas dos Timantes o extremoso
Pincel com estro imitará fogoso.
Muitas serão mais destras no compasso,
Que as linhas mede do celeste espaço.
Mâs cuidar de seu rei, ser sua côrte,
Dar ás outras a lei : eis desta a sorte.
Gravaram do rigor de impostos novos
Os dynastas crueis a terra e os povos
Egypcios, por alçar maças estranhas,
Que tu, transpondo o leito, ó Nilo, banhas,

Fosse superstição ou só vaidade
Da fama dilatar por longa idade:
É certo que o sentiu o povo santo,
Que tanto ali gemeu por tempo tanto.
Hoje busca o viajor o immenso lago
De Mexis, e só topa um campo vago.
E se restam taes obras peregrinas,
São sobejos do tempo, e só ruinas.
Aqui, pelo contrário, pôs natura,
Por brazões da primeva architectura,
Volumes colossaes, corpos enormes,
Cylindros de granito desconformes
Massas, que não erguerão nunca humanos,
Mil braços a gastar, gastar mil annos.
  Vêdes na foz aquelle, que apparece
Pontagudo e escarpado? Pois parece,
Que deu-lhe a providente naturesa,
(Além das obras d'arte) por defesa,
Na derrocada penha transformado
Nubigena membrudo; sempre armado
De face negra e torva; e mais se o c'rôa
Neve, trovões e raios, com que atrôa.
Que, co'a frente no céu, no mar os rastros,
Atrevido ameaça o pégo e os astros.
Se os delirios da vã mythologia
Na terra inda vagassem; dir-se-ía:
Que era um desses Alóidas, gigante,
Que intentou escalar um céu brilhante.
Que das deusas do Olympo namorado
Foi no mar por audaz precipitado.
E as deusas por acinte lá da altura
Lhe enxovalham de neve a catadura.
Do seio, pois, das nuvens, onde a frente

Esconde, vendo o mar, até o horisonte;
Mal que espreita surgir lenho inimigo,
Prompto aviza e previne-se o perigo.
Por uma e outra parte ao céu subindo
Vão mil rochas e picos; que existindo
Desde o berço do mundo, e d'então vendo
Os sec'los renascer e irem morrendo;
Por tanta duração, tanta firmeza,
Deuses parecem ser da naturesa.
Ossos da grande mãi, que ao ar saíram
Na voz da creação; e mal que ouviram
Que deviam parar, logo pararam
Nas fórmas e extenções, em que se acharam.
Que affiguram exercitos cerrados
De mil negros tipheos petrificados.
Ao resto sobresae co'a fronte erguida
Dos orgãos a montanha, abastecida
De grossas matas, de sonoras fontes,
Que, despenhando-se de alpestres montes,
Vem engrossar o lago da agoa amára
Do grão Netheroy, do Ganabara.
Tal a fabula diz, de Alfeo que o rio
Faz por baixo do mar longo desvio
Té Ortygia, em demanda de Arethusa,
Que abraçar-se com elle não recusa.

O Brazil, seus fructos e passaros.

Então, Brazil, verá tua ventura:
O sec'lo d'oiro teu, tua cultura.
Pelas largas espadoas penduradas
Não te verão mais settas aguçadas.
Nem de pennas multicolôr textura

Teus braços cingirá, tua cintura,
Debalde o Caiman se pinte enorme
De rôjo a tuas plantas, qual o informe
Do Ichnéumon rival, que gera o frio
Em lodosos paúes septemphluo rio.
Correu-se o panno á scena : roçagante,
Estellifero palio, auriflammante,
Desenho do primor, obra de custo
Adornará teu vulto baço e adusto.
Sceptro na mão terás, e na cabeça
Corôa, donde santa resplandeça
Cmo raios de rubis a cruz erguida ;
A cruz, que é tua crença querida.
Os fructos de teus bosques, de teus prados,
Mais doces hão de ser ; porque cantados
Dos tityros serão na agreste avena,
Nas silvas resoando a cantilena.
O aureo cambucá, fructa que unida
Nasce á casca da rama : a denegrida
Jaboticaba doce, que bem vinga
Nas frescas varzeas da Piratininga.
Vós tambem, ó alados, que em plumagens
Da filha de Thaumante sois imagens ;
Vós sereis celebrabos, que girando
Lindos jardins no céu andais pintando,
O psitaco loquaz, grossas araras,
Os loiros canindez de plumas raras :
O trombudo tucano, que no peito
A côr formosa traz, daquelle geito,
Que Daphne já trouxera nos cabellos.
Em crespos fios d'oiro rico e bellos :
A iraponga nivea, que nos montes
Arremeda em tinir sordidos brontes

Os ceruleos sahís, e tambem verdes,
Onde tu, esmeralda, o preço perdes.
Os roseos colhereiros, e os vermelhos
Guarás, que pennas trajam sendo velhos
De escarlate, se bem que negros nascem,
Mâs quando as salsas conxas do mar pascem,
Rubras côres recedem tão sobejas,
Que tu, rei dos jardins, o cravo, invejas.
O raro carajoá, que grão thesoiro
Tem na gorja de azul, de rôxo e d'oiro.
Que beatifica os goytacaces prados
De sons angelicos, de mil trinados,
E a tuas margens ama, e as agoas liba
O sereno e austrino Paraíba.
E o thiê, que o murice escurece,
Com que a praia de Tyro se ennobrece;
E outras muitas, em fim, que são diversas
No canto e fórmas, pelo ar dispersas.

Provincias do Brazil.

Tambem colonias mil serão fundadas
De praças e lugares: affamadas
Por nobreza e commercio; da maneira
Que qualquer julgará ser a primeira.
Da latitude austral no gráu trezeno,
N'um rico e fertilissimo terreno,
A primeira cidade o navegante
Saudará do mar, ninho importante:
Que no cume de um monte se sublima;
Qual o da aguia, que alturas tanto estima.
Mãi de nobres colonias, que algum dia
Serás o Soteropole Bahia

É daqui que tu, inclyto Janeiro,
Tomas o berço e o fundador primeiro.
  Assim matrona illustre, grave e annosa
Vê, prolifica em fructos gloriosa,
Cem filhos dos seus filhos desposados,
Esgalhos de um só tronco derivados.
Assim arvore exotica estimavel,
Que restou singular, inexgotavel
De si reparte garfos a milhares
Pâra mil hortas, pâra mil pomares.
Do porto seus baixeis empavezados
Irão cortando máres empolados
O paiz demandar fronteiro a este,
Por onde corre o Zaire, sopra o leste.
Conservando no seio em seu proveito
O oiro das nações: como tem feito
Antes de se abrazar, Tyro e Carthago:
Ésta em Ausonio, aquella em grego estrago.
  Subindo um pouco mais, verão Olinda
Surgir das ondas marcial e linda;
Cujos trofeus, com q'as Dunas se ennobrecem.
Em vão o leão fero das Asturias
Castigar jure belgicas injurias.
Inutil tentativa! vão refôrço
Só Olinda arrostar pôde a tanto esfôrço.
Ao resto do paiz, como engrenhadas
Matas tiver, cidades isoladas,
(Prosegue o archanjo) e Amphitrite em meio,
Todo o ardil será vão, todo o bloqueio.
Se algum porto, ou logar for esbulhado,
Não será pelas hostes conservado.
Que tendo além dos máres a esperança,
Não soffre o instante mal menor tardança.

Mais acima a cidade se descobre
Em lares não humilde, em cópia nobre
Do arminho vegetal, da casca ardente,
Com que tu, Maranhão, és excellente.
Colonia que o Gaulez sagaz fundára,
E dos Brazís corrido não gozára.
Quando do Ebro seguia a infausta estrella
A princeza do Téjo, Lyzia bella.
Viuva de legitimos senhores
No jugo e nos grilhões de usurpodores.
Mâs lá por onde a noite iguala o dia,
Linha equinocial na hydrographia,
Por último a cidade nobre impera,
Com o nome, onde o verbo á luz viera.
Bem sôbre a foz de um rio, que no mundo
É capitão das agoas sem segundo.
O Téjo, que já perolas da aurora
E hydaspicos máres houve outr'ora;
O Tybre, que nos giros, que rodêa,
Trofeus volvia, como agora arêa;
O Rheno, cujas margens se gloriam
Do rôxo nectar, que fecundas criam;
Á vista do Amazonas, reprezentam
Quaes ramos sôbre os troncos qu'os sustentam.
Ó nautas, que contaes couzas tamanhas,
Vendo extranhos paizes, novas manhas,
Dizei ao morador do velho mundo,
Que n'outro um rio vistes tão profundo,
Que no seu vasto seio uma ilha aponta
Que tres vezes cincoenta milhas conta.
Paiz quasi ao desdem; até que um dia
Lhe imprima dextra mão nobre energia.
Analogo rival, quadro imitante

Do cheiroso terreno, do abundante,
Que o Indo réga, morador da aurora,
E o Ganges, cuja fonte em eden mora.
Aqui as plantações tão lindas crescem
Do extremo Chim, que indigenas parecem:
A estomacal raiz, acre e pungente;
A negra pipereira, o cravo ardente;
O muscado, odoriferante fructo,
De que as aves recebem grão tributo.
E aquelle, cuja amendoa cria a massa
Da potagem balsamica, que passa
Em delicias o nectar delicado,
Dos immortaes nas mezas só brindado.
A canfora, antevermis precioso,
O áloes, o sandalo cheiroso;
E a salutar cortiça da canela,
Com que tu, Taprobana, és rica e bella.
Bem poderiam, pois, ser transplantadas
Éstas substancias todas: trasladadas
Aqui vantagens taes; e dêste geito
Mais proficuo o Brazil, de mais respeito.
Quem ouzára affrontar golfos tão altos,
Expondo o peito a tantos sobresaltos?
Quem ver quizera a horrenda catadura
Do gigante, ao presente rocha dura;
Tendo aqui lastro prompto, fresco e certo,
Por mar mais social, rumo mais perto?
Voltando ao Austro, os bosques senhorea
A illustre povoação de Paulicea;
Aprazivel logar, cuja campanha
O Tamandatay cercando banha.
Cujos alumnos fortes e briozos,
Rios transpondo, montes escabrozos,

Atropos insultando e os seus perigos
Sem rotina segura, sem abrigos,
De pantheras e serpes assaltados,
E do indigena bruto; emfim cançados
Darão com terras pingues e abundantes
Das veias d'oiro ricas e diamantes.
Aquelles que furando o peito duro
De triplicado bronze, o mar escuro
De Helle na aventureira faia arando
Voltam de Colcos ledos, transportando
D'oiro a lã; não disputem as conquistas,
Que hão de tentar os inclytos Paulistas
Contigua a ésta terra, a terra péga
Do metal, que a fortuna a muitos nega.
Tudo quanto de Ophir se tem falado
E de riquezas d'oiro exaggerado;
Em gráu aqui se encontra tão sobejo,
Que póde terminar qualquer desejo.
Nunca tamanhas, tão exuberantes
Cópias de metaes finos e diamantes
Em cofres eclipsaram chapeados
Da riqueza os heroes: nem celebrados
Senhores foram já de tanto preço,
Átalo em Pergamo, e na Lydia Cresso.
E se nada exaggero ou dissimulo,
Em vão se aggrave contra mim Luculo.
Descendo a costa um pouco ao meio-dia
A Ilha Linda se verá que um dia
Nomeada será florente e culta
Da illustre martyr que o Sinai sepulta.
Por quem a antiga Grecia esquecêra
De Chipre, Chio, Samos e Cithera.
Emfim nas margens de um soberbo rio,

Quasi término austral do senhorio
Luso; em gentís e deleitosos prados
Dos dons da flava Ceres lourejados:
Ficará Portalegre, cujo nome
Natura deu-lhe, que ninguem lh'o tome.
E tu, inclyta villa da Victoria,
Que já em teu nome ostentas tua glória;
Não penses que de ti se esquece a musa,
Que o merito exaltar jámais recusa.
Tu ergueste soberba os teus pavêzes
Contra o Belga e o Tamoio muitas vezes.
Tu abundas de aromas e rezinas,
E, o que é louvor, de mentes peregrinas.
Mâs se algum contradita quanto allego
Venham vingar-te as musas do Mondego.

Cultos á Virgem; a Igreja da Glória no Rio de Janeiro.

A bella estatua, que com bello arranjo
Sôbre aureos serafins (prosegue o archanjo)
É levada entre a turma, que abrazada
De amor, laudes lhe rende em voz alçada;
Já mostra que será da vencedora
Do Erebo a cidade grão cultora.
E é por ésta razão, e é neste intento,
Que mereceu aqui distincto assento.
Ella fará subir á clara esfera
Em seu nome trofeus, onde a arte impera.
Soarão pelos lares e nas ruas
Hymnos mil, e canções em glórias suas.
Não vêdes acolá como apartada
Colina, ora de silvas erriçada,
Ninho de serpes, placida guarida

De feras? Será então no cume erguida
Casa á Virgem, mediocre na altura,
Mâs no risco primor da architectura.
Que ostentará por timbre de memória,
O titulo pomposo desta glória.
Trofeu, que inda será, da piedade
Do trato mercantil desta cidade.
Celebrarão a volta deste dia
Nella os povos com fogos de alegria.
Por marmoreas escadas a subida
Conduz ao alto e ao portico da ermida.
Sôbre lagedos de granito em quadro
Descança a baze, que ali tem um adro.
Dos lados peitorís; descanço e meio
Dos olhos pastearam seu recreio.
Situação risonha, sobranceira
Ao mar, entre a vaidosa cordilheira
De rochas e de serras mil erguidas,
De palmas e arvoredo abastecidas.
Oh! que novo fulgor! Oh! que serena
Luz innunda e abrilhanta a rica scena!
De piedade inuzitado exemplo
Eu vejo, eu vejo neste augusto templo.
Este dia, Brazil, com typos d'oiro
Transmittam teus annaes até o vindoiro.
Marcha a pompa dos nobres e senhores,
Brilha o oiro, o ostro e os seus primores.
Entre todos levanta o magestoso
Collo o Principe, qual ergue frondoso
Plátano a verdejante copa ingente
Sôbre a vergontea debil. Eis que contente
Vem ao templo offertar com fé que espanta,
A nova Imperatriz dos céus a planta

Bragantina. Dicando agradecido
Áquella, por quem tinha recebido.
Arde a panchaia, sóbe o odor aos ares
Descança a linda offerta nos altares.
Entre as grympas da torre ao céu erguidas
Festejam bronzeas boccas retangidas.
A vária côr purpurea das bandeiras
Nutre os olhos, das vistas mil fagueiras.
Rebomba pelo espaço do oceano
Em crebras explosões rouco Vulcano.
Sobem votos de amor ao céu propício
Porque ria de cima ao natalicio.
Clama o povo, e no longe os arredores
Vão repetindo os eccos dos clamores.
Em fim tudo é festivo e prazenteiro
Nas venturosas ribas do Janeiro.
Aqui nautas virão cumprir o voto,
Trazendo em hombros o velacho roto:
Co'a roupa mal enxuta, inda assustados
Dos euros e escarceus encapellados.
Virão tambem romipetas, trazidos
Da devoção, de offertas opprimidos
Assim que por tal fé, tão extremada,
Bem podéra ésta praça ser chamada
A cidade da Virgem; bem como ella
É cidade de Deus risonha e bella.

Civilisação da Capital do Brazil.

E tu, fausto logar, que inda algum dia
Nobre assento serás da monarchia;
Tu que já fôras inclyto e florente
Nas artes, na riqueza e illustre gente;

Escuta agora os dons esclarecidos,
Que a ti do céu estão apercebidos.
Verás solerbas filhas do oceano,
Prenhes de rico pêso, que cada anno
Feudos te pagarão das ricas têas
Das plagas orientaes, das européas.
Verás do reino physico aclarados
Seus segredos, té-li não revelados,
Madeiros de fabríco primorosos,
Cascas de tintas, oleos preciosos,
Tantas rezinas, massas e perfumes
Que ora desprezam barbaros costumes.
E outras mil raridades descobertas,
Reduzidas a classe e a regras certas.
Thesoiros a meu ver, mais importantes,
Do que teu oiro, do que teus brilhantes.
Verás brilhar as artes, florescendo
Novos inventos: máquinas nascendo:
O premio honrado do talento e zêlo,
E este o premio a honrar com merece-lo.
Respeitado o . inzel dos Praxitelles,
Com lettras de nobreza a arte de Apelles.
Verás das santas leis ao doce abrigo
Da donzella o thesoiro sem perigo.
A orfã lacrimosa consolada,
A viuva de insultos resguardada.
Do avido tutor o desvalido,
Innocente pupillo protegido.
Verás, verás, então, com grande lustre,
Renascer do teu seio prole illustre:
Nova raça de heroes, bravos guerreiros
Dos heroes da nação filhos e herdeiros.
Rivaes dos Magalhães, rivaes dos Gamas,

Que farão renascer as lusas famas,
Que farão respeitar a patria cara,
Tornando-a por seus feitos grande e clara.
Levando, a ser preciso, o fogo e a guerra
Á ilha mais longiqua, aos fins da terra.
Verás do santo culto a lei sagrada
No último explendor depositada.
Ao céu subir sagrado, puro incenso,
Por mãos mais puras, dado ao Deus immenso.
O santo sacerdocio irreprehensivel,
O templo venerando, o altar terrivel.
Que todos estes bens em fim se esperam,
Quando as virtudes n'um logar imperam.
Verás... màs ah! não quer o céu qu'a humanos
Eu revele inda mais os seus arcanos —..

MANOEL JOAQUIM RIBEIRO.

OUTROS DESTE SECULO.

MANOEL JOAQUIM RIBEIRO. *

Ao conde das Sarzedas.

Á sombra de um alto freixo,
Quando o sol cresta as boninas,
Almeno a sésta passava
Em uma selva de Minas.
Seu gado junto de um rio
Que mansamente corria,
Por entre frescos arbustos
Um brincava, outro dormia.

* Nenhumas noticias possuimos dêste poeta, mais que, sendo professor regio de philosophia em Minas, *mandou* ao público, debaixo dos auspicios do ex-governador daquella provincia Bernardo José de Lorena, conde de Sarzedas, as suas *Obras Poeticas,* as quaes se imprimiram em 1805 na impressão régia em Lisboa em um tomo de 109 paginas de 8.°. De algumas dellas se vê, que o poeta já conhecia as lyras de Dirceu, que alguma vez quiz imitar.

Pêlas folhinhas dos ramos
Brandos zefiros trepavam,
E suaves dormideiras
Sôbre o pastor espalhavam.
Morfeu, que escondido estava
Entre o seu cabello loiro,
Pouco e pouco lhe estendia,
As suas algemas de oiro.
Té que sôbre a relva molle
Na dextra mão encostado,
Uma aura doce o prendeu
Em que ficou sepultado.
Ledos sonhos voadores
Junto ao rosto lhe adejaram,
E lindos paineis brilhantes
Na idéa lhe pintaram.
Então sua fantazia
Batendo as azas de fogo,
A bella por quem suspira
Presente lhe trouxe logo.
Elle viu a sua Jonia
Ir após do manso gado,
Duas brancas ovelhinhas
Levando junto a seu lado.
« Éstas ovelhas, que estimo,
Como estimo o claro dia,
São pâra o meu doce Almeno,
A pastora assim dizia.
« Eu lhe apanho a branda relva
Pêla minha propria mão,
Descançam no meu regaço,
De mim sempre junto estão

« Mil vezes já me tem dito,
Quando está no meu casal,
Que ama e respeita em extremo,
Ao nosso maioral.
« As virtudes e as graças,
Ornaram tanto a Lorena,
Que me é tão grato, dizia,
Como a tua face amena.
« Estas ovelhas, que imitam
A alvura da branca neve,
Talvez, qu'em signal de affecto
O meu Almeno lhe leve.
« De várias, cheirosas flores
Uma capella virente,
Ali guardo preparada,
Pâra lhe elle ornar a frente.
« Tomára que já crescessem
Os medronhos rubinsados,
E os rôxos muscateis
Estivessem sasonados.
« Estes sestinhos de juncos.
Que ornam pintados amores,
Almeno os levára cheios
Todos cobertos de flores.
« Eu bem sei que nada valem
Nossos rusticos presentes,
Màs sua alma bem conhece,
Que são brindes innocentes.
« Se dar-lhe todo o meu gado
O meu Almeno quizera,
Como dou éstas ovelhas
De boamente lh'o dera.

« S'eu víra, que o meu Almeno
Deixava de ser pastor,
E que n'umas ricas minas
Dominava, era o senhor....
« Qu'em cintados cofres tinha
Guardadas pedras brilhantes,
Braçados de barras de oiro,
Mãos cheias de diamantes....
« Tudo, Almeno, tu lhe deras,
Qu'eu sei o teu coração;
Màs que ha de ser, s'inda tens
De pastor a condição.
« Pêlo affecto que te guarda
Ésta alma de que és senhor,
Vai, meu Almeno, vai dar-lhe
As prendas do meu amor.
« Dá-lhe as brancas ovelhinhas,
Dá-lhe a capella tambem....
Màs, que menino gentil
Pàra aqui andando vem?
« As loiras, compridas tranças,
De rosas traz ennastradas,
Nas suas faces de neve
Vem as papoilas pintadas.
« Lá no hombro lhe diviso
Aurea aljava, estar pendente:
Acaso será cupido?
Esse deus que fere a gente?
« Que fazes aqui menino,
Tão só por entre éstas brenhas?
Não temes que de hirtas feras
Tu pasto a ser lhe venhas?»

« Não temo.... amor lhe tornou :
Nas armas que vês comigo,
De quem quizer offender-me
Eu trago prompto o castigo.
« Minha mãi que em Chipre mora,
Como tu, formosa e bella,
Te manda por mim dizer,
Que Lorena é cousa della.
« Junto ás aras qu'ella occupa
Do prazer no templo ameno,
Prata, oiro, diamantes,
Qu'ella tem, diras a Almeno.
« Que Lorena tem uma alma
De regio sangue animada,
E que de humildes pastores
Estima o amor, mais nada.
« Essas brancas ovelhinhas,
Que pâra Almeno destinas,
Venus manda que as não leve
Ao maioral de Minas.
« De teu affecto extremoso,
Que as guarde sempre em penhor.
Dir-lhe-has, pastora, de qu'ésta
Foi a vontade de amor. »
E logo as azas batendo
Nos leves ares subia,
Em tanto Almeno gritava
Vendo que amor lhe fugia.
« Suspende, Jonia adorada,
Suspende, detem amor.... »
E neste bradar afflicto
Acorda o pobre pastor.

Olha a um e a outro lado,
Mede a solitaria selva,
E apenas vê seu rebanho
Pastando na branda relva.
Neste sonho, que a idéa
Lhe pintava verdadeiro,
Conheceu Almeno que,
Nem dormindo, ha gôsto inteiro.

Que fará o meu bem, a minha Jonia,
Os meus lindos amores,
Depois que os resplandores
Dos seus olhos deixei, mais as campinas
Das aureas, ricas Minas!

Inda o pranto, que ardente as faces rega,
Verterá por Aulindo?
Inda estará sentindo
Aquelle vivo golpe, activo e forte,
Que quasi a pôs á morte?

Ah! quem podéra agora meigo e terno,
Aperta-la em meus braços,
Depois contar-lhe os passos
Que já dei, desde a hora denegrida
Da nossa despedida.

Dir-te-ia, sim, meu bem, dir-te-ia o como
Trespassado o meu peito,
Senti da dôr o effeito.
Quando nas mágoas e transportes meus
Te dei o último adeus.

Quando nos longos, espaçosos mattos
Por onde caminhava,
Por ti, Jonia, chamava,
Contando áquellas feras e avesinhas
As tristes penas minhas.

Quando d'agreste, despenhada serra,
Que ardente sol batia,
Pêlas pedras descia,
Té chegar, doce bem, á suspirada,
Agradavel calçada.

Quando á Estrella cheguei, e em curvo barco
Por negros governado,
Entrei no mar salgado,
E nas vélas soprando o vento frio,
Cheguei em fim ao Rio.

Minha querida, minha Jonia bella,
Que mágoa, que saudade,
Ao entrar na cidade,
Não sentiu a minha alma terna e amante,
De ti, meu bem, distante.

Ah! se nos vôos do veloz desejo
Podéra, ó Jonia! ir ver-te....
Que tinha que dizer-te!
Do que ausente soffri, ó minha cara!
Que cousas não contára?

Porém a sorte, que me leva errante
Longe de ti, ó bella!
Se agora me atropella,
Virá tempo em que deixe inda juntar-nos,
E felizmente amar-nos.

Então te contarei quanto hei soffrido
Distante do teu rosto:
As penas, o desgôsto,
E a mágoa devorante, em que fluctua
Ésta alma — que é só tua.

Junto de um freixo copado
Com minha Jonia adorada,
Sôbre a relva matizada
Doces horas vou passar.
Quem disfructa, o que eu disfructo,
Não tem mais a que aspirar.

Não vem ali bravas feras
Dessas alpestres montanhas,
Só tu, amor, acompanhas
Nosso gôsto singular.
Quem disfructa, o que eu disfructo,
Não tem mais a que aspirar.

Naquelle sítio, sómente
Aos prazeres consagrado,
Não entra inhumano fado,
Nem desgôsto chega a entrar.
Quem disfructa, o que eu disfructo,
Não tem mais a que aspirar.

Ali, de um manso regato,
Se escuta o susurro brando,
Como quem vai murmurando
Do que nos vê praticar.
Quem disfructa, o que eu disfructo,
Não tem mais a que aspirar.

Cantam ternos passarinhos
Nos altos ramos pousados,
E com suaves trinados
Vem nosso gôsto augmentar.
Quem disfructa, o que eu disfructo,
Não tem mais a que aspirar.

Quando pégo n'alva mão
Onde a brancura admira,
Só o favonio respira
Naquelle ameno logar.
Qnem disfructa, o que eu disfructo,
Não tem mais a que aspirar.

As rosas em tôrno nascem
Da minha Jonia formosa;
Quando me deixa amorosa
Nos seus braços recostar.
Quem disfructa, o que eu disfructo,
Não tem mais a que aspirar.

Suas lindas, alvas faces,
S'eu lhe expresso algum desejo,
Logo cobertas de pejo
Mostram a côr de nacár.
  Quem disfructa, o que eu disfructo,
  Não tem mais a que aspirar.

Bando de gentís amores,
Nas brancas azas suspensos,
Os nossos gostos intensos
Vem alegres contemplar.
  Quem disfructa, o que eu disfructo,
  Não tem mais a que aspirar.

Permitta amor que ésta dita,
Qu'eu góso e mais Jonia bella,
Assim em mim, como nella,
Nunca se chegue a acabar.
  Quando estou com minha amada,
  Mais não tenho a que aspirar.

Aqui nesta balça escura,
Da tristesa imagem feia,
Lembranças de um bem que adoro
Vou revolver na idéa.
  Ai, ai, ó dores!
  Quem póde viver alegre
  Ausente dos seus amores.

A terna rolla suspira
Quando não vê o consorte:
Eu longe da minha Jonia
Supporto âncias de morte.
Ai, ai, ó dores!
Quem póde viver alegre
Ausente dos seus amores.

Brutas penhas se me ouvires
Algum amante segredo,
Ó penhas! não sei se o diga,
Até de vós tenho medo.
Ai, ai, ó dores!
Quem póde viver alegre
Ausente dos seus amores.

Anda a sabiá cantando
De raminho, em raminho,
Alegre por ver defronte
A sua amada no ninho....
Ai, ai, ó dores!
Quem póde viver alegre
Ausente dos seus amores.

Eu, porém, sem ter socêgo,
Ando por ésta espessura,
Inuteis queixas formando
Da minha pouca ventura.
Ai, ai, ó dores!
Quem póde viver alegre
Ausente dos seus amores.

Tu, limoeiro, que viste
Aquelle beijo suave....
Folhinhas, guardai silencio,
Só vós, ninguem mais o sabe.
Ai, ai, ó dores!
Quem póde viver alegre
Ausente dos seus amores.

Doces, amantes promessas
Pêla minha Jonia feitas,
Qual será o feliz dia
Que vos veja satisfeitas.
Ai, ai, ó dores!
Quem póde viver alegre
Ausente dos seus amores.

O mais vil d'entre os bichinhos
Vê e logra o bem que adora,
Só eu, infeliz, não posso
Ver a quem nesta alma mora.
Ai, ai, ó dores!
Quem póde viver alegre
Ausente dos seus amores.

Deixai-me tristes lembranças,
Deixai-me infeliz morrer:
Não é justo tenha vida
Quem seu bem não póde ver.
Ai, ai, ó dores!
Eu morro de saudades
Se não vejo aos meus amores.

Canta o pastor namorado
Da pastora os olhos bellos,
Canta-lhe o rosto nevado,
Os longos, pretos cabellos
Onde amor anda enredado.

Sôbre a borda do saveiro,
Canta o terno pescador
Os grilhões do captiveiro,
Bemdizendo o deus d'amor
Por se ver prisioneiro.

Sua linda, ao som da lyra,
Canta o soldado na guerra;
Ora geme, ora suspira;
Nunca lhe esquecendo a terra,
E a última vez que a víra.

Eu tambem dentro em mim sinto
Igual férvida paixão;
Dos mais eu não sou distincto;
Do meu bem a perfeição
Mil vezes na idéa pinto.

Amor a tudo avassalla,
Ninguem delle vive isento:
Alguem ha que soffre e cala;
Porém o seu fogo lento
Tudo mina, a tudo iguala.

Ao rei no throno sentado,
No inculto monte ao serrano,
A todos fere o vendado:
Ninguem se isenta do damno,
Que faz o farpão doirado.

Achilles com peito de aço
É sensivel á ternura:
Do rei Latino no paço
O teucro heroe, por ventura
D'amor não caíu no laço?

Alexandre ostenta forte
Não ver de Dario as filhas,
Mâs depois segue outro norte:
Entre as amantes quadrilhas
Tu o vais pilhar, ó morte.

De Carthago o vencedor
Tambem sente a chamma activa:
Perdido todo o valor,
Á vista de uma captiva
Chora nos ferros d'amor.

Quem levou Helena a Troya?
Deu a Lucrecia o punhal?
Quem urdiu a vil tramoia
Com que no Uragnay fatal
Morreu a gentil Lindoia?

Quem a Cleopatra envia
Do throno ao cahos profundo?
Leva Dido á campa fria?
Quem affamada no mundo
Fez a lusitana Osmia?

Só tu és, idalio nume,
A causa dêstes effeitos:
Ninguem livre se presume;
Tu pões em todos os peitos
Teu activo, ardente lume.

Jonia, a minha Jonia bella,
Me faz sentir igual chamma;
O seu amor me disvela;
Venturoso aquelle que ama
S'é correspondido della.

No meu coração cravada
Tem amor a setta dura,
Mâs não é envenenada:
É setta que, com ternura,
Sempre foi por mim beijada.

S'é êrro, Jonia, adorar-te,
A natureza o protege:
Quem censura nesta parte,
Talvez seja por que inveje
Eu ser feliz em amar-te.

Que querem de mim qu'eu faça,
Vendo teu rosto divino?
Tudo, Jonia, tudo enlaça,
Tudo prende o deus menino
Á vista da tua graça.

Se aquelles guerreiros fortes,
Perdido o marcio furor,
Mudaram seus duros portes....
Se no dominio de amor,
Sentiram doces transportes....

Se aos mesmos padres conscriptos
A gentil Virginia inflamma;
S'em Florença aos patrios gritos
Sacrifica Laura a fama,
Sem temer da crise os ditos....

Fale o mundo o que quizer,
Hei de amar-te, Jonia linda;
O deus Pafio assim o quer;
Té agora ninguem ainda
Resistiu ao seu podêr.

Sonetos.

As redeas toma o inclyto Lorena,
A paz nos baixa da justiça ao lado,
Geme a maldade no grilhão pezado
Victima digna da mais dura pena:
A sábia dextra, que o castigo ordena,
Longe afugenta todo o monstro irado,
Da sagrada virtude acompanhado
As redeas toma o inclyto Lorena:
A nuvem do terror ao criminoso
Entre as brenhas persegue e nas campinas,
Té que vindo a seus pés é venturoso:
Com govêrno feliz de acções tão dinas,
Melhora sua sorte o desditoso,
Exulta alegre a afortunada Minas.

Mais póde o sol deixar de ser luzente,
E com a noite misturar-se o dia;
Ser a calma, bem como a neve fria,
E ser por natureza o gêlo quente:
Mais póde o mar deixar de ser movente,
E de ser rócha a bruta penedia,
Tornar-se em trevas tudo o que alumia,
E a mesma terra ser resplandecente:
Mais póde o mundo em nada ser desfeito,
A materia perder a gravidade,
Deixar o fogo de queimar o effeito:
Mais póde, emfim, ser sombra a claridade,
Qu'eu deixar de sentir no terno peito
O golpe que me fere da saudade.

JOAQUIM JOSÉ LISBOA. *

Descripção curiosa.

Minha Marilia, eu não faço
Do Brazil uma pintura,
De sublime architectura,
Como a que tem Portugal.

* Quasi tão escassas, como do precedente, são as noticias que temos de Joaquim José Lisboa, alferes do Regimento regular de Villa Rica de Minas. Em 1804 publicou o seu interessante folheto, em 8.º, intitulado *Descripção curiosa*, em que pinta a sua provincia nas quadras que adiante transcrevemos.

Com a invasão dos francezes em Portugal, declarou-se com o maior enthusiasmo contra estes, publicando poesias patrioticas, etc. — Em 1808 (typographia de Simão Thaddeu Ferreira) publicou uma ode ao Silveira e um soneto á guerra. Logo depois (impressão régia) outro intitulado — *Á Protecção dos Inglezes* — com um soneto, trinta e duas quadras e quatro decimas, que offereceu ao novo corpo conimbricense. — Em 1810, sob o titulo de — *Obras Poeticas* — (impressão régia) imprimiu dois sonetos e uma ode ao bispo do Algarve. — Em 1811 (impressão régia) tambem com o titulo de *Obras Poeticas*, consagrou a Wellington uma ode, um soneto, um dialogo e quatro decimas.

Pinto com pobre discurso,
Com pouca arte e sem belleza,
Os dotes que a natureza
Lhe deu com mão liberal.
Campos nativos lhe deu,
Deu-lhe bosques, mattos, serras,
E fez fecundas as terras,
De proficuos vegetaes.
Ornam aos campos e aos mattos,
Engraçadas, tenras flores,
Com differença nas côres,
No feitio e em tudo o mais.
Serpeando regam tudo
Claros, frígidos ribeiros,
Que descem d'altos oiteiros,
E d'entre rochedos nascem.
Todo o anno ha primavera:
Fosse agosto ou fosse abril,
As arvores no Brazil,
Não me lembro que seccassem.
Seu clima é o mesmo que este,
Porém muito mais sadio,
Porque o inverno é menos frio,
Menos calmoso o verão.
Tão benigna a natureza
Neste paiz nos costuma,
Que gozâmos sempre d'uma
Deliciosa estação.
Os campos, minha Marilia,
Sendo, como são, regados,
Nutrem numerosos gados,
Sem precisão de pastor.

Um só alqueire de milho,
Na fertil terra plantado,
Dá duzentos ao cançado,
Fatidico agricultor.
Temos nas nossas montanhas,
Inda nas que são mais brutas,
Saborosissimas fructas,
Que poucos conhecem cá.
Nós temos a gabiroba,
O araticum, a mangaba,
A boa jaboticaba,
O saboroso arasá.
O rugado genipapo,
A guaiaba, o bom cajú,
Pitanga, azedinha. ambú,
Cambocá, baco-parí.
Os joazes excellentes,
Côco espinho, jambo, angá,
Temos o mandapusá,
Marmellada e moricí.
A silvestre sapocaia,
As bananas, os mamões,
Limas da China, limões,
Temos manga e jatobá.
Temos a fructa de conde,
Gorumixamas delicadas;
E temos posto em latadas
Mimoso maracujá.
Temos áta, jaca, côcos,
Cabacinhas amarellas,
Ananás e outras bellas
Fructas do mesmo paiz

Isto junto ao genio docil
Da fiel, brazilia gente,
Faz uma idade excellente,
Produz um tempo feliz.
São fartas as nossas terras
De palmitos, guarirobas,
Coroá cheiroso, taiobas,
E bolos de carimans.
Dêstes bolinhos, Marilia,
Usam muito aquelles povos,
Fazendo um mingáu com ovos,
Quasi todas as manhãs.
Temos o cará mimoso,
Temos raiz de mandioca,
Da qual se faz tapioca,
E temos o doce aipím.
Temos o caraeté
Carajú, cará barbado,
O inhame asselvajado,
A junça, o amendoím.
Mangaritos redondinhos,
Batatas doces, andús,
Quiabos e carurús,
De que se fazem jambês.
Temos quibebes, quitutes,
Moquecas e quingombôs,
Gerzelim, bolos d'arrôs,
Abarás e mananês.
Temos a cangica grossa,
Pirão, bobôs, caragés,
Temos os jocotupés,
Orapronobis, tutús.

Tambem fazemos em tempo
Do milho verde o corá,
Mojangués e vatapá,
Pés de muleque e cuscús.
Os rios, que ha lá mais ricos,
Marilia, eu te vou dizer,
Se os não chegares a ver,
Ao menos sabes quaes são.
A Giquitinhonha é um,
Rio do Sono, Abaethé;
Porém maior, que estes, é
O que passa em S. Romão.
Ha sitios em que é mais largo,
Que a distancia de tres milhas,
Basta dizer, que tem ilhas,
Que dão pasto para os gados.
São tão fecundas de fructos,
Na estação de varios mezes,
Que nutrem porcos montezes,
Anta, lobos e viados.
Temos o rio das Contas,
Temos o rio da Prata,
Que em varios sitios se trata
Pêlo rio Paracatú.
Temos o Paraibuna,
Visinho da Paraíba,
E temos a Parnaíba,
E o rio Perauasú.
Temos o rio das Velhas,
Que passa por Sabará,
E o rio Preto que está
Visinho ao Arasuahí.

Do alto monte do Itambé,
Morada de chuva e frios,
Nascem alguns sete rios,
Além do Capivarí.
Temos o rio das Mortes,
O prudente rio Verde,
Porém neste ninguem perde,
Nem vida, nem cabedal.
Sonolento faz seu giro,
Não ha quem delle se queixe,
É riquissimo de peixe,
E por manso não faz mal.
Ha no Sêrro o rio Pardo,
E ha outro Tijucosú:
Rio Escuro em Paracatú,
Orocuia em S. Romão.
Tórno ao Sêrro e mostrarei,
Que um rio Inhacica, ha,
E a Paracatú onde está,
De S. Pedro o Ribeirão,
O rio Doce lá temos,
Que está contiguo Gentio,
E temos no Sêrro frio
O Inhahi e a Paraúna.
O Fanado é em Minas Novas,
E perto de Macaúbas,
Rio Jaboticatubas,
Rio Manso e rio Duna.
Temos o rio das Guardas,
O da Arêa, o Borraxudo,
Que corre tranquillo e mudo,
E temos o Andaiá.

Temos o rio dos Tiros,
O rio Gequitahí,
E o rio de Petanquí,
O qual se chama o Pará.
Ha certo monte, Marilia,
Junto á Comarca do Sêrro,
Que tem em si prata e ferro,
Mesmo em cima do seu cume,
E no Itacambirosú,
Junto á diamantina serra,
Se faz extrahir da terra
Excellente pedra hume.
Ha salitre em abundancia,
Barro para loiça, cal,
E extrahe-se da terra sal,
N'alguns sitios do sertão.
D'uma côr assucarada,
Bem como a ganga de cá,
Da mesma côr temos lá,
No seu cazulo, algodão.
Vamos, Marilia, observar
Outras muitas producções,
Daquelles vastos sertões,
Por onde em soldado andei.
Se eu comtigo for feliz,
E ambos nos formos embora,
Quanto aqui te pinto agora,
No Brazil te mostrarei.
Tu verás naquelles campos
Grande número de emas,
Verás cantar seriemas,,
Verás negros orubús.

Verás os pombos astutos,
E verás outra perdiz,
Differente codorniz,
E verás rôxos nhambús.
Verás um passaro lindo,
Todo de peito amarello,
Cujo canto é muito bello,
Porque explica — *bem te vi* —.
Grande tucano verás,
Que tem palmo, ou mais de bico,
Verás ave que diz — *tico* —,
E verás o arasarí.
Gordo, cinzento macuco,
O jacutinga, o jacú,
O nocturno curiangú,
O differente pavão.
Verás encarnada arara,
Outra azul, as mexeriqueiras,
Que são assás chocalheiras
Em todo o nosso sertão.
Verás nas nossas lagoas
Colhereira côr de rosa,
A branca garça formosa,
O tristonho jaború.
Verás ave, que não vôa,
Sem correr um longo espaço,
Tem bico de ferro e aço,
O seu nome é tuiúiú:
Tu verás rolinha azul,
E outras mais, que nunca viste,
E ouvirás a pomba triste.
Dizendo que só ficou.

Verás rolinha cinzenta,
Que airosamente passeando,
Anda co'as outras cantando
Mesmo assim —*fogo pagou*—.
Os papagaios verás,
E de muitas qualidades,
E outras variedades
D'aves e feras tambem.
Tu verás o João de Barros
A sua casa arranjar,
Onde elle deve morar
Co'a familia e mais ninguem.
Verás negra caraúna,
Curicáca e sabiá,
Que imita ao melro de cá,
Só no canto, não na côr.
Verás catinguente guache
Abrir um leque amarello,
Verás o çanario bello,
E o pequeno beija-flor.
Tu verás sabiá-sica,
A juritî, zabelê,
Nos mesmos sitios em que
Ás vezes anda o mutum.
Verás socó-boi, marrecas,
Nos lagos do campo ou matto,
Os massaricos, o pato,
Narcejas, carriça, anum.
Eu, Marilia, em Salvaterra
Das aves na casa entrei,
E com vagar observei
O feitio dos falcões.

Todos tem bico revôlto,
Unhas e dedos compridos,
E são muito parecidos
Com os nossos gaviões.
Temos ave no Brazil,
Que ao galeirão se figura,
E o seu nome — *saracura* —,
E nos pantanos habita.
Temos o jaó mimoso,
O minhoto, ave rasteira,
A saborosa capoeira,
Que á perdiz de cá imita.
Uma ave pequena temos,
Que viuva se appellida,
Anda de luto vestida,
Traz capello e diz — *viuva* —.
Nos lugares os mais sombrios
Commummente é onde assiste,
Observa-se sempre triste,
Haja sol ou haja chuva.
Com um passaro pequeno,
Marilia, se viajâmos,
Todos nós nos enganâmos,
Ao qual chamam — *ferrador* —.
Com tão grande fôrça bate,
Que na verdade figura,
Que atarraca a ferradura,
Pois faz o mesmo estridor.
Temos o passaro que entoa,
Por mil differentes modos,
Porque elle arremeda a todos,
Seu proprio nome é — *corrixo*.

Tem encontros amarellos,
E são passaros pequenos:
Serão pouco mais ou menos
Do tamanho d'um cochicho.
Supersticiosas velhas,
Das que benzem do quebranto,
Escondem-se ouvindo o canto
D'ave chamada caumhã.
E dizem a outras taes
Que as caumhãs e os bizoiros,
Annunciam máus agoiros,
Quando se ouvem de manhã.
Naquellas mattas espessas
Ha ferozes animaes,
Eu te dou delles signaes,
E das suas condições.
Quatro qualidades d'onças
Nós temos, e temos lobos,
Propensos a fazer roubos,
Pois são do gado os ladrões.
Entre éstas diversas onças,
Ha nellas diversas côres,
Porém todas são maiores,
Que o cruel lobo traidor.
É parda a sosuarana,
Porém mais destra em cilladas,
Ha duas que são pintadas,
E o tigre de negra côr.
Ao que cá se chama gamo,
Lá é viado campeiro,
Ha outro que é catingueiro,
Outro chamado virá.

Ha raposa, ha papamel,
E ha do campo e do matto,
De negras mesclas um gato,
Chamado malacaiá.
Temos o caitatú,
O tiririca, o queixada,
Os quaes deixam destroçada
A planta ao agricultor.
Tambem faz mil prejuizos
O astuto macaco, a anta;
Porém o porco é da planta
O peior perseguidor.
Temos dois tamanduás,
Um bandeira, outro merim,
Temos o mono, o saguim,
O gambá e a capivára.
Ha outra onça pequena,
Que é do tamanho d'um cão,
E ha tambem pelo sertão
A grande suçuapára.
Ha mocós, ha pereás,
Ha quatís, e ha cotia,
Ha paca, que foge ao dia,
Geriticáca e tiiú.
Temos menor que o saguim,
Um tal caximguemguelê,
Que raras vezes se vê,
Camaleão e tatú.
Temos animal felpudo,
De curtos, nervosos braços,
Que em quanto dá só dois passos
Póde um homem dar tres mil.

Maldito este bicho seja,
Que tão máu costume tem,
Pois delle o nome nos vem
Da priguiça do Brazil.
Tambem, Marilia, lá temos
Cobras muito venenosas,
E por isso assás damnosas
A tudo quanto é vivente.
Màs mesmo nos nossos mattos,
Nos nossos campos amenos,
Temos contra estes venenos
O antidoto excellente.
Lá temos cobra que engole
Um viado, tendo fome:
É amphibia; e o seu nome
É — *o grande sucuriiú* —.
O cascavel venenoso
É a que faz maior mal;
A gereráca coral,
E o temivel surúcucú.
Màs estes contrarios nossos
Não 'stão nas povoações,
São dos incultos sertões
Os proprios habitadores.
É certo que em Portugal
Ha lobos, màs não na côrte,
Pois tambem da mesma sorte
São aquelles malfeitores.
Nos nossos rios, Marilia,
Ha muitas variedades,
De peixes de qualidades,
Que em Portugal nunca vi.

Temos a peripitinga,
O pacú asselvajado,
Piranha, bagre, doirado,
Piampára e lambarí.
Temos a corumatá,
A traira, o sorubí,
A piabanha, o mandí,
A corovina, o piáu.
A escamosa matrinxam,
Que no veio d'agoa alveja;
E bem, que mais rijo seja,
O cascudo não é máu.
Os escravos pretos lá,
Quando dão com máus senhores,
Fogem, são salteadores,
E nossos contrarios são.
Entranham-se pelos mattos,
E como criam e plantam,
Divertem-se, brincam, cantam,
De nada têem precisão.
Mâs inda que nada criassem,
Ou que não fizessem rossas,
Benignas as terras nossas,
Mil silvestres fructos tem.
E como elles sejam ageis,
Descobrem naquellas mattas
Carajú, cará, batatas,
E muito mel que ha tambem
Vêm de noite aos arraiaes,
E com industrias e tretas,
Seduzem algumas pretas,
Com promessas de casar.

Elegem logo rainha,
E rei, a quem obedecem,
Do captiveiro se esquecem,
Toca a rir, toca a roubar.
Eis que a notícia se espalha
Do crime e do desacato,
Cahem-lhe os capitães do matto,
E destroem tudo emfim.
Ora ahi vem o pobre preto
Entre cordas, prêso e nú,
Vão-lhe os bacalháus ao c...
E o seu reino acaba assim.
Os indios daquelles mattos,
Por outro nome — o gentio,
Andam nús na calma e frio,
Do tempo não se lhes dão.
Não tem casas, não fabricam,
Vivem da caça e dos roubos,
São peiores do que os lobos,
Peiores que as cobras são.
A uns chamam boticudos,
A outros chamam chavantes,
Que são no valor constantes,
O que não são caiapós.
São os caiapós traidores,
Porém assás timoratos;
E ha tambem nos nossos mattos,
Maconís e bororós.
Não têem rei, porém respeitam
Entre si um maioral,
Que traz um penacho, ao qual
Dão o nome de cacique.

Quando uns com outros guerreiam,
Este os commanda, este os rege;
E, pensando que os protege,
Fiam delle o seu despique.
Logo que a gentia pare,
Haja calma ou haja frio,
Mette-se toda no rio,
E o tenro filho tambem.
Este banho é-lhe saudavel,
Do vento não se reserva,
Assim vive e se conserva,
Assim nutre e se mantem.
A este mesmo boticudo
Dão o nome de emboré,
Ha capaxó, o qual é
Sempre opposto aos malalís.
O panháme e o mariquita
Giram por diversos mattos,
Ha purís e ha croatos,
Monaxós, machacalís.
Os boticudos, Marilia,
Têem beiço e nariz furado;
E nelle têem pendurado
Grande pedaço de páu.
Se gigantes haver podem,
Estes os gigantes são,
Têem fôrças e coração
Inexoravel e máu.
Deixa explicar-te, Marilia,
Quaes são daquelles paizes
As virtuosas raizes,
E oleos medicinaes.

E depois te contarei,
Se me deres attenção,
Pâra que remedios são
Os seguintes vegetaes.
Pâra o galico é a salsa
Remedio ha muito approvado,
E applica-se ao constipado
Raiz de carapiá.
A casca d'anta, a chapada,
Pâra dores de barriga,
Diz a gente mais antiga
Que melhor, que ellas, não ha.
Tambem é muito excellente
A butua nova, a biquiba,
O oleo de copaíba,
Fumo bravo e fedegoso.
O barbasco, o geribão,
A vassourinha miuda,
Congonha, caroba, arruda,
E o vellame precioso.
Temos a lingoa de vacca,
Que é d'uma folha comprida,
A qual posta sôbre a ferida,
É remedio especial.
A herva Santa Maria,
Quente e posta sôbre a dor,
Tem virtude superior,
Não ha outra a ella igual.
Temos o sipó de chumbo,
Temos figueira terreste,
O páu terra, e as fructas dêste,
Remedio dos beiços são.

Temos abob'ra do matto,
Trapoiraba, herva do bicho,
Que se applica por esguicho
Aos que sentem corrupção.
O nhambú, herva rasteira,
Dá um botão amarello,
Que é remedio muito bello
Pâra o dente que nos doe.
O mesmo dente o mastiga,
E aquelle succo excellente,
O faz sarar de repente,
E a podridão lhe destroe.
Nós temos mamona branca,
Temos almeciga fina,
Que é uma especie de resina,
Mâs d'um cheiro especial.
Posta em parchos junto aos olhos,
Quando nos doe a cabeça,
Sua virtude depressa
Prompto allívio nos vai dar.
Virtuosa epiquaquanha,
Cujo nome é bem notorio,
É purgante e é vomitorio,
Do Brazil todo em geral.
Barbatimão pâra banhos;
E a experiencia nos ensina,
Que contra a febre malina,
A capeba é cordeal.
Corpolento, alto coqueiro
Produz o nosso sertão,
Dá cortiça, e lá lhe dão
O nome de borití.

Do feitio da romã,
Silvestre fructa lá temos,
A qual cozida comemos,
E lhe chamâmos pequí.
Anda, vamos ver, Marilia,
De Portugal o thesoiro,
Vem ver a extracção do oiro,
Vem ver de tudo a extracção.
Vem ver fabricar o assucar,
Os engenhos de pillar.
Verás tambem fabricar
Alvo, macio algodão.
Verás extrahir da terra
As safiras, os brilhantes,
Os rubins, os diamantes,
Producções de alegres vistas.
Verás o igneo topazio,
A grizolita amarella,
A esmeralda verde e bella,
Verás rôxas amatistas.
Os pingos d'agoa cascudos,
E verás outras pedrinhas,
Chamadas agoas marinhas,
Que são azues por signal.
Lá verás tambem granadas,
Pingos d'outras qualidades;
E verás mil raridades
No interior do cristal.
Todas éstas producções,
Ha, Marilia, no Brazil;
Màs além destas ha mil,
Que com mais vagar direi.

Só posso affirmar-te agora
Que os fiéis patricios meus,
Adoram no céu a Deus,
E adoram na terra o rei.
E que as agoas, peixes, campo
Pedras, fructas, oiro, prata,
E o mais que aqui se retrata,
De indiziveis cabedaes.
Nada tem tanto valor,
Como a fiel producção,
D'um sincero coração,
Que te adora sempre mais.
Que nelle moras e vives,
Eu te posso segurar,
Já nasceu pâra te amar,
Pâra te servir nasceu.
Cumpre-te agora, Marilia,
A grata correspondencia,
De dar sempre preferencia
A um coração como o meu.
Se o real regente augusto
Fosse honrar nosso paiz,
Faria ao povo feliz,
E o seu imperio faria.
No logar mais precioso
Das brazilias regiões,
Ou dos nossos corações,
Um throno se lhe ergueria.
Màs se elle não quer piedoso,
Cheio d'alta magestade,
Ir ver na nossa amisade
O mais innocente amor.

Vamos, Marilia, gozar-nos
D'um paiz que julgam bravo,
Que bem póde o bom escravo
Servir de longe ao senhor.

ANTONIO MENDES BORDALLO. *

A D. João d'Almeida.

Cançada a vista, o rosto macilento,
A pelle quasi rota sôbre os ossos;
Perdido o grão soccorro dos humanos
A santa paciencia.

* Antonio Mendes Bordallo nasceu no Rio de Janeiro em 24 de Outubro de 1750. — Foram seus pais, Francisco Mendes Bordallo (nascido em Portugal, e Governador do Castello de S. Januario), e D. Anna Maria Alvares e Asturias, nascida no Brazil.

Veiu de 16 annos de idade pâra Portugal, com todos os preparatorios pâra a Universidade, ahi se matriculou, formando-se em direito canonico em 1771. — Em Lisboa principiou a praticar a advocacia, em que se fez eminente, sendo o seu nome citado a par do de Silveira da Motta, Saturnino (ambos igualmente brazileiros) Barboza e Araujo, e outros, que naquelle tempo eram ornamentos do foro portuguez.

Teve relações intimas com as pessoas mais notaveis de Lisboa, como José de Seabra, e seu irmão Lucas de Seabra, e Martinho de Mello e Castro, e com os homens mais distinctos em sciencias e litteratura com Stockler, e Almeida (depois barão), Bocage, Sebastião Xavier Botelho, morgado de Assentiz, e os brazileiros Sousa Caldas, e desembargador Vellozo.

A estas suas relações deveu o não ser envolvido nas perseguições do célebre Manique.

Foi casado com D. Theresa Claudia d'Almeida.

Falleceu em Lisboa a 17 de Fevereiro de 1806, com 56 annos de idade.

Almeida illustre, qual o furioso
Que perdeu a rasão na violenta,
Na crise mais cruel da infeliz sanha,
Se morde, se espedaça.

Accuso os fados — corro delirante
Á fonte dos meus males: fates livros!
Desde os primeiros, innocentes annos,
Paixão, doce cuidado!

Fixos os tristes, macerados olhos
Nos sublimes, nos célebres escriptos,
Onde achei a rasão, d'onde a minh'alma
Maravilhada, absorta,

Ás esferas subiu, no immenso espaço
Viu os astros girar; da natureza
Os arcanos, que o vulgo desconhece,
Penetrou atrevida.

Arranco mil suspiros — que funestas
Idéas, na enleiada fantasia,
Se chocam, se confundem, sem que possa
Formar um só discurso!

O pranto se desprende; a dor immensa
Os gemidos suffoca, das virtudes
A mais bella me empresta a sua heroica
Constancia inalteravel.

Os mesmos que m'opprimem, que m'entregam
No seio tragador da vil miseria,
O buido punhal que toca o peito
Suspendem, me desviam.

Os livros onde lia moral pura
Condemnam de Catão o sangue, a morte,
Sou forçado a viver, a ser ludibrio
Dos homens que me ultrajam.

Neste de afflicções duro combate
Se exaltam, se refinam mais pezares:
Os gregos, os romanos já não vivem
Pâra honrar os talentos.

A misera, infeliz bibliotheca
Condemno ao fogo, juro inconsiderado
Offertar nos altares da ignorancia
Frequentes sacrificios.

Porém que injusta, barbara deidade
A sentença revoca? Me apresenta
Do bravo Achilles, do piedoso Eneas,
Os immortaes cantores?

O furor se mitiga, não te espantes
Da subita mudança, caro Almeida;
Se fosse acaso capital delicto
A lição de taes livros,

Com elles entre os braços subiria
Os lugubres degraus do cadafalso,
E diria ao tyranno: — Vil, aprende
A ter alma sensivel — !

O primeiro logar que se offerece
Aos olhos mal enxutos, quebrantados,
Narra os desastres, miserandos casos
Do genitor de Páris.

Então a mente como absorta pára,
Com aquelles combina os meus successos:
Que remedio efficaz pâra os afflictos
Achar damnos maiores!

Tu, que em herança dos avós preclaros,
Recebeste os brasões, o patrimonio;
Tu, que não viste o pavoroso aspecto
Da faminta pobreza;

Que cheio de afflicção, de encolhimento,
Não ensaias, não fórças o teu rosto,
Pâra ouvir do ministro inaccessivel
Um desabrido — *logo* —.

Que á custa de fadigas, de despresos,
Não buscas o padrinho que te insulta;
Que não és reputado pelos grandes
Animal de outra especie.

O fertil genio, solidos talentos
Ancioso cultiva, reinvidica
Do podêr do fatal esquecimento
A lusa, antiga glória.

A casa de jogo.

Brindemos, Chapelain, a companhia
Dos guerreiros tafues, que denodados
Investem do cadete o louro campo,
Que encaram mil azares.

Que importa que o cruel, surdo destino
Desprese do Morão os ais, os votos;
Que importa que o cadete inexoravel
Embote nossas armas!

Não affrouxa a constancia, novo aproxe
Tu e eu dirigimos: pêla esquerda
Eis que a dama apparece, qual Santelmo
Ao náufrago marinho.

Um pirolo, *uma paz*, *um casamento*,
Annuncia a derrota; já vacilla,
Já fluctua, e talvez peça armisticio
O medroso banqueiro.

Màs ah! que a scena muda! horror, carnagem
O valete nos mostra! os teus suspiros
Só servem de aggravar males tamanhos,
Morão endiabrado.

Fujamos, Chapelain, nada nos resta,
Alem da paciencia; novo esfôrço
Façamos com os dados, *oitos*, *setes*,
Mudaram nossa sorte.

É igual a desgraça! tudo céde
Ao bravo campeão, filho das musas:
Mais *trezes*, mais *quatorzes*, mostra o dado,
Do que pulgas em maio.

Os fados não se forçam, não se abrandam,
Impreterivel é sua carreira:
Embora filosofe o sabio Motta,
Co'a sciencia de Euclides.

É preciso ceder, mudar de esgrima,
Unamos nossas armas contra as adens,
Que a par do lombo, em tôrno da chouriça,
Pacíficas descançam.

Ali em batalhão todos unidos,
Qual Cezar de Pompeu ferindo as tropas,
Arremessemos amoladas facas,
Os garfos empunhemos.

Então o bom Faustino, mais affoito
Do que Annibal em Cannas, vai fendendo
Os fartos peitos da perdiz cevada,
Com o durasio trigo.

Então o Bernardino espaventando,
As trigueiras bochechas Baccho invoca,
Invectiva o Duarte, narra os casos
Do desertor de Boston.

A tactica de beber rubro falerno,
Qu'os copos transbordando em grossa espuma,
Alegra os corações, eleva as almas,
Fará grandes conquistas.

Ou praguejem, ou não os maldizentes,
Ésta nova invenção de colhêr louros:
É certo que riremos do cadete,
Sem perder um só chavo.

Sátyra aos abusos da Magistratura.

(Fragmento d'uma epistola a Martinho de Mello e Castro.)

Que devo, pois, temer? . . . . . .
Os tristes zoilos, campeões da inveja,
Que podem responder? Que se enfureçam,
Que vomitem negruras, que me insultem,
Porque Pêgas despréso e leio Horacio!
Porque digo e direi nas grandes praças,
Com seguro semblante, que a origem,
A fonte inexhaurivel das trapaças
Com que Mevio retem injustamente
Do afflicto Lelio o pingue patrimonio;
Que o plausivel pretexto com que Silvio,
Juiz iniquo, digno da calceta,
Só porque no processo falta acaso
Uma insignificante palavrinha,
Dá ao direito asperrima tortura;
E o que é mais torpe (tu crerás apenas!)
Prefere Acursio á Ordenação do Reino!
São esse da ignorancia monumentos,
Livros sem methodo, sem nenhum criterio,
Que prohibem o mesmo que aconselham! — . .
Porém um sabio professor antigo
De calúmnias, de meios odiosos;
Habil consulto, que de cór sabía,
Folha por folha, Sanches e Molina.

Me falou desta sorte ha poucos dias:
—« Rapaz sem tino, falto de experiencia,
Francez da moda, louco rematado:
Queres reformas, amas novidades,
Sem pezar suas tristes consequencias?!
De tres mil bons e maus advogados,
D'outros tantos fiéis e requerentes,
De mais de cinco mil procuradores,
Que vivem nesta côrte, do que chamas
Ladroeiras, calúmnias e trapaças,
Dize, reformador, o que sería?
Mette o teu modernismo n'algibeira,
Os teus e meus avós assim viveram,
Esses costumes, que detestas tanto,
Teem o sêllo da prisca antiguidade... »— . .

JOAQUIM JOSÉ DA SILVA. *

Amei a ingrata a mais bella,
Que o mundo todo em si tem:
Eu morri sempre por ella,
Ella nunca me quiz bem.

GLOSA.

QUANDO eu era mais rapaz,
Que jogava o meu pião,
Andava o Centurião
Dando a todos sotta e az.
Nesse tempo aos sabiás
Armava a minha esparrella;
Comia caldo em panella
Por ter os pratos quebrados;
E até por mal de peccados,
Amei a ingrata a mais bella.

* A respeito dêste versejador confessâmos ter escassez completa de notícias biographicas. Era çapateiro no Rio.

Depois de mais alguns mezes
Já por baixo de sobcapa,
Pêlas calçadas da Lapa
Pernoitava muitas vezes.
Não bastaram os arnezes,
Que herdei de Matusalem ;
Só sei que querendo bem
Me achei como Antão no ermo,
E o mais galante estafermo,
Que o mundo todo em si tem.

Com os annos, com a idade,
Na festa e seu oitavario,
Só, em passo imaginario,
Andava pêla cidade.
Se é mentira, se é verdade,
Diga-o a minha mazella,
Que não sendo bagatella
Bem mostra de cabo a rabo,
Que por artes do diabo
Eu morri sempre por ella.

Depois de velho e caduco,
Já cheio de barbas brancas,
Eu bispei-a dando ás trancas
Nos sertões de Pernambuco.
Ali trabalho e trabuco
Por lhe abrandar o desdem ;
Mâs o mau modo que tem,
Procedido da vil prole,
Faz crer que nem a pão mole
Ella nunca me quiz bem.

Ao pé do monte Sião
Ha um pé de cajurú,
Onde.....
O almirante Balão.

GLOSA.

Despresou Matusalem
Duzentos annos de vida,
Por não ver na amante lida
O gôsto que o lamba tem.
O juiz de Santarem
Quasi estala de paixão:
Das montanhas do Japão
Ungil-o veiu o seu cura,
Mâs desceu-lhe a quebradura
Ao pé do monte Sião

Sem dar accôrdo de si
Na dura terra prostrado,
Acudiu-lhe o deus vendado,
Com a funda de David.
Uns daqui, outros dali
Já chegam do Calundú;
Levado de belsebú
Confirma o bom Juvenal,
Que na nossa cathedral
Ha um pé de cajurú.

Ésta mentira tamanha
Que soou no Oriente,
Fez abortar de repente
A imperatriz de Allemanha.
Veiu a parteira de Hespanha
Montada n'um baiacú:
Faz-se a guerra no Perú
Por se saber que Mavorte
Vende a gadanha da morte,
Onde.....

No romano capitolio
Todas éstas tradições
Se dão a ler ás nações
N'um grosso livro de folio.
Sentado, então, no seu solio
Sem ter alguma attenção,
Deu tremendo caxação,
No tempo dos tres Filippes,
Em sua filha Floripes
O almirante Balão.

Alminhas do purgatorio,
Que estais na beira do rio,
Virai-vos da outra banda
Que vos dá o sol nas costas.

GLOSA.

Atraz da Porta Ottomana
Se conserva um bacamarte,
Com que Pedro Malasarte
Defende a Curia romana.
Nas margens do Guadiana
Dá Castella o reportorio:
Um tal frade frei Gregorio
Nas ventas do seu nariz
Tem um letreiro que diz:
Alminhas do purgatorio.

No passar do Helesponto,
Ésta nossa athmosphera
O seu ambiente altera,
Por não achar barco prompto:
Em falsete ou contraponto
O tempo passa do estio;
O mestre inverno com frio
Manda accender o pharol,
Pois vê de ré-mi-fa-sol
Que estais na beira do rio.

Depois do geral diluvio,
Inda nos ficaram mágoas,
Porque no tempo das agoas
Innunda mais o Danubio.
Qualquer atomo ou effluvio
Sempre féde que tresanda;
Renasce o mal de Loanda
Na cidade de Guiné;
Se quereis tomar caffé,
Virai-vos da outra banda.

Raia agora a lua cheia,
A nova faz seu eclipse:
É galante parvoice
Deitar-se a gente sem cêa.
Junto da Palma Idumea
Estão as cousas dispostas
Pâra evitar as propostas
Em que estão sôbre a vindima:
Ponde a barriga p'ra cima
Que vos dá o sol nas costas.

Tenho um galante chinello
Com que vou a São Mattheus,
Tenho a minha fralda rota,
Ninguem me bote quebranto.

GLOSA.

Se vós tendes um baijú
Com seus babados de chita,
Eu tenho agora a marmita,
Semi-rubra de ourocú.
Se tendes de gorgutú
Um macaquinho amarello,
Eu nas casas do castello,
Como é público e notorio,
Por baixo do consistorio
Tenho um galante chinello.

Se vós tendes de cambraia
Camiza fina e bordada,
Eu tenho a minha rendada
Que veiu da Marambaia:
Se de setim tendes sáia,
Eu só tenho os calções meus;
Se com esses trastes teus
De mim toda te desunes,
Eu tenho os pannos de Tunes,
Com que vou a São Mattheus.

Se tendes çapato justo,
E pões as mãos nas ilhargas,
Eu tenho as bottas mui largas,
Com que passeio sem custo.
Se tendes de raios susto,
Eu caço da vella a escota ;
Se tendes no frasco a gota
Como mestra das crioulas,
Eu por baixo das ceroulas
Tenho a minha fralda rota

Se tendes novo capote
Mais chibante do que o velho,
Eu tenho um torto chavelho,
Que me faz vezes de pote.
Se a cavallo andais de trote,
Eu do chão não me levanto,
Não me assusto, nem me espanto,
Serei sempre pé de boi ;
Ora ahi está como foi,
Ninguem me bote quebranto.

BARTHOLOMEU ANTONIO CORDOVIL *

Sonho.

Sôbre os braços do somno recostado,
Que objectos me não mostra a phantasia?
Pelos vastos espaços do universo
Dilato a vista a um lado e a outro lado,
Quando da parte austral vejo um gigante
Que um pé tinha na terra, outro nos máres,
Ia a cabeça a se esconder nos ares.

Verdes cabellos de robustos troncos
A frente circulavam bronzeada:
Do collo lhe pendiam por ornato
Amphibios jacarés e acarapepes;
Cada pulso prendia uma manilha,
Onde o topazio e os diamantes brilha.

Era rispida a barba, hirsuta e negra,
Povoada de esqualidas serpentes,
Que em tôrno do pescoço se enroscavam;

* Tão pouco possuimos dados para a sua biographia. Era, segundo parece, de Goyaz.

Por cajado na mão tinha um coqueiro,
Cuja ponta nas nuvens se occultava,
E a base no abysmo se enterrava.

Longa aljava nos hombros lhe carrega
De settas emplumadas guarnecida,
Sustenta a esquerda mão por arco um tronco
De pezado madeiro extenso e bronco:
O peito lhe apertava uma esmeralda
Com certas lettras de rubins gravadas,
Que não pude entender o que diziam,
Por mais que os meus sentidos applicasse:
Eu lhe pergunto, e elle a voz erguendo
Dêste modo fallou com som horrendo:

— « Eu sou o Maranhão, soberbo rio
Que nas minhas entranhas tenho e crio
Immensa cópia de metal luzente:
Altivo pizo, com terror da gente,
Brilhante pedraria e mais riquezas,
Até hoje aos indigenas defezas;
Apezar do furor, a que me inclino,
Devo ceder á fôrça do destino.
Chega o tempo por elle decretado,
Em que manda que eu seja navegado:
Tristão, o bom Tristão, que hoje governa,
Com fama e glória, que ha de ser eterna,
E cujo nome é este, que não lias,
Traz aos meus nacionaes ditosos dias.
Elle o primeiro foi, que providente
Fez explorar do meu podêr a enchente;
Elle tenta primeiro os meus desertos,
E poz os meus sertões de todo abertos.

Ao novo navegante e viageiro
Não ha de assombrar mais o canoeiro;
Elle desiste da cruenta guerra,
Com que assusta nas agoas e na terra;
E, deixando as pirogas e as covas,
Tristão sôbre a cerviz lhe põe leis novas:
Eu quero obedecer aos seus accenos.
Vós geraes moradores dos terrenos,
Que com meus braços sem terror retalho,
Vinde abraçar o próvido trabalho,
Que Tristão vos offerta, e em breves annos
Subjugados tereis os vossos damnos.
Do meu descobrimento expõe a história,
A quem de descobrir quizera a glória.
Seus designios declara e patentêa
A Francisco, a importancia desta idéa.
Tristão conhece a fôrça e vê a essencia
De uma nova e geral correspondencia;
Mâs antes que o commercio estabeleça,
Como prático e sabio, quer que cresça
Uma firme e legal civilidade,
Sem a qual não persiste a sociedade.
Só quando este princípio se conhece,
Se faz indispensavel o interêsse.
Communicam-se os povos mutuamente
Pêla troca que fazem differente;
As maximas e as leis introduzidas
Vão pouco a pouco nas nações vencidas
A operação firmando sem excesso,
Que facil torna todo o seu progresso.
Se povos que não pensam, nem discorrem
Com firme actividade, inda não correm
A buscar as riquezas, que lhe offerto

No thesoiro, que tem Tristão aberto,
Tempo virá que busquem infelizes
As ricas producções dos meus paizes,
E que fiquem depois involuntarios
Da oppressão e miseria tributarios.
Systema regular e reflectido
Da bocca de Tristão eu tenho ouvido;
E p'ra vosso constante beneficio,
Sôbre solida base ergue o edificio
De uma futura e doce sociedade.
A industria, a paciencia, a sobriedade,
A mutua confiança perduravel,
São de uma precisão indispensavel
Á nascente colonia que se fórma:
Tristão regra vos dá, preceito e norma;
E sem que mais palavras eu repita,
Nos suaves costumes que exercita,
Melhor firmeza e ordem achareis,
Do que na fôrça e no vigor das leis.»

Assim o monstro fala, meneando
A virente cabeça, e suspirando,
O beiço, então, mordeu — a cara volta,
E de novo ésta voz aos ares sólta:

— «Finalmente Tristão quebrou o imperio
Que tinha o meu podêr neste hemisferio.
De ardentes febres uma audaz cohorte,
Que atacando era certa e prompta a morte,
Pàra o averno intrepido desterra:
Com fogos novos purifica a terra,
Alimpa-se a athmosphera e as malinas
Pàra longe se vão destas campinas.

Benignos ares são substituidos,
E alimentos saudaveis produzidos,
Em vez das hervas más e venenosas:
Sibilantes serpentes perigosas
Vão a furia cevar n'outros logares
Distantes de meu leito e de meus ares.
E terão os meus nobres navegantes
Outra saude que não tinham dantes.
Sinto o que posso....»

—« Basta! lhe repito:
Não quero escutar mais as tuas vozes:
Antepões a crueza á humanidade?»

—« Perdoa, me responde, crueldade
Não chames ao que é pura natureza:
Tu louvas de Tristão d'alma a grandeza,
Eu sigo a inclinação, que o céu me inspira,
Sem que o louvor denigra com a íra.
Do teu heroe conheço a illustre alma,
Digno, pelo que faz, de loiro e palma:
Elle, só elle rompe-me as entranhas,
Quer-me abater as lateraes montanhas,
Intenta-me arrancar todo o thesoiro:
Como posso occultar a pedra e o oiro,
Se céde o meu podêr á sua fôrça?
Quem ha, que o seu mandato evite ou torça?
Quer q'os meus hombros com valor supportem
O pêzo que me impõe, e que o transportem
Aos desejados fins do seu destino;
Quer que me sulque o nauta peregrino,
E que tome por fim até ao mar
A volta e direcção que me quer dar.»

Em quanto assim comigo conversava,
Voltei a face, e vi que branquejava
Um soberbo edificio, a quem adornam
Marmoreos balaustres, encrustados
De laminas brilhantes, d'oiro e prata:
Pêla elevada porta, immenso povo,
Alegre ora sahia, ora tornava,
E mutuamente os parabens se dava.

Ao gigante pergunto o que contemplo,
Quando elle me responde:

—«É este o templo
Da immortal gratidão: esse congresso,
Que vês sahir e entrar com tanto excesso,
E que ser povo immenso tu suppunhas,
São os heroes, que as azuladas cunhas
Ao teu illustre protector deixaram,
E que tanto com elle melhoraram;
Mutuamente se estão congratulando,
E uns aos outros os parabens se dando,
Por ver que em beneficio dos humanos
Enche Tristão o giro dos seus annos,
E que a mão poderosa da alegria
Inda trouxe a Goyaz tão bello dia.»

Ouvi a este tempo um grande viva,
Que nos concavos ares retumbava:
Acórdo, deixo o templo, e n'um instante
Vejo em agoa tornado o meu gigante;
Porém pâra louvar a Tristão forte,
Tomára sonhar sempre desta sorte.

Dythirambo.

Nymphas goyanas,
Nymphas formosas,
De côr de rosas
A face ornai.
Vossos cabellos
Com muitas flores
De várias côres
Hoje enastrai.
Sim, nymphas, applaudi tão grande dia!
E tu, doce Lyeu, pai da alegria
Vem-me influir,
Que os annos de Tristão quero applaudir.
Ó lá, traze do Pheno
O suave licor grato e sereno;
Traze os doirados copos cristalinos,
Venham falernos,
Venham sabinos,
Deita, deita, enche o copo — gró, gró, gró:
Não entornes, espera, que este só
Não é que havemos
Hoje beber;
Mais vinhos temos
Sem confeição,

Pàra brindar
Ao bom Tristão.
Hoje á sua saude
Pretendo de beber mais de um almude!

Evoé
Ó padre Leneu
Saboé
Evan Bassareu.

Nectar suave, oh! quanto me consolas!
De mim se ausentem
Rixas, temores,
Mágoas, tristezas,
Penas e dores.
Venha outro copo de Baccho espumante,
Que ferva no peito,
E a mente levante.
Nos lusos fastos não se leia agora
Dos seus maiores a brilhante história:
Com alheias acções não condecora
A sua alta memória
O bom Tristão delicias dos humanos.
O curso dos seus annos
Cheios não são dêste furor guerreiro,
Que nos campos de Marte desbarata,
Rende, saqueia, obriga, assola e mata;
Mâs esperem, que escuto!
Vejo os troncos bolir! Ah! sim, bem vejo
Os Satyros brincões, Faunos auritos,
Que cheios de desejo,
Soltando aos ares vem ruidosos gritos,
Os capripedes deuses que diriam?

Se não me engano, em sua companhia
Vem bistanidas Thracias ululando,
Agitadas da rubida ambrozía,
Em choreas sinciunas volteando
Éstas doces cantigas modulando:
Goyanos louvemos
Tristão immortal,
Bebamos, dancemos,
Ausente-se o mal.
E os doces licores
Do bom Nictelen,
Em taças se entornem
De claro cristal.

Evoé
Ó padre Leneu
Saboé
Evan Bassareu.

Pois já que Tristão
De paz nos encheu,
Gostosos bebamos
O sumo de Oreu.
Traze, traze depressa o Peramanca,
Empine-se a botelha toda inteira.
Mâs que chamma ligeira,
Ao modo de uma tropa,
Pêlas tumidas vêas me galopa?
És tu, Bromio gostoso? Eu bem te entendo.
Bebamos mais aquelle, que das ilhas
Me mandaram de mimo
Do profundo oceano as verdes filhas.
No licor forte o coração me nada,

Baccho, Baccho, evoé!
O que terei nos pés? Eu cambaleio?
Cahindo estou de somno:
Depois que esvasiei quatro botelhas,
Rubidas tenho e quentes as orelhas,
O nariz frio, os braços estendidos,
Parece-me que gyra a casa toda.
Já não posso suster-me — nos ouvidos
Sinto um leve susurro:
O corpo tremilhica, o chão me falta,
E julgo que ésta casa está mais alta.
Como o teu elixir
Tão depressa, ó Leneu, me faz dormir?!
Agora que eu queria
Cantar do bom Tristão
O seu candido genio,
O terno coração,
A presaga prudencia,
A profunda modestia,
A serena clemencia,
A justa temperança,
Agora é que me fazes tal mudança?

Evoé
Ó padre Leneu
Saboé
Evan Bassareu.

Venha um copo, dois copos, tres copos,
Retinem nos ares
Mil brindes contentes,
E os povos ardentes
De summa alegria,

Nas aras do gôsto
Com férvido mosto
Entoem gostosos
Sem mais dilação
Os annos ditosos
Do terno Tristão.

Evoé
Ó padre Leneu
Saboé
Evan Bassareu

Sim, do grande Tristão tantas virtudes
O povo lhe louve,
O Neiva lhe dará muitos almudes
Dêste espirito rubro,
Que colhe no moinho,
Que os pezares desvia,
Que o somno concilia,
Que alegra a mocidade,
Que faz vermelha a envelhecida idade.

Evoé
Ó padre Leneu
Saboé
Evan Bassareu.

LUIZ PAULINO. *

Descripção d'um naufragio.

Do vento açoitado
O oceano geme;
Desarvora o mastro,
E nos rouba o leme.
Já rasgada a véla
Pelos ares vôa,
Nas ondas mergulha
Soçobrada a prôa.
Materia inflammada
Do ar se despega,
Clarão côr d'enxofre
A vista nos cega.

* Luiz Paulino seguiu a carreira das armas, e serviu em Portugal até general. Era filho da Bahia, e pai do actual visconde da Fonte Nova, Bento da França.

Raio combustivel
Nosso barco arromba,
No bojo dos máres
O ecco rebomba.
Tres vezes Neptuno
Com ância implorámos:
Neptuno está surdo,
Em vão o chámámos.
O terror e o susto
De nós se apodéra,
O medo da morte
Só em nós impera.
Montões d'infelizes
Nas ondas sorvidos,
Intentam salvar-se
Por entre alaridos.
Um disputa ao outro
A taboa partida,
E qual mais ligeiro
Vai perdendo a vida.
Acaba a contenda,
A taboa fugiu,
Ao longo dos máres
Boiando se viu.
Feliz o que vive
Na solida terra,
Que negra borrasca
Jámais lhe faz guerra!

Sonetos.

A teus pés, fundador da monarchia,
Vai ser a lusa gente desarmada:
Hoje rende á traição a forte espada,
Que jámais se rendeu á valentia.
Ó rei, se minha dor, minha agonia,
Penetrar podem sepulchral morada,
Arromba a campa, e com a mão myrrada
Corre a vingar a affronta dêste dia.
Eu fiel, qual te foi Moniz, teu pagem,
Fiel sempre serei: grata esperança
Me sopra o fogo de immortal coragem;
E as lagrimas, que a dor aos olhos lança,
Recebe, grande rei, por vassallagem,
Acceita-as em protesto da vingança.

Duas horas antes de expirar.

Eis já dos mausoléus silencio horrendo
Me impede o respirar, a voz me esfria;
Eis chega a morte eterna; eis morre o dia,
E ao nada a natureza vai descendo.
No, da anniquilação, passo tremendo,
Escudo-me da sã philosophia;
Terror humilde o rosto não m'enfia,
Como Catão morreu, eu vou morrendo.
Mâs ah! tu, d'alma nobre qualidade,
Saudade cruel, co'o soffrimento
Me arremessas a máres de anciedade....
Mulher... filhos... amigos... n'um momento,
No momento do adeus p'r'a Eternidade,
Vós sois o meu cuidado, e o meu tormento.

JOSÉ DA NATIVIDADE SALDANHA. *

A André Vidal de Negreiros, natural de Pernambuco, e seu restaurador em 1654.

Eu (mil graças ao céu !) s'em largos campos
Não aro, não semeio
Com malhados bezerros trigo loiro,
Pedindo ao vate Argivo a lyra d'oiro,
Semeio nas campinas da memória
Canções credoras de perpétua glória.

As redeas toma do cantor do Ismeno,
Musa canora e bella,
Iguivomos Ethontes atropella,
Guia a tua carroça luminosa
Ao bipartido cume:
Os cantores do Pindo que emudeçam,
Ao teu imperio os astros obedeçam.

* Foi um pardo de grande talento: destinguiu-se em Coimbra, onde estudava. Era filho de Pernambuco e de principios ultra republicanos.

E mais ligeiro
Do que o ribeiro,
Que accelerado
Discorre o prado,
Serpenteando,
Vai tu levando
O teu carro á azul esfera,
Onde Febo só impera.

Fuja o profano vulgo, inepto e rude,
Pâra ouvir os mysterios,
Que o altiloquo vate patentêa,
Quando alegre bebendo a clara vêa,
Da encantadora, diva Cabalina,
Troca a vida mortal pêla divina.

Oh monte! oh monte! ao vulgo inaccessivel,
Onde florêa Apollo!
Quem, do Ethonte domando o bravo collo,
No teu cume fuzila brando canto?
Quem cinge a douta frente,
Póde affoito dispor da humana sorte,
Dar vida ao sabio, dar ao nescio morte?

Se o grande Homero
De Achilles fero,
Que Heitor procura,
A paixão dura
Não arpejára,
Na lynfa amára
Dêsse lago celebrado
Jazeria sepultado.

Se torvos, sopesando invicta lança,
Ó musa, não podêmos
No campo sanguinoso de Mavorte
Espalhar de uma vez terror e morte,
Podêmos, fulminando excelsos hymnos,
Dos humanos mortaes fazer divinos.

Levemos dos heroes pernambucanos
A rutilante glória
Ao templo sacrosanto da memória :
Não deixemos em mudo esquecimento
Tantos varões famosos,
Que da inveja a pesar em toda a idade
Entregaram seu nome á eternidade.

Assim de Roma
A glória assoma.
Que do Latino
Em som divino
Relampeguêa
De graça cheia,
Quando fere a doce lyra,
Por quem Orion suspira.

Porém, ó Musa bella, o carro volta
Aos altos Guararápes,
Nelles procura o forte brazileiro,
Tigre sedento, lobo carniceiro,
Que, dardejando a espada em dura guerra,
Faz tremer, ao seu nome, o mar e a terra.

Ante os muros de Troia fumegantes,
Pélides furioso
Pêla morte do amigo bellicoso
Mais estragos não vibra, nem ruinas;
Nem o Aquilão fremente,
Que o pégo marulhoso revolvendo,
Vai montanhas de espuma ao céu erguendo.

Brava procella
Tudo atropella;
Ao belga forte
Flumine a morte,
E o meu Negreiros
Co'os brazileiros
Augura cheio de glória
Em seus brios a victória

Por cem boccas de fogo devorante,
Vulcão impetuoso,
Vomita o bronze atroador e forte,
Por entre denso fumo a negra morte;
E o nitridor ginete atropellado
Respira fogo em sangue misturado.

O vibrado corisco, tripartido
Pêla dextra divina,
Ou subita estalando occulta mina,
Tão rapida não é, nem tão ligeira,
Como o nosso Camillo,
Que leva enfurecido ao marcio jogo
Fogo no coração, nos olhos fogo.

Prova, ó tyranno,
Pernambucano
Valor preclaro:
Negreiros caro
Consegue o loiro
De heroes thesoiro,
Conservando a invicta espada
No teu sangue inda banhada.

Será preciso, ó musa, que sigamos
O heroe a toda a parte?
Que ao Rio Grande vamos e á Bahia,
Onde calcou Vidal a fôrça impía
Do tyranno hollandez, que ao seu aspeito
Sente o sangue gelar no duro peito?

Descancemos do claro Paraíba
Na margem abundante,
Onde brinca favonio susurrante;
Brilhe tambem na vasta redondeza
Ésta illustre cidade,
Patria feliz do impavido Negreiros,
Terror do belga, amor dos brazileiros.

Porém em tanto
Suspende o canto;
Do teu auriga
Á dextra amiga
Confia o leme;
O cysne teme
Que do heroe cantando a glória,
Talvez lhe manche a memória.

A D. Antonio Filippe Camarão, natural de Pernambuco, e seu restaurador em 1654.

Dulcisono instrumento,
Que de claros heroes levaste o nome
Ao alto firmamento,
Quando o cantor do Ismeno
O plectro audaz vibrava;
Eleva agora ao templo da memória
Novo heroe, que brilhou no céu da glória.

De sacro enthusiasmo arrebatado
Além da humana esfera,
O argivo cisne, em metro não ouvido,
Celebra o combatente,
Que o bravo corredor domou valente;
Ou nos pitios combates valoroso
O triumpho colheu victorioso.

No Pegaso, correndo o vasto campo
Dos nobres feitos do brazilio Marte,
Vou colhêr sem demora
Flores em toda a parte,
E tecer-lhe depois em Dirce bella,
Ao brilhar do meu canto, uma capella.

D'entre larga espessura,
Ouvindo a voz da patria, a quem opprime
A tyrannia dura,
Sái Viriato forte,
Invicto lusitano,
E, clamando vingança e liberdade,
Resôa a voz na etherea immensidade.

Qual da Sicilia o monte pavoroso,
Que, chammas vomitando,
Entre nuvens de fumo tudo abrasa;
Qual Boreas furibundo,
Que, aberta a porta ao carcere profundo,
Com estampido atroador soando,
Vai as altas montanhas abalando.

Tal Viriato, a patria defendendo,
O Quirino soberbo desbarata;
E, tigre furioso,
Fere, atassalha e mata.
O imperio quirinal ao vêl-o geme,
De susto cheio o capitolio treme.

O Camarão potente,
Indio famoso, illustre brazileiro,
Negro Aquilão fremente,
É, dest'arte, que busca
O bátavo em Goianna;
E um dia inteiro em horrida batalha,
Chovendo mortes, o inimigo espalha.

Tanto valor não tem, constancia tanta,
O grande heroe troiano,
Quando, montado no veloz ginete,
Pêla patria peleja:
Troveja mortes, damnos mil troveja;
Brilha o ferreo pavez auribordado,
Açoita as ancas o cocar doirado.

Patrocolo denodado, que atrevido
Ante os muros troianos apparece,
Cedendo ao braço duro,
Succumbe, desfalece;
E o bravo heroe, inda apesar dos annos,
Marcha na frente dos heroes troianos.

O Scipião famoso,
O belga em Santo Amaro derrotando,
Cinge o loiro ditoso,
Seu aspeito annuncia
A fugida ou a morte
De um lado a outro qual peloiro vôa,
Sôa a victória quando o bronze sôa.

Mais velozes não foram na Sicilia
De Pompeu os triumphos,
Que avassallou innumeras cidades,
Com deshumano estrago:
Nem do heroe, que de glória encheu Carthago,
E que, sendo o terror da invicta Roma,
Flaminio, Scipião, Marcello doma.

Não póde estar em ocio descançado
O heroe, a quem Mavorte inflamma o peito.
No illustre Paraíba
O hollandez é desfeito;
Cunhaú, onde o belga é triplicado
Vê Camarão, e o belga subjugado.

Sôbre teu alto cume,
Erguido Guararape, altivo monte,
Qual fulgurante lume
Por Jove dardejado,
Brilhar tambem o viste,
Quando todo em furor, desfeito em íra,
Vingança e liberdade só respira.

Quanto é grato suster da patria cara
A fugitiva glória!
Dêste modo se alcança no futuro
Cubiçoso renome,
Que o tempo estragador jámais consome!
É credora de inveja, é feliz sorte,
Pêla patria acabar em doce morte.

Agora, musa minha, em Porto Calvo,
Colheremos a flor mais fresca e bella,
Que ha de ornar do guerreiro
A brilhante capella:
Escape de uma vez o heroe famoso
Do cego tempo ao ferro sanguinoso.

Vibrando a longa espada,
Ao lado marcha do brazilio esposo
A nobre esposa amada.
No campo dos troianos
Camilla furiosa,
Voando sôbre a grimpa da seara,
Mais triumphos á morte não prepara.

Assoberbam o bátavo nefando,
O quente sangue espuma;
Qual belga foge, qual brazilio fere;
Quem evita o Mavorte,
Na espada feminil encontra a morte:
Ambos assim cobertos d'alta glória
Alcançam do hollandez clara victória.

Brazilio Camarão, indio Mavorte,
Recebe com prazer ésta capella,
Que te cansagra o vate:
Com ella adorna a frente;
E da fama loquaz no excelso templo
Aos futuros heroes dá nobre exemplo.

A Henrique Dias, natural de Pernambuco,
e seu restaurador em 1654.

Não posso, egregio Henrique, em larga cópia,
As lagrimas da aurora offerecer-te;
Nem de marmor luzente
Padrões eternos contra o tempo erguer-te;
Porém ao som do plectro, que desfiro,
Com aureo canto eternisar-te posso:
Dom de maior valia,
Que cem columnas do opulento Efiro.

Quando no olympio circo,
Não mortal, todo numen o argivo cisne
Da atropellada bocca
Novos vibrava audaciosos hymnos,
Quanto a rival Corina
Raivava de escutar-lhe a voz divina!
Quanto o mesmo ginete, que a victória
Conseguiu ao Senhor, se encheu de glória!

Nem só de Ilio bateu neptunios muros
O indomavel Achilles,
Quando em tôrno correu do argivo campo,
Largo ribeiro, o sangue de Patrocolo:
Nem o velho Nestor, que honrára Pilos,
Transpoz sómente á vida o curto espaço.

Oh! mil vezes ditoso, o que da lyra
Tirando sons, milagres de harmonia,
Que o Patareu inspira,
Rouba os heroes do tempo á foice impía!
Ditoso, o que n'um frio esquecimento
Não deixa sepultar a patria glória!
Assim Camões divino,
Ergueu-te, ó Gama, eterno monumento.

Assim outr'ora Elpino,
Atropellando os Evos fugitivos,
Da immensa eternidade
As bifores abriu formosas portas,
Quanta d'ali rutila
Brilhante glória em Azamor e Arzila!
Viste de novo Adamastor, ferrenho
Sulcar teus máres lusitano lenho.

Qual furor divinal de mim se apossa!
Que sacro enthusiasmo
Em grossos turbilhões me assalta á mente!
Onde me elevas, impeto divino!
Oh passado! oh futuro! eu vejo tudo,
Abrem-se os penetraes aos meus accentos!

Henrique! lá me assoma em densa treva
Do fero belga a alta trincheira invicta!
Que clamor que se eleva!
Que terror nos cercados que se excita!
O bipene cutello a Parca afia
No fuzilo dos elmos, das espadas;
Troa o bronze inflammado,
Que em chuveiros a morte despedia.

Como debalde intentas,
Belga soberbo, te esquivar ao raio!
Como!... já se arremessam
Altas escadas ás trincheiras altas;
Já tremúla a primeira
Sôbre as muralhas portuguez bandeira,
Já curvas, hollandez, com fado escasso,
Altiva fronte do africano ao braço.

Freme na estancia o bellico Mavorte,
Fulminando ruinas.
Lá Dias apparece... ah! quão azinha,
Foge ao vêl-o a batavia atrocidade,
Assim de Heitor fugia o grego imbelle,
Que as muralhas de Troia acommettia.

Que confusão, ó musa, que alarido!
O céu se encobre de negrume horrendo!
Que estrondo nunca ouvido!
Que sangue pêla terra vai correndo!
Que é isto!... Mâs lá sôa... «O belga forte,
Nas Salinas fugir em vão intenta;
Henrique os atropella,
E a seu lado se espraia a negra morte.»

Tal do heroe de Carthago
Fugia á vista a quirinal cohorte;
Quando em Tresbia valente
O consul atrevido derrotára.
Tal foge temeroso
Do açor cruento á garra furibunda
O aereo bando de mimosas pombas:
Tanto do Heitor brazilio assusta o braço!

Como lá foge ao vêl-o nas Tabocas
O bátavo medroso!
Como sem côr, sem vida, espavorido,
De susto cheio, no Afogado foge!
Como tresúa, navegando os mortos,
Na feia barca o sórdido Charonte!

Guararápes! abaixa o nobre cume;
O illustre Scipião lá vai subindo,
Que nunca visto lume
Da fulgurante espada vem saíndo!
Relincha o nitridor atropellado,
Sangue e fogo no freio mastigando;
Lá sôa!... lá começa
Dos peloiros o estrondo repetido.

Qual do cavallo vôa,
Qual sem cabeça corpo vai rolando,
Qual decepado braço,
Inda tremendo aperta a quente espada,
Qual sem dono ginete
Pisa e repisa galopando o campo...
Lá dá costas o belga, lá procura...
Nas densas mattas o mesquinho abrigo.

Musa!... porém já basta, descancemos
Um pouco a lyra d'oiro;
E entretanto conheça o mundo todo,
Que entre o remoto povo brazileiro
Tambem se criam peitos mais que humanos,
Que não invejam gregos, nem romanos.

Ao Mestre de Campo Francisco Rebello, natural de Pernambuco, e seu restaurador em 1654.

Brazileiros! ... de novo afino a lyra,
E o numen de Patara,
Que os lisongeiros vates não inspira,
A minha mente inflamma.
Tecei-me nova corôa,
Filhas do céu, razão, ingenuidade;
Pois agora acordando
Á lyra brazileira os sons argivos,
Vou estampar o nome
De Rebello immortal na eternidade.

Já da apollinea chamma
Acceso turbilhão me desce ao peito!
Como um tropel de idéas magestosas
A mente me confunde!
Eu vejo, eu não me engano, o Delio Numen,
Que aos ouvidos me entôa altivos hymnos:
Ó Pindaro! esmorece!
Tu já tens um rival no amor da patria,
No canto, que aos heroes dá nome e vida.

Longe de mim o vulgo boquiaberta,
Que não póde escutar os sons cadentes,
Que o vate desencerra;
Longe de mim a turma aborrecida,
Que á lyrica não sóbe, e que derrama
Versos sem alma, e só no nome versos;
Longe, socios de Mevio, e não de Elpino,
Não de Filinto, Coridon e Alfeno:
Meiga pompa ululante
Não segue os vôos da ave do tonante.

Vem, Aonio, a meu lado ouvir meus hymnos;
Vem a prestar-me a lyra,
Que hoje tem de troar com sons divinos,
Quaes Diniz, que nos guia,
Outr'ora modulára;
Vem comigo cantar, deixa de parte
A arrufadiça Ulina.
Se devemos á patria a nossa vida,
Dêmos-lhe a nossa fama,
Dêmos vida aos heroes, que á patria a deram.

Ó vós, sombras divinas,
Manes de Henrique, manes de Negreiros,
As campas sacudi, erguei a frente,
Pâra escutar o cisne,
Que roubou vosso nome ás mãos do Lethes.
Exultai! novo heroe vai hombrear-vos
Sôbre as azas da fama.
Teve parte comvosco nos perigos,
Vai ter comvosco seu quinhão na glória.

Qual de Roma o guerreiro, que inda joven,
Emulando de Marte a valentia,
Venceu Numancia fera,
Carthago derrotou, deu leis ao mundo,
Foi doce á patria, horrivel ao imigo:
Qual Condé, cujo nome portentoso
Faz de Alcides lembrar os nobres feitos,
E que, quando voava ao marcio campo,
Levava no seu braço
O augurio não falivel da victória.

Rebello assim desfeito em chamma, em íra,
A toda a parte voa,
E onde assoma valor, audacia inspira.
Treme de ouvir-lhe o brado
O belga esmorecido.
Tu, Santo Amaro, o viste, quando inerme,
Provocando o inimigo,
Co'a espada trovejou raios de mortes,
E, Hercules imitando,
Rouba a vida a um Antheu co'os rijos braços.

Foge o belga medroso,
Foge á vista do heroe; porém aonde
Póde escapar ao raio? O heroe o segue,
Assoberbando tudo.
Nada lhe embarga os passos, nada o prende;
Chameja, espuma, brama, e os campos tala,
Desmorona os redutos;
E de sangue, e de glória, e pó coberto,
Entre impios ossos caros ossos piza.

Mazurépe! já voa em teu soccorro,
Dos olhos scintillando fogo ardente,
Sedento do inimigo,
O heroe, a cuja fama é pouco o mundo.
Já!... Que horror! entre fogo, entre alarido,
Chove o bronze mortifera granada;
Cruzam lanças, a hoste se derrama....
Exulta, ó Mazurépe! O belga cede,
Ante o brazilio raio
Tudo é pó, tudo é cinza, tudo é nada

Novo campo de glória se offerece
Ao brazileiro tigre:
Sigismundo a vingar-se lhe apparece.
Ó belga desgraçado!
Porto Calvo famoso
Por tres vezes te viu deixar-lhe o campo,
Quando Rebello forte,
Á dextra o raio, o terrorismo á frente,
Impavido assomando,
Tudo era pouco a saciar-lhe a furia.

Assim o antigo persa,
No esquadrão numeroso confiando,
Aos da Grecia guerreiros se apresenta;
Assim Flaminio bravo
Á glória de Carthago, ao fero Annibal,
Tal em Nemêa os bravos sicilianos
Á Pericles se offerecem;
Assim nas margens ferteis do Garona
A aguia soberba foi lançada em terra.

Taparica infeliz em ti devia
Com a morte coroar tantas victórias.
Peloiro penetrante,
Rompendo o peito forte, foi beber-lhe
As fumantes entranhas inda quentes,
E envolvido em troféus do seu triumpho,
Na campina mavorcia teve a morte.
Porém quando se chega ao céu da glória
A existencia é pezada:
Assim Turena sôbre o campo expira.

Ó patria minha e delle! enxuga o pranto;
Morreu; mâs libertou-te,
E de novo revive no meu canto.
Inda hoje a sombra sua
Te cérca a todo o instante,
E co'os olhos em ti, assim te brada:
— « Exulta, ó Pernambuco!
Dei a vida por ti — foi doce a morte!
Não te falta o meu braço,
Tu genios inda tens, que me assimilham. »

Ó jovens brazileiros,
Descendentes de heroes, heroes vós mesmos,
Pois a raça de heroes não degenera,
Eis o vosso modelo;
O valor paternal em vós reviva;
A patria, que habitaes, comprou seu sangue,
Que em vossas vêas pulsa;
Imitai-os, porque elles do sepulchro
Vos chamem com prazer seus caros filhos.

Assim em Roma o brio dos Horacios
Nos recemnados filhos vegetava;
Assim o egregio sangu e
Em Termopilas dura derramado
Antolhava em seus filhos vingadores:
Tomai delles o brio, a fôrça, a manha;
Sêde sempre fiéis á patria cara;
Vós sereis brazileiros;
Sereis pernambucanos verdadeiros.

PADRE SILVERIO DA PARAOPEBA. *

Fabula do Morro do Ramos.

Qual Dom Quixote
No Rocinante,
Já cavalleiro
Me fiz andante.
Apenas raia
A luz phebea,
Não busco encantos
De Dulcinea.
A estrada busco
De Villa Rica,
Que dôze leguas
Distante fica.

* Era filho de Minas e poeta fecundo por natureza. Morreu cego. — Segundo o sr Paulo Barboza, são muitissimas as composições que deixou, e em todas ellas ha bastante originalidade. — N'uma dellas conta a maneira como fez fortuna nas Minas.

Só por beijar
Neste almo dia
A mão piedosa
D'alta Maria.
Passo a *Itabira*,
Passo a *Caxoeira*,
E a mesma Serra
Subo á carreira.
Aonde o conde
De cavalleiros
Deixou a fonte
Aos passageiros,
Que ali descançam
Junto á corrente,
Quando os abraza
A calma ardente.
Logo presago
Meu coração
Cá palpitou-me,
Nem era em vão.
Porque chegando
Ao fim da Serra,
Ouço um ruido
Que ali me aterra.
De espessa gruta
Do sol isempta,
Figura horrenda
Se me apresenta.
Tostado o corpo
Tinha a figura,
Mais de mil palmos
Tinha de altura.

Os olhos fundos,
Faces chupadas,
As barbas brancas,
As mãos myrradas.
Mal se apresenta
Pasma o cavallo:
Cheio de espanto
Assim lhe falo:
—« Quem és, me dize,
Ó monstro horrendo? »
Mal lhe pergunto
Fiquei tremendo.
Depois de um pouco
Estar calado,
Como quem soffre
Um mal pesado.
Abrindo a bocca,
Onde se viam
Tres velhos dentes,
Que já boliam.
Alçando aos ares
A carantonha,
Com voz cançada,
Porém medonha:
—« Sou *Ramos* » disse,
« Filho da terra,
Que aos altos deuses
Tambem fiz guerra.
« Com *Villa Rica*
Tomei amores,
Que hoje me causam
Mágoas maiores

« Ella me fez
O leito d'oiro,
E fez-me entrega
Do seu thesoiro.
«Vivia farto,
Alegre e cheio,
E dos amores
Em doce enleio.
« Porém os deuses,
Que se aggravaram,
Logo a soberba
Me castigaram.
« Neste alto morro,
Precipitado,
Por meu castigo
Fui transformado.
« Meus longos ossos,
Que aqui jazeram,
Em duas pedras
Se converteram.
« Por maior pena,
Maior castigo,
Tenho a *Velloso*
Por inimigo.
« Elle me estruge,
Elle me aterra,
Fazendo sempre
Contínua guerra.
« Agudos ferros,
Fôrças estranhas,
Me vão rompendo
Éstas entranhas.

« Tenho defronte
A minha bella;
Mâs ah! não posso
Chegar-me a ella.
« Deito-lhe os olhos,
Votos lhe off'reço,
Nem um aceno
Sequer mereço.
« Nos seus ouvidos
Por meus suspiros,
Soam medonhos,
Horrendos tiros.
« Lagrimas tristes,
Correndo em fio,
Nas repuchadas
Daqui lhe envio.
« Porém debalde
Suspiro e chóro,
Por essa imagem,
Qu'inda hoje adoro.
« Entre prazeres
De mim se esquece,
Ou por enorme
Me desconhece.
« Pois que com ella
Falar não posso,
Pelo destino
Ou fado nosso:
« Dize-lhe que hoje,
Bem que se occulta,
O seu amante
Tambem exulta.

« Que, pois, lhe pede,
Como em penhor
Do seu antigo,
Fiel amor.
« Que dêsse nobre
Metal luzente,
Que do seu seio
Vai na corrente,
« Um padrão allo
Mande erigir,
Onde éstas letras
Faça insculpir:
« = A par de Pedro,
Com alegria,
Por longos annos
Viva Maria. = ».

JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA. *

Aos gregos.

Ó musa do Brazil, tempéra a lyra,
Dirige o canto meu, vem inspirar-me:
Accende-me na mente estro divino
De heroico assumpto digno!

Se comigo choraste os negros males,
Que a saudosa, cara patria opprimem,
Da Grecia renascida altas façanhas
As lagrimas te sequem.

* O nome de José Bonifacio, no Brazil e em Portugal como em geral na Europa, é tão conhecido nas lettras, nas sciencias e na politica, que a sua vida comprehende a história d'um grande periodo, primeiro de historia litteraria de Portugal, depois da história do Brazil. Aqui nos limitaremos a dizer que nascen em Santos a 13 de Junho de 1763, e faleceu aos 6 d'Abril de 1838, e que suas grandes occupações não o impediram de votar ás musas uma parte do tempo. Estando desterrado em Bordeus em 1825 ahi publicou um tomito de poesias avulsas, intitulando-se Americo Elysio. Outras andam dispersas.

Se ao curvo alfange, se ao pelouro ardente,
Politica malvada a Grecia vende;
As bandeiras da cruz, da liberdade,
Farpadas inda ondeam.

As bayonetas que os servís amestram,
Carnagem, fogo, não assustem peitos,
Que amam a liberdade, amam a patria,
E de helenos se presam.

Como as gotas da chuva o sangue ensópa
Arido pó de campos devastados;
Como do funeral, lugubre sino,
Gemidos mil retumbam.

Creancinhas, matronas, virgens puras,
Que á apostasia, que á deshonra vota
O feroz Moslemim, filho do inferno,
Como martyres morrem.

E consentís, ó Deus! que os tristes filhos
Da redemptora cruz, arabes, turcos,
Exterminem do solo antigo e santo
Da abandonada Grecia?

Contra algozes os miseros combatem;
Contra barbaros cruz, honra e justiça:
A Europa geme — só tyrannos frios
Com taes horrores folgam.

Rivalidades, ambição, temores,
Sujo interêsse a inerte espada prendem,
E o sangue de christãos, que lagos fórma,
Um ai lhes não arranca!

Perecerás, ó Grecia, mâs comtigo
Murcharão de Albion honra e renome:
O sórdido egoismo, que a devora,
É já do mundo espanto!

Não desmaies, porém: a Divindade
Roborará teu braço; e na memória
Gravará pâra exemplo os altos feitos
Dos illustres passados.

Eis os myrrados ossos já se animam
De Mélciades; já da campa fria
Ergue a cabeça, e grito dá tremendo
Pàra acordar os netos.

— «Helenos!» brada: «ó vós, prole divina,
Basta de escravidão — não mais oppobrios!
É tempo de quebrar grilhão pesado,
E de vingar infamias.

«Se arrazastes de Troia os altos muros
Pâra o crime punir, que amor causára,
Então porque soffreis ha largos annos
Estupros e adulterios?

«Foram assento e berço ás doutas musas
O sagrado Helicon, Parnazo e Pindo:
Moral, sabedoria, humanidade,
Fez vecejar a lyra.

«Ante helenicas prôas se acamava
Euxino, Egeu, e mil colonias íam
Levar artes e leis ás rudes plagas,
E da Lybia e da Europa.

« Um punhado de heroes então podia
Tingir de sangue persa o vasto Ponto:
Montões de corpos inda palpitantes
Estrumavam os campos.

« Ah! porque não sereis o que já fostes?
Mudou-se o vosso céu e o vosso solo?
E não são inda os mesmos estes montes,
Estes máres e portos?

« Se Esparta ambiciosa, Athenas, Thebas,,
O fratricida braço não tivessem
Em seu sangue banhado, nunca a Grecia
Curvára o collo a Roma.

« E se de Constantino a infame prole
Do fanatismo cego não houvera
Aguçado o punhal, ah! nunca as luas
Tremularam ufanas.

« Depois que foste, ó Grecia miseranda,
De despotas brutaes brutal escrava,
Em a esquerda o *koram*, na dextra a espada.
Barbaria prega o turco.

« Assás sorveste já milhões de insultos,
Já longa escravidão pagou teus crimes:
O céu tem perdoado. — Eia, já cumpre
Ser helenos, ser homens.

« Eia, gregos, jurai, mostrai ao mundo,
Que sois dignos de ser quaes fostes d'antes;
Eia, morrei de todo, ou sêde livres! »
Assim falou — calou-se.

E qual ligeira nevoa, sacudida
Pelo tufão do norte, a sombra augusta
Desapparece. A Grecia inteira brada:
« Ou liberdade ou morte. »

Aos bahianos.

Altiva musa, ó tu, que nunca incenso
Queimaste em nobre altar ao despotismo,
Nem insanos encomios proferiste
De crueis demagogos.

Ambição de podêr, orgulho e fausto,
Que os servís amam tanto, oh! nunca, musa,
Accenderam teu estro — a só virtude
Soube inspirar louvores!

Na abobada do templo da memória
Nunca comprados cantos retumbaram:
Ah! vem, ó musa, vem! na lyra d'oiro
Não cantarei horrores.

Arbitraria fortuna! despresivel
Mais que essas almas vís, que a ti s'humilham,
Prosterne-se a teus pés o Brazil todo,
Eu nem curvo o joelho.

Beijem o pé que esmaga, a mão que açoita,
Escravos nados — sem saber, sem brio;
Que o barbaro tapuia, deslumbrado,
O deus do mal adora.

Não! reduzir-me a pó, roubar-me tudo,
Porém nunca aviltar-me póde o fado:
Quem a morte não teme, nada teme;
Eu nisto só confio.

Inchado de podêr, de orgulho e sanha,
Treme o visir, se o grão-senhor carrega,
Porque mal dirigiu sobrolho iroso,
Ou mal dormiu a sésta.

Embora nos degraus do excelso throno
Rasteje a lesma, pâra ver se abate
A virtude que odêa, só me alenta
Do que valho a certeza.

E vós tambem, bahianos, despresastes
Ameaças, carinhos — desfizestes
As cabalas que perfidos urdiram,
Inda no men destêrro.

Duas vezes, bahianos, me escolhestes
Pâra a voz levantar a pró da patria,
Na assembléa geral; mâs duas vezes
Foram baldados votos! ....

Porém em quanto me animar o peito
Este sôpro de vida que inda dura,
O nome da Bahia, agradecido,
Repetirei com jubilo.

Amei a liberdade e a independencia
Da doce, cara patria, a quem o luso
Opprimia sem dó, com riso e mofa:
Eis o meu crime todo!

Cingida a fronte de sanguentos loiros,
Horror jámais inspirará meu nome:
Nunca a viuva ha de pedir-me o esposo,
Nem seu pai a criança.

Nunca aspirei a flagellar humanos;
Meu nome acabe, pâra sempre acabe,
Se pâra o libertar do eterno olvido
Forem precisos crimes!

Morrerei no destêrro em terra estranha,
Que no Brazil só vís escravos medram:
Pâra mim o Brazil não é mais patria,
Pois faltou á justiça.

Valles e serras, altas mattas, rios,
Nunca mais vos verei! Sonhei outr'ora
Poderia entre vós morrer contente;
Mâs não! monstros o vedam.

Não verei mais a viração suave
Parar o aerio vôo, e de mil flores
Roubar aromas, e brincar travêssa
Co'o trémulo raminho.

Oh! paiz sem igual. paiz mimoso!
Se habitassem em ti sabedoria,
Justiça, altivo brio, que ennobrecem
Dos homens a existencia....

De estranha emulação acceso o peito,
Lá me ía formando a fantasia
Projectos mil pâra vencer vil ocio,
Pâra crear prodigios!

Jardins, vergeis, umbrosas alamedas,
Frescas grutas então, piscosos lagos,
E pingues campos, sempre verdes prados
Um novo eden fariam.

Doces visões, fugi! Ferinas almas
Querem que em França um desterrado morra!
Já vejo o genio da certeira morte
Ir afiando a foice.

Gallicana donzella lacrimosa,
Trajando roupas luctuosas, longas,
Do meu pobre sepulchro a tosca lousa
Só cobrirá de flores.

Que o Brazil inclemente, ingrato ou fraco,
Ás minhas cinzas um buraco nega,
Talvez tempo virá qu'inda prantêe
Por mim com dor pungente!

Exulta, velha Europa, o novo imperio,
Obra prima do céu, por fado impio....
Não será mais o teu rival activo
Em commercio e marinha.

Aquelle que gigante inda no berço,
Se mostrava ás nações, no berço mesmo,
É já cadaver de crueis harpias,
De malfazejas furias!

Como, ó Deus! que portento! a Urania, Venus
Ante mim se apresenta? Riso meigo
Banha-lhe a linda bocca, que escurece
Fino coral nas côres.

— « Eu consultei os fados que não mentem »
Assim me fala a piedosa deusa.
« Das trevas surgirá sereno dia
Pâra ti, pâra a patria.

« O constante varão que ama a virtude,
Co'os berros da borrasca não se assusta,
Nem como a folha do alamo fremente
Treme á face dos males.

« Escapaste a cachopos mil occultos,
Em que ha de naufragar, como até-gora,
Tanto aulico perverso. Em França, amigo,
Foi teu destêrro um porto.

« Os teus bahianos, nobres e briosos,
Gratos serão a quem lhes deu soccorro
Contra o barbaro luso, e a liberdade
Metteu no solo escravo.

« Ha de emfim essa gente generosa
As trevas dissipar, salvar o imperio:
Por elles liberdade, paz, justiça,
Serão nervos do estado!

« Qual a palmeira que domina ufana
Os altos topes da floresta espessa,
Tal bem presto ha de ser no mundo novo
O Brazil bem fadado.

« Em vão de paixões vís cruzados ramos
Tentarão impedir do sol os raios:
A luz vai penetrando a copa opaca,
O chão brotará flores. »

Calou-se, então — voou ; e as sôltas tranças
Em tôrno espalham mil sabeus perfumes,
E os zefiros, as azas adejando,
Vasam dos ares rosas.

Cantigas bacchicas.

A Baccho brindemos,
Brindemos a Amor:
Embora aos corcundas
Se dobre o furor.

Em brodio festivo
Mil copos retinam;
Que a nós não nos minam
Remorsos crueis.
Em jubilo vivo
Juremos constantes
De ser como d'antes
Á patria fiéis.

A Baccho brindemos, *etc.*

Consocios amados,
Se a patria affligida
Por nós clama e lida,
Pois longe nos vê;
Jámais humilhados
Ao vil despotismo,
No meio do abysmo
Fiquemos em pé.

A Baccho brindemos, *etc.*

Gritemos, unidos
Em santa amisade:
Salvè, ó liberdade!
E viva o Brazil!
Sim, cessem gemidos,
Que a patria adorada
Veremos vingada
Do bando servil.

A Baccho brindemos, *etc.*

A nau combatida
Da tormenta dura,
Furores atura
Do rabido mar.
Já quasi sumida,
Resurge, e boiando
Lá vai velejando,
Sem mais soçobrar.

A Baccho brindemos, *etc.*

Bem prestes, amigos,
Vereis vossos lares,
Tão tristes azares
Jámais voltarão.
Os vís inimigos
Só colhem vergonha;
E negra peçonha
Distiliam em vão.

A Baccho brindemos, *etc.*

Se a patria nos ama
Amal-a sabemos:
Por ella estivemos
O sangue a verter.
Se a patria nos chama,
Iremos contentes
Com peitos ardentes
Por ella a morrer.

A Baccho brindemos, *etc.*

Patricios honrados,
Aos ternos meus braços
Em mutuos abraços
A unir-vos correi.
Co'os copos alçados
De novo juremos
Que amigos seremos....
Já bebo — e bebei.

A Baccho brindemos, *etc.*

A Venus fagueira,
A Baccho risonho,
Ninguem por bisonho
Se esqueça brindar:
Moafa ligeira
Tomemos agora:
Amigos, vão fóra
Tristeza e pezar.

A Baccho brindemos, *etc.*

FRANCISCO VILLELLA BARBOZA, MARQUEZ DE PARANAGUÁ. *

Lyras.

Auras, que mansas vibrais
As azas nestes retiros,
Manda amor, vos alimentem
Meus ternissimos suspiros.
Mas se quereis
Matar ardores,
Temei suspiros
Abrazadores.

* Francisco Villella Barboza, marquez de Paranaguá, nasceu em 20 de Novembro de 1769, e faleceu no dia 11 de Setembro de 1846. — Veja-se a sua biographia pelo Ex.mo Sr. Candido Baptista d'Oliveira, na Rev. do Instituto do Rio, T. 2.º da 2.ª serie, p. 503.

Eccos, que nestes rochedos,
Ha muito estais escondidos,
Manda amor, que vos despertem
Os meus ais, e os meus gemidos.
Mas se causar
Não quereis dor,
Não repitais
Queixas de amor.

Regatos, que ides correndo
Tão pobres de vossas agoas,
Manda amor, que vos augmentem
O meu pranto, e as minhas mágoas.
Mas se quereis
Puros cristaes,
Prantos de amor
Não recebais.

Auras, eccos e regatos,
Pois amor póde em vós tanto,
Recebei compadecidos
Meus suspiros, ais, e pranto,
Amor vos dê
Frescura amena,
Alegres sons,
Onda serena.

Viste-me, Anarda, e gemeste.....
Mâs eu que tambem gemia
Os teus ais attribuia
A dó de me ver penar.
Não julguei que de amor fossem;
Este em Gelia estar cuidava:
Cego, então, que o procurava
Tão fóra de seu logar!
Não receis, pois, que n'alma
Mais essa Gelia persista:
Já sou teu, e ésta conquista
Quem te póde disputar?

Sim, Anarda, amor julguei
Existir no peito della,
E no teu estava, ó bella,
Que a mais bella é o seu altar.
Mas alfim em ti o achei,
Foi-se o encanto, e acabou Gelia;
Assim perde o brilho Delia,
Se Phebo chega a raiar.
Não receis, etc.

Se ella tem longos cabellos,
De côr de ebano, e anellados,
Dize os teus não são doirados,
Não fazem tudo cegar?
O sol, meu bem, que aos mais astros
Por brilhante causa zelos,
Tambem tem loiros cabellos,
Como os teus se veem brilhar.
Não receis, etc.

Se os seus olhos são travessos,
E ardentes como os de Venus,
Não faltam certos acenos,
Certa expressão singular?
Quando amorosos se volvem,
E mostram d'alma a ternura,
Teem a languida doçura,
Em que os teus vejo nadar?
Não receis, etc.

Nos teus olhos quaes dois astros
Marco as horas preciosas,
Em que as vagas amorosas
Meu baixel deve sulcar.
Pois se denso nevoeiro
Gyra nelles do ciume,
Fujo ao trepido negrume
Vou-me no porto ancorar.
Não receis, etc.

Se o seu rosto é bem talhado,
Se é mimosa a face sua,
Tem acaso a côr da tua,
Veem-se as rosas rebentar?
Tu não vês como já murchos
No seu rosto os jasmins pendem,
Não vês como os teus recendem,
Quaes estrellas no alvejar?
Não receis, etc.

Se ella tem a bocca breve,
Por ventura tão jucundo
Vê-se o coral rubicundo
Como na tua rasgar?
A tua bocca, meu bem,
É de perolas thesoiro:
Tuas palavras são oiro,
Que a tempo sabes soltar.
Não receis, etc.

Se tem o seio espaçoso,
As ondas nelle espraiadas,
Já batidas e cançadas,
Dormem como em morto mar.
No teu, meu bem, ao contrário
Empoladas ondas vagam,
Onde as vontades naufragam,
Que ardentes se vão banhar.
Não receis, etc.

Se os seus braços são roliços,
Breve a mão, o pé escasso,
Seus movimentos, seu passo,
Teem teu garbo regular?
Ah! se tu nos teus me prendes,
Sinto de amor as cadeias;
Se danças, ou se passeias,
Vejo-te as graças cercar.
Não receis, etc.

Em fim, Anarda, de Gelia
No que toca a formosura,
Tenho-te feito a pintura;
E tens tu que recear?
Não tens, além de mais bella,
Uma alma em tudo completa
Que sabe nobre e discreta,
Tantas graças realçar?
Não receis, etc.

Se por acaso inda á Gelia
Alguma homenagem cabe,
É de nescio, que não sabe
O que é digno de se amar.
Assim ao barro formoso,
Sem alma, sem movimentos,
Mil profanos rendimentos
Vê-se o mundo tributar.
Não receis, etc.

A Primavera.

Lá onde em tuas margens, patrio Rio,
Que do primeiro mez tomaste o nome,
Pasce o sidereo Capró o verde esmalte,
E de teus cristais bebe a onda pura,
(Méta antiga do sol, centro hoje de outro,
Cujo lucido imperio abrange os pólos)
Com providente mão a natureza
O asylo preparou da primavera.
Ali não murcha a rosa: ali os troncos
De flores sempre novas se ataviam.
Ali (em quanto as negras tempestades
Sôbre as azas de Boreas carrancudo
Arripiam do inverno a hirsuta grenha,
Nos céus róla o trovão, cái o diluvio,
E do septentrião alaga as plagas)
Se acolhe a deusa com as graças todas:
Mâs apenas viçosa a amendoeira
Dá signal de acordar ás nuas plantas,
No pressuroso carro Phebo a toma:
Dali volta com elle alegre e rindo.
Quão doce é vêl-a então com mão curiosa
Toucar a densa coma do arvoredo,
E sôbre o verde dos macios valles
Desdobrar a cheirosa bordadura,
Em que arte e mimo despendêra Flora!

Quão doce é vêl-a do sanhudo inverno
Triumphante correr em roseo carro
Os tapizados campos! Vão ante ella
Os capripedes satyros dançando:
Fazem-lhe côrte as graças prazenteiras:
Namorados de vêl-a os bosques cantam:
Os arbustos, os platanos florescem
Com seu halito doce perfumados;
E os virgineos botões, abrindo os labios,
Com pudibundo riso se franqueiam
Ao pranto creador da madre aurora.

Cantai, ó pastoras,
A deusa da selva,
Que veste de relva
As vossas campinas,
E os valles matiza
De sôltas boninas,

E tu, que a natureza estudas e amas,
Andrada, escuta o canto: ser-te-hão gratos
Os sons da patria musa, e o nobre assumpto
Com a lyra nas mãos, na bocca os hymnos,
E no peito a virtude, ella te acena,
E te convida pâra os floreos valles
A saudar as matutinas graças
Da formosa estação, aurora do anno.
Venturoso o mortal, que comtemplal-a
Póde longe da côrte estrepitosa,
E se apraz de trocar os aureos tectos
Pelos verdes docéis da umbrosa selva!
Das symetricas praças abhorrido,
Corre éstas veigas placidas, sem ordem,

Habitadas da franca singeleza.
Das flores pelo calice orvalhado
Do tranquillo prazer o nectar gosta:
E se adornado de virentes folhas
No curvo ramo amadurece o oiro;
Encetado sem crime, então lhe deixa
A fragrancia nas mãos, o mel nos labios.

Mas que augusto espectaculo se ostenta!
Eis das moças titães a primogenia,
Que do primeiro sol doirára o berço,
E o fulgido Oriente assignalára
Com acceso rubi [illegible] o horizonte!
[illegible] lavor vistosas galas
Trajam os céus; e os campos a esmeralda;
E as montanhas de perolas se toucam.
Taes do eden os jardins se nos pintaram,
Que a innocencia enflorou, murchou a culpa:
De cujos restos sempre preciosos
Saudosa a natureza, de anno a anno,
Com pincel immortal reforma o quadro;
Não de teus camarins, mortal vaidoso,
Pâra ornar as paredes ociosas:
No sanctuario está da natureza,
E mui longe de vós, homens vulgares,
Pâra quem sôbre os valles esmaltados
Não tem côr a tulipa, ou cheiro a rosa.

Salve, pois, estação linda,
Que alma nova dás ao mundo!
Tua vinda,
Teu jucundo
Riso alegra a terra e ar.

Já dos igneos horizontes
Desce á terra alma scentelha :
Sôbre as fontes
Já se espelha
O verdejante pomar.

Já não muge o trovão rouco
Nas profundas cavidades :
Nem tão pouco
Tempestades
[illegible] costa ouço roncar.

Já co'os sóccos quebra a neve
O córado lavrador :
Já se atreve
Sem pavor
A seus campos visitar.

Sob o jugo os bois mettendo
Canta a amor ; mâs sem apêgo :
Descrevendo
Torto rêgo,
Que ha de breve semear.

Rejeitando o tojo bravo,
Tenros prados tosa a ovelha :
Vai o favo
Loira abelha
Fabricando a susurrar.

Cobre povo de mil flores
Todo o valle, e monte agreste:
Traja as côres,
Que o celeste
Arco em chuvas lhe vem dar.

Salve, pois, estação linda,
Que alma nova dás ao mundo!
Tua vinda,
Teu jucundo
Riso alegra a terra e ar.

Màs que fogo divino, que ar mais puro
Me inflamma o coração, me esperta o sangue?
Quão formosa manhã coroa os montes!
Espargindo oiro e lirios se annuncia
O rei dos astros. Como alegre surge
Em pompa conduzindo a primavera!
Sôa nos bosques emplumada orchestra:
Ardem aromas sôbre o altar de Flora:
E adora ao sol alvoroçada a terra!
Ó tu, fonte de luz, alma do mundo,
Princípio omniparente, e bemfazejo,
Tu, que fazes volver a roda ingente
Da carbunclea carroça luminosa,
Onde as quatro estações gyram perennes,
Sentado no teu solio de diamantes,
Os meus hymnos protege, agora que alto
Lá do animal lanigero celeste
Ambos os pólos vês equidistantes,
E igualmente nos dás a luz e as trevas.
Foste de adoração o digno objecto
Das profanas nações, que te incensaram?

Recebendo de ti alento e vida,
Gratidão lhes dictou canticos sacros:
Levantaram-te altar teus beneficios.

Louvai, pois, viventes,
O lucido nume,
Que próvido lume
Reparte entre os entes:

E o frouxo embrião
Na madre profunda
Anima e fecunda
Da terrea extensão.

Já no arctico pólo
Com jasmins e oiro
Do celeste toiro
Orna o fulvo collo:

Que submisso humilha,
Em amor acceso,
Ao formoso pêso
Da Agenoria filha.

E a terra, a que dera
Nome a gentil moça,
Com graças remoça,
E folga na sphera.

Depois ledo mora
Co'os lumes irmãos,
E os fructos louçãos
Nos ramos colora.

Pàra elles copeia
Da tenra donzella
A côr da tez bella,
Que o pejo afogueia.

Mas eis a tarde de primores rica!
Em mimos com a manhã rivalizando,
Da creadora estação varía o ornato,
Com diversos paineis vestido o templo
Seguida dos favonios innocentes
Desce do phebeo carro, e a par co'a deusa
Em floridos vergeis passeia e brinca.
A amizade a entretem, amor a encanta.
Aqui tece grinaldas; lá sem ordem
Labyrinthos enreda, enleia sombras:
Entre o mirtho cheiroso o arroio escuta,
E em cochins de verdura afaga os somnos.
Engolfada em taes lidas não receia
A paz da natureza ver turbada.....
Quando do occaso subito negrume
Surge; e sobre o horizonte a nevoa poisa.
Do inverno fugitivo austro juntando
Os dispersos destroços, a reforça:
Cresce, as azas estende, avulta, e voa.
É cerrado esquadrão de feias nuvens:
Cobre parte dos céus: feroz ameaça
Disputar do hemispherio a posse á deusa,
Ai dos encantos seus! Quem os defende?
Dá signal o trovão: começa a lucta.
Quanto me agrada ver estes combates!
Tudo é bello nos céus, té seus furores.
Inda entre elles reluz da deusa a imagem!

Em seu auxílio Phebo acode prompto:
Ardente setta rapido dardeja,
Que o seio rasga da assombrosa treva.
Dissipa-se a tormenta: as nuvens fogem,
Dando em tributo aljofares á terra.
Venceu a deusa emfim, e a luz resurge.
Como é mimosa então a natureza
Co'a bocca em riso, e as faces orvalhadas!
Tal a donzela, que travesso amante
Em amorosos brincos magoára:
Chora, e se ri, e alegre entre queixosa
Lhe embebe na alma divinaes delicias:
De pavoneas plumagens guarnecido
Iris levanta o arco do triumpho.
O sol lhe doira a pompa: as flores se erguem
Adornadas de liquidos diamantes,
De enfeitar-lhe a coroa cubiçosas:
E das aves, que attonitas nos bosques
Pela densa ramagem se esconderam,
Harmonioso bando os ares cruza,
Celebrando a victoria, a paz, e a deusa.

Os ledos pastores
De tantos
Encantos,
E ricos primores,

Das frautas nos sons
Com hymnos
Divinos
Descantam os dons.

E tu, ecco, as phrases,
Que escutas,
Ás grutas
Ensinas loquazes.

Nas azas então
Os ventos
Attentos
Suspensos estão.

Porém já lança languido sorriso
Phebo sôbre os outeiros empinados,
Augusta sombra a natureza involve,
E doce luz a escuridão prateia.
Eis no theatro da noite a scena posta,
E nocturnos festins tecendo encantos.
Seus mysterios, então, amor celebra.
Do ethereo pavilhão se estende o panno
Bordado da mais rica pedraria.
Do centro pende do soberbo tecto
Argenteo lustre, que illumina a scena.
Eu vos saudo, ó noite, ó lua, ó astros,
Que da quadra gentil sois ornamento!
Nos festejos co'a terra o céu compete.
E fulgores disputa a noite ao dia.
Em aureo e vasto círculo os planetas
Formam attentos nitido cortejo,
Á formosa estação reconhecidos,
Nella o primevo impulso receberam,
Quando do mundo na mimosa infancia
As prescriptas carreiras ensaiando,

Pela abobada azul promptos rodaram.
Veneranda memoria, anciã, sagrada,
Que repetem fiéis á voz do Eterno!

Fervem mil lumes
No céu sereno.
Que ao brilho ameno
Fazem ciumes
Do verde prado,
Tambem bordado
De seus fulgores:
São estrellas no céu, no campo flores.

Ventos mais doces sôbre as crespas vagas,
Sôbre as verdes searas se derramam,
As perfumadas azas estendendo.
Quaes se repartem do oceano o imperio:
Quaes se dividem as amenas varzeas.
Suaves virações, aquelles cruzam
Os undosos districtos socegados:
E ao voto ardente e saudosa esposa
Prosperos sopram, borrifando os deuses.,
E os pintados heroes da erguida poppa.
Brincões favonios, estes se divertem,
Ora levando ás sequiosas plantas
A amiga geração nas ferteis azas;
Ora brincando co'os anneis dispersos
Da loura camponeza, que cantando
Entre os dedos de neve o fuso volve,

Neptuno brando
As vagas doma.
Dos mares toma
Zephyro o mando,
Que euro excessivo,,
E Africo altivo,
Exercitavam
Nas salgadas campanhas, que guardavam.

Então desperta
Gyra a ambição.
Oh como vão
Por via incerta
Gravidas quilhas,
Das mãis e filhas
Sempre choradas;
Das recentes esposas detestadas!

Já a novos portos
A frota aborda:
A industria acorda
Nos genios mortos:
E ao mutuo bem
Correndo vem,
Inda singelas,
Firmes dando-se as mãos as artes bellas.

Porém quem como tu, illustre *Andrada*,
Na malfadada, ingrata idade nossa,
Ha que assim possa sempre estudioso,
E proveitoso despender da vida
Em melhor lida o seu melhor thesoiro:

Na lyra de oiro ora altos sons tangendo,
Ora regendo os lusitanos choros,
Donde sonoros alvos cysnes voam,
Que o mundo atroam com eterno brado,
O tempo, o fado, ameaçando, e a inveja,
Que em vão pragueja vendo a luz phebea.
Salve, assembléa de varões sapientes,
Astros luzentes sois da lusa sphera:
Vá de era em era vossa fama e glória.
Fiel história põe a salvo os que amam,
E a patria afamam por trabalhos nobres.
Que não descobres, ó sagaz talento!
Cada elemento submettendo a normas,
As artes fórmas, e dás leis aos usos.
Em vão reclusos seus thesoiros tinha
Com mão mesquinha a natureza ignava.
Industria cava as preciosas minas:
Cria officinas pertinaz trabalho:
Retine o malho, range a lima, e ruge
Eólo, e muge a lavareda ondeando.
De quando em quando geme a selva; e ás praias
Baixam as faias das frondosas serras,
E a extranhas terras levam uteis seres.
Pomona e Ceres orna a mãi Cybele;
E de Semele guia o filho as danças,
Prendendo as tranças pampinosas vides.
Sempre assim lides, geração humana!
Riqueza mana das proficuas artes,
Que mal repartes, caprichosa sorte.
Porém importe para o bem de tudo
Primeiro o estudo, que nos traz ventura.
Formosa e pura só a dá sapiencia
Á consiencia, que despiu cuidados,

Por livres prados estendendo a vida.
Al i guarida foi achar verdade,
Quando á cidade de entre ardís fugindo,
No seio lindo a recatou virtude,
E ao pastor rude a confiou em guarda.
Muito, pois, tarda para ser ditoso,
Quem cuidadoso alli não busca abrigo;
Onde o perigo da ambição salvando,
E contemplando a universal belleza,
Que a natureza tem tão rica ornado,
Por seu doirado codigo instruido,
Cante embebido na lição celeste
A mão que veste á primavera as flores,
E á aurora as galas de gentís primores.

No palacio da riqueza
Não habita a sã ventura:
Só a encontra o que a procura
No seio da natureza.
Lê, pois, *Andrada* ditoso,
No grande livro do mundo,
Em quanto o somno profundo
Cérca o leito do ocioso.
Nas puras manhãs suaves,
Quando o sabio o campo estuda,
Rouxinol o sauda,
E ledas cantam-lhe as aves.
Nas longas tardes calmosas
O abriga docel frondoso,
E brincar no leito hervoso
Vê as sombras buliçosas.

Logo enlevado o diviso
Co'os olhos nos horizontes,
Quando o sol doirando os montes
Lhes dá o último sorriso.
Depois no nocturno véu
Em caracteres brilhantes
Leem os seus olhos errantes
As maravilhas do céu.

CONEGO J. DA CUNHA BARBOZA.

O Nicteroy.

Nos braços maternaes, nascido apenas,
Jazia Nicteroy, saturnea prole,
Quando Mimas, seu pai, gigante enorme,
Que ao céu com mão soberba arremessára
A flammigera Lemnos, arrancada
Dos máres no furor de guerra impía,
Tingiu de sangue as aguas, salpicando
De seu cerebro o Ossa, o Olympo e o Otrys,
Ferido pelo ferro, com que Marte
Vingou de Jove a injúria em morte acerba.

Lamentando-se Atlantida, apertava
Ao peito o filho, palida temendo
Trisulcos raios, qu'inda accêsos via.
Ouviu seu pranto o rei do argenteo lago,
E o tenro infante compassivo acolhe.
No choque horrivel, que dos Phlegros campos
O mundo sôbre os pólos abalára,
Surgiram novas terras, novos máres

Cobriram reinos, ilhas, cabos, brenhas.
Neptuno aponta á plaga rica e vasta
Do sepulchro do sol erguida ha pouco,
Inda madida e nova, ind'ignorada
Dos homens e do mundo; aqui se abriga
A estirpe illustre em Mimas profligada
Que o justo e paternal intento herdára.

Cresceu co'idade a fôrça, a raiva, e o brio;
Da illustre geração fervendo o sangue
Nas veias da titánea, occulta prole,
Reforça o braço, que arduas feras doma,
Que troncos mil escacha, abate e arranca,
Mudando o assento ás róchas alterosas.
Cinge a frente ao robusto, altivo joven
Cocar plumoso, ornado de amathystas;
Diamantino fulgor contrasta o brilho
De esmeraldas, rubins, topazios loiros,
Que a rica zona marchetando enfeitam.
Negra coma lhe desce aos ventos sôlta
Repartida vestindo os largos hombros;
Nas faces brilha mocidade imberbe,
E a côr, que as tinge, por que o sol as cresta,
Similha o cobre lucido, polido.
Nos olhos lem-se os vividos intentos,
Que de Mimas herdára, e occultos jazem
No grande coração, qu'a injúria abafa.
O esbelto collo tres gorgeiras prendem
D'oiro e prata, e manilhas d'oiro e gemas
Os musculosos braços lhe guarnecem.
Aperta o ventre nú, reveste a cinta
Fraldão tecido de vistosas pennas;
Mosqueada pelle um tiracollo fórma,

De que pende em carcaz cavado dente
De monstro horrendo pelo mar gerado.
Nicteroy daqui tira hervadas settas,
Em que ás feras certeiro a morte envia,
Quãdo as brenhas perlustra, e o bosque, e o prado.
Empunha a dextra mão robusto tronco
Dos ramos mal despido; é esta a clava,
Que abate os tigres, os dragões, e as serpes,
Mais prompto do que em Lerna o fero Alcides.

Grato a Neptuno pressuroso entorna
Dos altos montes rios caudalosos,
Que pujantes ao mar tributos levam:
Tortuosa marcha Nicteroy lhes sulca
Por onde correm placidos os campos,
Depois que em negras firmes penedias
Tropeçando furiosos s'indignaram,
De branca espuma as margens alagando.
Surgem co'as aguas, do thesoiro occulto
Nas entranhas da terra intacta e nova,
Luzentes pedras e oiro, qu'abrilhantam
As curvas, brancas, arenosas praias,
Em que o feudo Neptuno acceita e guarda.
Já pretende vingar a infausta morte
Que ainda Phlegra eterniza, e Marte accusa;
Nem perde a vista do syderio throno,
Herança paternal, de qu'expellida
Fôra por Jove de Saturno a prole.
Justiça e fôrça os animos lhe accendem,
Cauteloso se apresta, e dá-se á empreza,
Dispondo aos céus o ataque occulto e forte.

Trezentos Megaterios, cem Mamoths,

Domados por seu braço ao mar arrastam
Ingentes, negras pedras, qu'encorpora
Promontorios formando, d'onde espreita
De Jove o ciume, e de Mavorte as íras.
Aqui se affundam lagos, rabalçando
Estofas, negras aguas somnolentas,
Que habitam bronzeos jacarés, e monstros
De horrendo e torpe aspecto; d'ali surgem
Escarpados rochedos, em qu'as ondas
Rebentando furiosas o ar atroam,
Mugindo horriveis, revolvendo as costas.
Altas serras do norte ao sul prolonga
Sôbre as nuvens erguendo-se azuladas;
Recortados penedos lhes guarnecem
Mil cabeços, que os céus roçando affrontam,
De guerreiros merlões, vestindo os muros.
Novas róchas ao mar d'aqui se ajuntam,
De espaço a espaço o reino dividindo,
Possantes botareos, que a mão robusta
Do soberbo gigante ás serras dera:
Fechadas selvas cobrem amplos valles,
D'onde avultam mil ingremes castellos
Subindo de uma, e de outra parte ás nuvens,
Urram tigres furiosos, que retousam
Nas horriveis cavernas, aballando
Pedras, troncos, rochedos, valles, rios;
Silvam negras giboias corpulentas,
Vedando ao bosque emaranhado a entrada.

Contente Nicteroy o ensejo aguarda;
Da empreza a glória o enleva, e meditando
Na syderea conquista, devanea.
Lá quando o sol nos máres mergulhava

Os seus fogosos rapidos Ethontes,
Corrido já de Capro o reino em circ'lo
Ás brenhas prompto o joven se encaminha.
D'aqui vaidoso a vista aos céus erguendo
Dos astros marca a lucida phalange.
Daquelle a fôrça, e dêste a raiva observa
Prudente os golpes calculando e os tiros,
Que em breve disparar pretende ousado.

De Marte o aspecto horrivel se lhe antôlha
Scintillando guerreiro, irado e forte;
Inda a lança, qne enristra, o sangue empana
De Mimas qu'á vingança o filho excita.
Arde o peito em furor; é fogo, e chamma,
Que abraza, queima, e devorando assôma;
Penedo grave arranca, a Marte o assesta,
Firmando os pés, os braços retorcendo,
Encravados no imigo o intento e os olhos.
Atalha o céu a estolida ousadia;
Eis subito clarão do ethereo assento
As nuvens rasga rapido e estrondoso;
Brama Jove iracundo, sacudindo
Da rubra dextra o raio accêso e prompto.
Baquea o grão colosso, arqueja e treme,
Varado o peito e o coração, qu'entornam
Borbotões d'atro sangue espumeo e quente.
Mordendo as róchas urra e se debate,
Mâs a vida lhe foge, e a fôrça, e a raiva.
Tomba d'altas montanhas despenhado,
Frondosos troncos, pedras arrastando,
Que ao corpo enorme, enorme estrada abriram.
Ao baque horrivel tremem terra e máres,
E largo tem ao longe ressoando,

Nos fundos vitreos paços apavoram
Amphitrite, Nereidas, Tethis, Glauco.
Tritão ligeiro á flor das aguas nada,
Voltando á praia o rosto observa e admira
Fulgurando d'instante a instante a serra,
Que a chamma cresta, e negro sangue escorre.
Horrendo corpo ressupino avista,
Que entallam terra e pedras, qu'enche e occupa
Do feio bosque ao mar estenso espaço.
Inda o grande penedo, qu'arrojava
Segura a dextra morta; ind'horrorisa
Medonho e fero o aspecto aos céus voltado.

Eis carpindo-se Atlantida commove
Do equoreo reino o lindo côro á mágoa;
Perdida a côr das faces, desgrenhada,
Transida e bella os olhos lhe retratam
Ternura maternal, que o peito nutre.
Convulsa move os passos, misturando
Com pranto amargo as vozes, que lhe troncam
Amiudados suspiros; eis, Neptuno,
Eis de Jove o rancor (exclama, e chora);
Nicteroy insepulto, e sôbre um campo
De um raio jaz ferido! A estirpe augusta
Do pai dos Deoses, hoje acaba, expira
No forte surprehendido illustre joven.
Vingar paterna injúria foi seu crime,
Ao crime excede a pena, se não vales
A mal fadada Atlantida, que escudas.
Pôde Encelado aos céus arremessar-se
Com fôrça e raiva, altivo presumindo
Privar do throno a Jupiter supremo,
Recobrando o direito ao sceptro avito.

Typheu, Adamastor, Otho, poderam
Soberbos guerrear na empreza affoitos;
Conturbaram, mudando a face á terra,
Montanhas, máres, rios, astros, deuses.
Baixou dos céus terrifica vingança,
Mercurio, Pallas, Marte, converteram
Dos ímpios em castigo, penhas, ilhas
Que leves sôbre as nuvens revoavam.
Do fundo averno aquelles bramam; estes
A graves montes sotopostos vivem.
Mâs inda sobem do Etna inflammado
Fumo e chammas, qu'attestam fôrça e brio
Do opprimido gigante, inda tremendo
Em Rhódope, Inarrima, e greta as torres
De seus corpos erguidas eternizam
Dos Titães a memória, a empreza, e a estirpe.

Nicteroy de Saturno é prole, é sangue;
E o nome seu a morte ao Lethes dando,
Inglorio o roubará do mundo á fama?
Raivosas feras já talvez devorem
Seu corpo exangue, e já crocitem perto
Em bandos mil carnivoros abutres;
Branquejando os seus ossos talvez mostrem
Em dias, que o futuro esconde aos homens
De ingente monstro horrifico esqueleto;
E a tanto subiram de Jove as íras?
Dá que a fama o celébre, dá Neptuno....
Recresce o pranto, a fraca voz lh'embarga,
As mãos supplice estende, e afflictos vertem
Os lindos olhos lagrimas que supprem
Confuzos termos, qu'em seus labios morrem.

Suspira, então Neptuno, e meigo abraça
A lastimosa Atlantida, rompendo
Morno silencio, que suspende e enluta
A maritima côrte. — « É justo ! » exclama :
« É justo, sim, que viva eternizado
No mundo o filho teu, qu'outr'ora fôra
Por mim da morte injusta occulto e salvo.
O pranto enxuga, pois : Neptuno attende
A mãi de Nicteroy, formosa e mesta ;
Castiga Jove um crime, e não consente
Que sôbre a terra acabe o nome, a fama
De um filho, que a vingar seu pai s'erguêra ;
Foi de Mimas herança a fôrça e o brio,
Mimas vive lembrado em Phlegra, em Lemnos,
Vivirá Nicteroy, lembrado e eterno
Na serra, e valle, e rócha, que apontára
Ao terrifico Marte, em furia accêso.
A um justo pranto, um justo aprêço é dado,
Ternura maternal te affoita, e eu quero
Do morto filho a glória eternisando,
Mostrar que abrigo heroe, de heroes nascido. »

De Phebo a luz doirava a serra e as brenhas,
Dos picos mais erguidos dissipando
Nocturna, branca nevoa, que descia
Ao verde prado, eutão Neptuno surge
Na argentea concha, que Hyppocampos tiram
Os crespos máres, aplainando e abrindo
Ruidosa marcha, qu'alva espuma cobre.
Daqui vaidosos, negros phocas nadam,
No dorso sôbre as ondas levantando
Cymodoce, Melite, Spio, Nisea ;
Escamosos delphins dalli se ostentam,

Que em tôrno as aguas assoprando espargem
Dos ares sôbre as nymphas; Glauco, Phorco,
Palemon e os Tritões em turmas seguem.

Defrontam já co'a praia, o campo e serra:
Desmaia a linda Atlantida, banhando
Em novo, acerbo pranto a face e o peito;
Qual flor nocturna e bella, que orvalhada
Nos jardins se aprazia, e ao sol murchando,
A gala perde, inclina-se impellida
Do brando vento ao sôpro, que a affagava.
Neptuno as mãos lhe toma, aperta, beija,
E ao hirto corpo, então, a vista alonga:
Oh virtude d'um Deus! oh fôrça! oh pasmo!
Desfaz-se o grão cadaver prompto em agua,
Que ferve, salta, muge, avulta e açoita
Os valles, selvas, montes, brenhas, róchas.
No extenso mar, que o verde campo alaga.
De espaço a espaço avistam-se os penedos,
Derrocados por Jupiter tonante.
Ao novo mar garganta nova se abre,
Ferindo a costa o válido tridente,
Junto á rócha, que a Marte se assestára,
E qu'inda ao mar voltada as nuvens busca
Em confuso marulho, em grossas ondas
Descendo as aguas rapidas enfiam
A estreita foz, qu'as sólta aos máres: Glauco,
Qu'em cem rios banhar-se Thetys manda,
Porqu'este só faltava, alegre, salta,
Expõe ligeiro á tumida corrente
O peito largo e cerulo, qu'a quebra,
Forçando as aguas, dividindo a espuma.
Da hirsuta grenha verdes algas descem,

Assombrando-lhe a testa, a face e os olhos,
(Os olhos, em que Scylla encantos via
Raivoso ciume em Circe despertando,)
A barba negra, esqualida goteja
Salgada lympha d'entre os limos prenhes.
Ramoso tronco de coral na dextra
Levanta aos ares, co'a sinistra rema,
Pairando sôbre as ondas, que lh'escondem
D'atro peixe escamosa cauda e longa.

Ind'alto pasmo os animos enleva,
E já murmura placida a corrente,
Igualando-se ao mar soberbo o lago
Na foz, que a rócha fraldejando affaga,
Quando Glauco o silencio rompe, exclama,
Do peito alegres vozes desprendendo,
Que o trespasso d'Atlantida terminam.

—« Eis divino furor m'impelle e agita,
Deuses, Nereidas, escutai meu canto;
Celeste fogo os ossos me percorre,
Divina inspiração na mente eu sinto,
Vigor mais nobre e santo me arrebata,
Do qu'esse, que d'Anthedon me arrancára
De occultas hervas, por virtude occulta.
Das novas aguas mago influxo tenho,
Já sou propheta e deus — eu vejo, eu vejo
De par em par abertas aos meus olhos
As ferreas portas d'um porvir distante.
Exulta, exulta, Atlantida, que a fama
Do morto filho teu sublima a glória,
E eterno o lago faz, eterno o nome.
Troveje em vão Mavorte sôbre a serra,

Em vão raivoso empregue a lança e a fôrça,
No grão rochedo, qu'alto feito attesta:
Immortal ficarás, ó pedra, e ao longe
Do novo rio a barra assignalando
Nicteroy lembrarás aos céus e ao mundo.

« Mysterio novo e grande eu vejo e admiro;
Brilhantes feitos surgem, refulgindo
Das urnas, qu'inda o fado aos homens veda.
Rompem quilhas soberbas negros máres,
Pasmosa marcha endereçando afoitas;
Domada a furia aos euros, lusos fortes,
Nos céus pregada a vista, e as mãos no leme,
D'aurora ao berço impavidos proejam.
Eis subita procella o fado excita,
Propicia e rija os lenhos empuchando
Á nova plaga e occulta: eu ouço, eu ouço
O alegre som dos vivas com qu'arvora
Sôbre as praias Cabral a cruz e as quinas.
(A cruz, que á plaga dá virtude e nome
Nome, qu'atr'ambição trocando, vive
Nos penedos, qu'á dextra o rio apertam
Desta abra ingente, qu'alta glória espera.)
Lobriga Marte a lucida grandeza,
Que do imigo o recinto abrilhantando,
Da victória o valor lhe abate e a fama:
Eis prompto Alectrion, mandado espreita,
Do verde lago em meio, em torre erguida,
O mar, a terra e as brenhas; mâs que póde
Da vingança o furor, se o fado é contra?
Mem de Sá daqui surge, é fogo e raio:
Desmantella-se a torre, o gallo escapa;
Lá cresce a grã cidade, que nas aguas

Do famoso gigante retratada,
D'altos montes as fraldas borda, e as praias
D'um joven bravo e santo o nome acceita,
Sem perder o de rio ao lago imposto;
Aqui se ostenta próvida a natura,
Thesoiros novos d'alto preço abrindo
No florído matiz do campo e selva.
Aqui do inverno a rispida melena
Não sacode a saraiva, a neve e o gêlo.
De eterna pompa as arvoros se arream,
Pomos e flores de seus ramos pendem,
Quaes nunca o horto hesperido guardára.

« Oh com'avulta em glória! oh como a illustram
Heroicos filhos, que o seu gremio adornam!
Nem só Roma verá Sulpicios nobres,
Comprando a grã cidade a pêso d'oiro,
Que de Breno a ambição e a espada aggravam.
A mesma ingente glória, qu'assignala
De Romulo o sepulchro, illustra e marca
As auriverdes, nicteroicas aguas,
Da patria e da nação o amor floresce
Do rio sôbre as margens. Ah! são lusos
D'antigo tronco ramos, que prosperam
Sem perder a virtude, a fôrça, e o brio.

« Oh com'avulta em glória! oh como a illustram
Do seu governo as redeas manejando,
Incansaveis Andrades, Cunhas duros!
Tu pacato Rolim! activo Almeida,
Que mais amplo pôder regendo elevas
A cultura, o commercio, as armas, tudo
A um lustre, que o teu nome aclara, afama.

Nem céde em zêlo um Vasconcellos dextro,
Que o vício espanca, e as artes acolhendo,
Anima o genio, qu'eterniza a glória
Da florente cidade. Um Castro eu vejo
Melancolico e forte. Um sabio admiro
Do rei, da patria amigo; esteio adorno
Do tronco da Nação; thezoiro excelso
De virtudes sublimes; que ama o sabio,
O justo abraça, Portugal seu nome
Na lembrança dos bons fulgura e vive.
Tu guerreiro Noronha as redeas tomas,
Prudente, firme, e proseguindo ostentas
Saber profundo, amor, virtude e genio.
Oh como avulta em glória! Ah! novos fastos
Do filho teu, Atlantida enobrecem
No mundo o lago, qu'hoje occulto admiras.
Dias mais bellos no provir s'antolham,
E o fado aponta um seculo ditoso,
Em qu'a Elisia disputa a fama o Rio.
Eis amplo assento e base d'aureo throno,
Qu'escoltam sempre lucidas virtudes;
Aqui medra e floresce em fôrça em glória
Esse tronco, que o céu plantára outr'ora
No heroico solo em que troveja a guerra.
Já d'entre as mãos d'um Pelias, qu'empolgava
Nova Iolcos no Tejo astuto e forte,
Um mais nobre Jason mais sabio escapa.
Perdendo o nome, ao Rio inveja Colchos,
Varão mais digno d'aurea fama; surge
Das negras mãos d'horrenda tempestade
Um dia, que do mundo a sorte muda.
Salve, o dia feliz! ditoso dia,
Que mais ampla carreira ao genio abrindo,

No velho mundo o esfôrço dispertando,
A paz do globo proxima asseguras.
Salve, principe excelso, qne abrilhantas
Com justo sceptro e c'rôa a plaga e o lago,
Em qu'hoje o fado o teu podêr m'inculca.
Eternizam-te o nome a história a fama,
Epóca illustre assignalando aos povos
No vasto e rico imperio, qu'ergues sabio.
Vejo as quinas, qu'ao Indo, e ao Ganges davam
Terror, desmaio, floreando ovantes
Das náus dos Albuquerques, Castros, Gamas,
Sublimadas na esphera, agora dando
Do novo reino brazileiro o indicio.
Vejo um rei acclamar-se oh pasmo! oh glória!
Serão d'Ourique ôs campos estas margens,
Que só natura esmalta agora e veste?
Revive Affonso acaso! É este o Tejo?
É este o luso heroe, qu'um throno funda
Sem dos evos temer o estrago, e a fôrça?
Fulgura o céu d'Ourique; a cruz se adora
D'igneos raios vertida, santa, e bella.
D'alta noite rompendo o véu nubloso,
Reflecte a luz nas armas luzitanas.
Cerrados esquadrões desmaiam fogem
Eclipsadas as Luas, cresce o esforço
Que o novo reino portuguez eleva.
Ferindo o escudo e as armas mil guerreiros
Lá saúdam monarca Affonso, o invicto,
Que o céu protege, e a terra admira e acclama,
Auspicio igual aqui respeita o Rio;
Luminoso cruzeiro ao sul refulge,
Do novo Reino a glória eternizando,
Que um principe esforçado assenta e firma.

Cingindo a c'rôa e a purpura, que adornam
Eternos brilhos de virtude avita.

« Ao grande, ao sexto João, que n'esta plaga
Primeiro ao regio throno sôbe, o mundo,
Erguendo as vistas respeitoso acata:
Nicteroy, Nicteroy, um throno, um reino,
Que a cruz defende, e um sabio escora, e afama,
Do lago teu nas margens brilha, e cresce.

« Vejo a glória esmaltando a Estirpe augusta
Do regio brigantino e excelso tronco;
Nova estrella enriquece o céu do Rio,
Tão bella como a d'alva, tão formosa,
Como a gema engastada em oiro ou prata.
Do mar desponta, é Venus, e os Amores
Em tôrno brincam, do Danubio a seguem;
Já d'um principe heroico aos braços chega.
E o céu que os liga d'hymineu co'os laços,
Em reciproco amor, em grato auspicio.
Perduravel grandeza ao Rio augura.
Nem me occulta o futuro ou fado arcanos,
Que a mente em santo fogo ardendo anceam:
Prospéra, ó par ditoso! Exulta, ó plaga!
Que o céu de bençãos enriquece e assalta!
Clarão de eterna glória os evos doira,
Despontam mais brilhantes novos dias,
Marcando a cruz a duração, qu'escapa
Aos frouxos olhos d'indagar cançados.
Penhor augusto vejo, acato e admiro!
Ternura conjugal o afaga, o abraça;
Nas faces brincam risos, sôbre o berço
Adejam votos do Brazil, do mundo;

Traz no sangue de heroes virtude e graça;
Lamego o sceptro de seus páis lhe off'rece,
Concentra a glória de Bragança e d'Austria.
Nunca ao sol, que desponta a linda rosa
D'entre as flores, qu'esmaltam prado ou selva,
Do cerrado botão rompeu tão bella;
Nunca, Atlantida, estrella igual fulgindo,
Nas frescas aguas do Danubio ou Tejo,
Dos povos mór applauso obteve — exulta! »

Tremeu de novo a terra e o mar: Neptuno
A Glauco impõe silencio, ao ar levanta
O grão tridente, abysmam-se as Nereidas,
E a mãi de Nycteroy ao côro unida
É nos máres por deusa conhecida.

ALVARO TEIXEIRA DE MACEDO.

A Festa de Baldo.

(Canto último.)

Agora maior graça, e novo alento,
Generoso derrama nesta empreza,
Engenho meu, e dá-me no remate
Benigno fogo que, ao princípio déste,
Qual,no meio, ardente me infundiste.
Voa soberbo, ou vem comigo junto,
Ganhar, si não me engano, a nobre dita
De vêr o feito nosso percorrendo
Essa terra feliz que chamo patria.

Já que os rijos boléus de má ventura,
Até, por fim, a porta me encerraram
Do templo da justiça, rasga ousado
Engenho meu, caminho triumphante,
Por meio das fileiras indiscretas
Daquelles que a fortuna caprichosa,
Cega sem tacto, p'ra seus fins protege.
Eu, que de tal senhora não recebo
Mil favores, que a vejo dar aos outros,

Que tão mal concebi suas promessas,
Que lancei pelas geiras do futuro,
Sem proveito, sementes d'esperanças,
Pretendo que meu nome, ora esquecido,
Meu nome, que o podêr tão mal afaga,
Viva longo nas aras do conceito,
Talvez no coração da minha gente.
Viva sempre seguro na memória,
Daquelles que applaudirem meus esforços.
Eis a sorte feliz que tanto anhelo,
E o maior galardão porque trabalho.
Eis o forte incentivo que, em meu peito,
Faz nascer este amor do imaginario,
Ésta nobre missão de ser poeta,
Creando pelo mundo novos entes,
Novos homens e coisas aprazíveis,
Que se tornam reaes pela memória,
Que vivem pela terra em tal certeza,
Qual vive com a materia a sombra della.

Mas é tempo, leitor, que entres comigo
Na festa que em ganha teus sorrisos.
Observa d'uma vez meu Cleto Baldo,
Dando realce a tudo por seus modos,
Observa Dona Clara em seu triumpho,
Qual vistosa rainha de comedia,
Com fórmas estudadas pelas salas.
Olha benignamente, e attento escuta,
Que nem sempre taes coisas se fizeram,
Quaes essas que narrei p'ra teu recreio,
E estoutras que direi no seguimento.

A casa apparatosa do vigario,

Defrontava com um bosque de mangueiras,
Onde o pomo da India, em maior glória,
Mostra ao sol do Brazil as duas côres,
D'uma face doirada, e d'outra, rubra.
Nos salões ao convivio dedicados,
Era tudo bem pôsto, e apresentava
Certo aspecto influindo de ventura
Que os humanos ostentam, raras vezes,
Em dias de alegria, mâs que os anjos,
Ou aquelles que o céu tem por morada,
Constante mostram, porque sempre gozam
Prazer sem fel que o mundo não conhece.

Já no festivo solho percorriam
Numerosos senhores convidados,
Louvando a bella ordem e elegancia,
De tudo que seus olhos avistavam.
Com igual sentimento várias damas,
Formosas no semblante ali vagavam,
Concertando engraçadas seus vestidos,
E quer nas vozes, quer nas várias côres,
De araras lindo bando pareciam,
Soberbas dando ao sol as pennas de oiro.
Em pequenas distancias, a pé firme.
Varios grupos ficaram reunidos,
Conservando, entre si, devidamente.
Se o thema contemplado era sciencia,
Ou arte rasoavel, definida,
Aquelles que falavam pareciam
Circumspectos, civís e comedidos,
Ouvindo com attenção e cortezia,
Cedendo, quando a fôrça do argumento
Continha convicções bem ponderadas.

Se o assmupto, porém, era politica,
Vaidosa profissão de certa gente,
Que se occupa do Estado, e do Governo,
Não sei que geringonça de máu toque,
Se ouvia proferir de muitos labios,
E não sei duvidoso, como pinte,
O complexo de frazes, e sentenças,
Dos grandes palavrões, da muita audacia,
Dos ares, e donaires de tal gente.
Gente que tanto fala, e pouco escuta,
Gente, que escuta mais, do que devêra,
Gente, que mais esquece, do que lembra,
Gente inconstante e má que aos povos hoje,
Umas vezes dá c'rôa soberana,
E mil outras condemna a vil desprezo;
Gente, que até dos thronos vai fazendo
Náus de viagem, das rainhas fusos,
E dos reis seus discip'los de oratoria!...
Gente, emfim, que p'ra tudo é convidada,
E que Baldo pedio fosse ao festejo.

Pelos claros espelhos suspendidos,
Alguns senhores se miravam ledos,
Namorando as feições que possuiam,
Seguros de agradar ao outro sexo.
Bellas modas de calças e casacas,
Faziam summa glória de seus donos,
E apezar que nos talhes divergissem,
Concordes eram todos lá comsigo,
De serem, pelos rostos e elegancia,
Narcizos, sem senão, e mais sensiveis,
Que o frio matador de Echo amorosa.
Nada inutil creou a Providencia,

Animaes exquisitos, passarolas
De máu aspecto, e monstros singulares,
Amphibios numerosos e macacos
Hirsutos e travessos, tudo serve,
E todos teem seu prestimo. Aquelles
Que só nos vultos curam, esses homens,
Que Cesar conheceu, vendo em Pharsalia,
Preenchem seus logares nos banquetes,
Servem a certos fins, e tambem prestam
Pâra adubo de risos, p'ra recreio
Da gente mais cordata que os contempla.
Sem elles mal iriam os festejos,
E, sem elles, eu juro, que ha donzellas
(De taes pares condignas totalmente),
Que tristes dormiriam pelos bailes.
Oh! gente afortunada, se soubesse,
Conhecer seu valor, e grande pêso!
No entretanto gozai do largo mundo,
E, por fim, quando a morte vos alcance,
Ireis todos p'ra o céu, que é o vosso reino.

Brilhavam, nesse tempo, em toda a parte,
Mil adornos de Flora, não riquezas
De prata burilada. Puros vidros
Com agua inda mais pura, recebiam
Ramos verdes, e flores da floresta,
Tão lindas, tão mimosas, e suaves,
Que dos olhos levavam dentro d'alma,
Brando sentir, humano e bemfazejo.

As flores companheiras são do homem,
E só delle recebem doce trato:
Os brutos seus encantos não percebem;

Não tendo a luz do céu, e Deus no peito,
Mal podem ver bellezas na materia,
O rigido tapir sae das ribeiras,
Corre pêlas campinas matizadas,
Pisa os ricos tapetes de natura,
Da gentil açuçena morde a face,
E rompe mil capellas engraçadas,
Com que Alonso enfeitára a linda Cora.

Do festim os salões naquelle dia,
Estavam convertidos n'um bosquete,
Idéa natural de mestre Berto,
Pâra trazer dos campos a frescura
Do tecto hospitaleiro que o honrava.
Ramos cheirosos do araçá bravio,
Tecidos co'a limeira, e co'a pitomba,
Faziam linda trança co'a folhagem
Da vermelha pitanga, e da mangaba.
Vergonteas de canella, e da baunilha,
Diziam, que o Brazil tambem é Asia.
Galhos de cajueiros, e do artocapo,
E palmas reluzentes do alto côco,
Completavam o arranjo deleitavel
Do campestre recinto simulado,
Por fructos, e por arvores da terra.

Niveas toalhas cobriam largas mesas,
Onde, por duas filas, se avistavam,
Sobre parras, e flores escolhidas,
O ananaz soberano e aromatico,
Do Maranhão trazido áquelles lares.
Fructas de conde (cujo mel cheiroso
E' nata vegetal) estavam postas,

Defronte de quadrados amarellos
De suaves bananas delicadas,
Linda pera dos tropicos felizes.
Laranjas, abacates, verdes limas,
Morenos sapotís, que o bom Filinto
Em vez de trouxas d'ovos comeria,
Tomavam seu logar ao pé de cestas,
De mangas soberbissimas e raras,
Que de Itamaracá recebem nome.
Outras fructas formosas e fragrantes,
Com mil doces, e pratos delicados,
Prefaziam o quadro mais completo,
E o mais grato dessér do mundo inteiro.

Sôbre as mesas, desta arte, guarnecidas,
Trascalando os effluvios de Pomona,
Escravos apurados assentaram,
Grande cópia de pratos fumegando,
Com viandas e môlhos de appetite.
Appareceram quartos de vitella,
Alvo lombo do cerdo e gorda vacca,
Várias aves, e caça peregrina,
Cujo sabor lhe vem da vida alpestre,
Pescado e camarões do manso rio,
Em loiras frigideiras borbulhando,
Empadas de palmito, grandes tortas,
Arroz de forno com jardim de salsa.
E, p'ra timbre final do rico apresto,
Avultava o melhor dos grandes pratos,
Leitão de espeto, glória dos banqnetes.

Com tal disposição tudo era prompto,
Quando Baldo, acenando a mestre Berto,

Confessou ser incerto e vacillante,
Sôbre qual dos senhores reunidos,
Teria logar de honra ao pé de Clara.
— « Hoje voga o princípio de igualdade. »
Sisudo reflectiu o heroe da festa,
« Receio dar offensa neste trance,
E no enleio cruel depreco aviso. »
Mestre Berto falou desta maneira :
— « As sciencias, as armas, e as riquezas,
Disputam a miudo a primazia,
E os homens arrolados em taes classes,
Para si têm querido a precedencia,
Não só nos actos serios e distinctos,
Porém inda nos bailes e banquetes,
Onde ás vezes se encontram misturados,
Céde tudo, porém, á cortezia,
Quanto a igreja se mostra em qualquer parte.
As armas, e as lettras retrocedem,
Os ricos, e os soberbos se desviam,
Os proprios diplomatas dão-lhe o passo,
Pois de tudo sabendo não ignoram,
Que o dizer, *que seu reino é do outro mundo*,
Importa que ella sempre é sobranceira,
Com as azas estendidas, e voando,
Qual sublime condor, sempre elevado
Por cima do que é grande cá da terra.
Dê, pois, ao seu fiel representante
O logar mais distincto que lhe cabe :
Entregue Dona Clara ao bom vigario. »
Assim se fez, e musicas do bosque,
Tangeram a entrada pâra o banquete,
E todos com semblantes de alegria,
Tomaram pelas mesas seus assentos,

Applaudindo o soberbo lanço d'ôlho,
O gôsto, a novidade do apparato,
E tudo emfim que ali se descobria.

Depois de curta pausa tinem pratos,
Retinem garfos, facas e colhéres,
Susurro de festim alto começa,
Olhos scintillam, mãos soccorrem boccas,
Mestre Berto comia, e não falava,
E Baldo, sempre álerta em seus deveres,
Attendia ao serviço das senhoras,
Affavel presidindo ao seu convivio.
Dona Clara, vestida em ricas sedas,
Seu bom gôsto mostrava nos cabellos.
Enorme, coruscante e alto pente,
De artistico lavor tinha cravado
Pêlas tranças luzentes de azeviche.
Conta-se que era tal o seu tamanho,
Que o vigario, por vezes, qual Damocles,
Temendo que caísse, deu suspiros!
Era porém o andaime bem seguro,
E a matrona, soberba do enfeite,
Para todos olhava com sorrisos,
Linguagem do prazer que a possuia.

Passava-se o banquete alegremente,
Cosme contava histórias divertidas,
Reinava um tiroteio de bons ditos,
Corria o loiro vinho effervescente.
Oh! que festa ditosa era a de Baldo!
Que prazer, que gracejos, que doçura,
Que toque divinal lhe cala o peito?!...

Glorioso escrivão, si o teu empenho,
Me foi dado cantar a teu contento.
Si tua alma pintei qual tu a sentes,
Perdôa ao bom chronista si não póde
Deixar de publicar tua derrota.
Culpa tua não foi, que foi urdida,
Causada unicamente pelo fado,
Pêla trista ousadia de partidos
Em tempos duros, tempos revoltosos,
Que tudo impedem, tudo precipitam!
Cantarei o final de teu banquete,
P'ra que o rijo clarim que te dedico,
Soando imparcial teu desconcêrto
Seja crido por todo, quando vibra
O sincero louvor bem merecido,
Das virtudes singelas que tiveste,
E da honra, sem par, do teu cartorio.

Em quanto, pois, a festa progredia,
Rouco volume de medonhas vozes,
Com tropel e nitrido de ginetes,
Os ares atravessa, e passa ao bosque
Incutindo temor nos convidados.
Adeus bello prazer, adeus convivio,
Sobresalto cruel em todos lavra,
E o sexo da brandura colhe medos!
Que berreiros são estes que escutâmos?
Que tiros já tão perto são aquelles?»
Perguntou altamente o bom vigario.
—«Nova rusga,» respondem muitas vozes.
D'um novo presidente quer-se a queda!»
—«Maldita estrella nossa, clama Berto
Onde iremos parar com taes mudanças?

Qualquer que seja o bem que á patria venha
Desta rusga infernal agora em campo,
De viam têl-a feito ha quinze dias,
Ou então adial-a p'ra mais tarde,
Que o nosso Apollo assim ficára salvo:
Eu te odeio, ambição de baixo intento,
E vós, ó patriotas de taverna,
Ó Grachos de comedia, vís escravos,
Vosso deus e senhor chama-se — oiro —
Vosso mestre não foi Cesar clemente,
Nem Augusto sagaz, correndo ao mando.
O heroe quo imitais é Catilina,
Mâs, como elle, achareis forte Petreio,
Que vos córte a carreira fatricida! »
Adeus, bosque gentil! flores do campo!
Adeus, Baccho e Pomona deleitosos!
E vós, bello perú, leitão intacto,
Fofos pasteis, aureas frigideiras,
Ficareis pâra pasto de guilhotes.
Que deshonra p'ra vós.... sereis comidos,
Por homens esfaimados sem fineza,
Que com carne, e feijão foram contentes!
Oh! meu rico banquete adeus p'ra sempre,
Minh'alma aqui vos fica, eu levo os queixos!...

Bradando estas sentenças singulares,
Mestre Berto saíu sem ser mais visto:
Debandada geral seguiu-se logo,
E o proprio escrivão, dono da festa,
Tratou da retirada, e sem bagagem,
Fugiu airosamente pelos fundos
Do amigo, escuro bosque das mangueiras.
Não consta que este heroe, qual o de Troia

Voltasse na procura da consorte.
Consta só, que, depois de grandes riscos,
Unidos foram ter á nobre villa,
Concordes d'esperar pela ventura
De uma paz duradoura, e sem perigos,
De dias mais serenos e seguros.
E, si bem que viveram mais á larga,
Por mais que examinasse, não me consta,
Que o escrivão de Goyana e Dona Clara
Procurassem jámais dar outra festa.

FIM DO FLORILEGIO

NOTAS

AO

FLORILEGIO.

NOTAS.

1.ª

Pag. 1.ª da Introducção.

Ao avaliar o estado das linguas e lettras castelhanas e portuguezas na epoca em que se descobriu o Brazil, se póde ler com interêsse o seguinte documento, que contém alguns fragmentos curiosos em prosa e verso, os quaes devem augmentar em estimação (apesar do descuido com que parece haverem sido transcriptos), quando nos lembremos que alguns delles podem ser obra dos poetas Gil Vicente e Bernardim Ribeiro, que floreceram no reinado do venturoso Manoel. Este documento, que copiámos em Simancas, é uma carta original de Ochoa de Ysasaga, embaixador dos reis catholicos em Portugal, quando o rei portuguez recebeu por espôsa em segundas nupcias a rainha D. Maria. Nesta carta se descrevem por extenso as festas que tiveram logar no real paço de Lisboa, na noite da missa do gallo dêsse anno da boda. Tão importante julgâmos tal documento, que passâmos a reproduzil-o na inte-

gra, certos de que o leitor nos ficará por elle agradecido, embora tenhamos pâra isso de engrossar de algumas paginas este tômo:

Cópia de uma carta autografa de Ochoa de Ysasaga aos Reys Catholicos.

Muy Católicos, muy altos é muy Poderosos Principes é Señores el Rey é la Reyna Nuestros Señores.

Aunque yo sere alla presto queriendo Dios para haser relacion de las cosas de aca por menudo á V. as. porque Juan Ortiz llevador desta llegará alla antes que yo, paresció que era bien dar parte á V. as. de las fiestas que han pasado aqui en esta fiesta de la natividade nuestro Señor.

Jueves veinte y cuatro deste Diciembre biespera desta santa fiesta, la Señora Reyna oyo misa en su oratorio e se confesó con fray Garcia de Padilla y despues comio retrayda. El Señor Rey oyo misa en su capilla é dicieronme que tambien se habia confesado y á la tarde el Rey é la Reyna juntos fueron á capilla á oir las biesperas y acabaronse despues de nochecido, y despues el Señor Rey fue com la Señora Reyna hasta su posentamiento y dejandola alli se fue derecho á la sala grande de su aposentamiento que estaba muy bien atabiada y fecho un estrado grande con su doser de brocado encima y debajo puesta una silla rica grande com su mesa delante y asentose alli y

traxieronle la collacion con grande triunfo el mayordomo mayor y los maestres salas que disen aca veedores, y muchos pages con platos grandes de conservas y fruta de sarten, e el Duque de Coymbra se ynco de rodillas delante del Señor Rey y estobo asi con unas toallas en el hombro hasta que acabo de haser collacion y en lugar de copa un caballero llevó al Señor Rey un vernegal de agua com unas toallas en el hombro.

Despues de esto dieron collacion á todos los caballeros é fidalgos que estaban al derredor del Señor Rey de la misma manera que estaban en pie y despues dellos á toda la gente que estaba en la sala sobre que andovo grande regocijo como se suele hacer en semejantes tiempos y para segund la noche que era la cerimonia fué real y paresció muy bien á todos.

La Señora Reyna hizo collacion en su cámaras y despues las damas y á la sazon la infanta Doña Beatris le embió ciertos platos de fruta de sarten y despues de echa la collacion la Señora Reyna vido que la casa no estaba adrezada como era rason para tal fiesta mandó que la adrezasen luego y de noche colgaron los paños y el doser y fisieron el aparador.

Despues de esto á las ocho horas vinó el Señor Rey á la camara de la Señora Reyna y fueron á los maytines de la misma manera que fueron á la biesperas y el Señor Rey dejando á la Señora Reyna en la tribuna decendió abajo donde estaba puesto su sitial con cortinas y oyeron los maytines solepnemente con horga-

nos y chamzonetas y pastores que entraron á la sazon en la capilla danzando y cantando *Gloria in excelsis Deo* y dija la misa del Gallo pontifical el Obispo de Fez y en acabando los maytines á las dos horas despues de la media noche el Rey é la Reyna se volvieron á su aposentamiento.

Hoy dia de la Natividade de nuestro Señor antes que amanesciese, la Señora Reyna oyo misa en su oratorio y se comulgó é dijo la misa fray Garcia de Padilla.

El Rey é la Reyna se fueron á misa con sus mugeres y damas entre las nueve é dies horas é iban vestidos en esta manera.

El Señor Rey trahia jubon ancho de cebti carmesi á la francesa y calzas de grana y borceguis blancos en soletas y una cinta de oro y una espada con su guarnicion de oro rico é un collar de oro mediano con muchas piedras y un bonete de terciopelo doblado y en el unos joyeles de diamantes y encima una loba de brocado pelo negro alcarchofado abierta por los lados.

La Señora Reyna trahia una faldilla de terciopelo negro con tiras de brocado y un cós de puntas de brocado pelo morado oro tirado y una delantera de lo mismo y un abito de terciopelo carmesi de muchas perlas con unas lazadas que vestio el dia que se casó en Alcazar y una cinta de mazorcas de oro de martillo muy rinca y linda y un colar de las esmeraldas y en la cabeza echa la clencha y un tocadito de oro de martillo todo de emes muy rico y en

la garganta un hilo de perlas guesas con una cruz de diamantes colgada del y muchas axorcas en las manos. Yban detras diez y siete damas todas muy bien ataviadas y perfiladas.

El Señor Rey llevó á la Señora Reyna del brazo esquierdo hasta la tribuna y dejandola alli decendió abajo á su sitial y dijo la misa pontifical el Obispo de Fez que dijo la del Gallo, y estaba en el altar un retablo devoto como en Iglesia y una cruz grande rica y cuatro candeleros de plata y el aparejo de los hornamentos de brocado pelo la mitra y el vaculo bien ricos con mucha pedreria y predicó un clérigo muy bien el nascimento de nuestro Señor y el Señor Rey ofreció en la ofrenda dijeronme que doce ducados los seis por si y los otros seis por la Señora Reyna, y el evangelio y la paz dieron al Señor Rey con Cerimonia como se acostumbra y no llevaron á la Señora Reyna.

Acabose la misa cerca de la una hora y despues el Rey e la Reyna fueron á sus aposentamientos cada uno por su parte y el Señor Rey fué en esta manera, iban con el todos los caballeros y delante uno con el estoque que le embio el padre Santo y mas adelante los vallesteros de maza que son aca como porteros de Cámara y comió en una quadra donde suele comer los otros dias asentado en una silla debajo de doser de brocado y estaban al derredor todos los caballeros y sus ministriles altos que tocaban un poco desviados. El aparador era mediano trajieron el manjar con trompetas y atabales y no comió carne sino pescado.

La Señora Reyna al tiempo que iba desde la capilla á comer á la cuadra baja encontró con la infanta Doña Beatriz que le venia á ver y á dalle buenas pascuas y un page tras si con un plato grande cubierto con manjar parescíome que era capirotada é hisieron la una á la otra sendas reverencias bien bajas y fueron de mano á mano la Señora Reyna á la mano derecha y la Infanta á la mano izquierda y á la entrada de la puerta rogabanse la una á la otra y entraron casi á la par pero parescíome que la infanta todabia se detúbo atras un poquito y fueronse á asentar á camita donde estobieron hablando y holgando hasta que trajieron el manjar.

El aparador de la Señora Reyna estaba puesto muy lucidamente aunque estaba la plata muy apretada que habiendo mucha paratres gradas la pusieron en dos pero mucha é muy buena é muy lusida parescio á todos los que venian á verlo y menester fué habella puesto que no han puesto ninguna ves despues que venieron á esta cibdad ya desian algunos que la Señora Reyna no trahia plata y que la que se puso en Alcazar de Sal cuando se casó era de V. as. y que la havian trahido alli para hacer muestra y que desde alli la habian vuelto para Castilla.

El manjar de la Señora Reyna trajieron al aparador con trompetas y llevó las fuentes Doña Leonor de Milan y poniendolas en la mesa la infanta se levanto sobre las rodillas para servir con ellas y estonces la Señora Reyna levantose

un poquito y asiole del brazo é hizole tornar á sentar graciosamente; en el servicio de la mesa no hobo mas diferencia que en los otros dias que Lope Valdivieso hasia la salva. Doña Angela cortaba y Doña Leonor de Milan serbia con las fuentes y con la copa. El maestre sala con los pajes trahia el manjar á la mesa y estaban todas las Damas al derredor y en las postreras fuentes la Infanta no hiso ninguno mobimiento como primero y los menestriles altos tocaron durante la comida altamente.

En acabando de comer vino el Señor Rey á la Cámara de la Señora Reyna é yendose la Infanta mando despejar la Cámara y despues estobieron el Rey é la Reyna solos oyendo musica de Rodrigo Donayre y sus compañeros.

Despues de ido el Señor Rey venieron la Duquesa de Breganza y Doña Felipa á dar buenas pascuas á la Señora Reyna y estobieron asi holgando hasta la hora das viesperas y por que el Señor Rey estaba adrezandose para la fiesta de la noche mandó á los de su capilla que veniesen á desir las viesperas en la sala de la Señora Reyna donde las dijieron cantadas solepnemente.

La Señora Reyna se púso en su sitial para oir las viesperas y la Duquesa del Breganza un poco desviada mas atras por la parte derecha y mas atras todas las damas é mugeres.

Despues de acabadas las viesperas vino la infanta Doña Beatriz y asentaronse ella y la Señora Reyna en almoadas arrimadas á la Cá-

mara ; la Señora Reyna á la mano derecha por la parte de la cabecera y la Infanta por la parte ezquierda y la Duquesa un poco desviada hacial lado de la Señora Reyna y estobieron asi hasta las ocho horas de la noche esperando que se adrezasen los momos y las seis damas que habian de sallir á la francesa y en este tiempo venieron la marquesa de Villarreal y la muger del o varano de alvito á dar buenas pascuas á la Señora Reyna y hablando entre otras razones le suplicaron les diese licencia para ver suas Damas porque despues que uino su altesa á cabsa dellas sus maridos no hasian caso dellas y el caso porque se sienten ellas es que el marques sirve á Doña Maria de Cardenas y el varon á Doña Leonor de Millan. Cuando ya se acabaron de adrezar los momos el Señor Rey hiso saber á la Señora Reyna para que se fuese y despidiendose de la infanta se fué con sus damas á la sala grande del aposentamiento del Señor Rey que estava muy llena de gente con grand estruendo como para la fiesta que se esperaba y fuese derecho al estrado donde estaba un doser de brocado y debajo seis almoadas de brocado en rencle de dos en dos y asentose en cabo por la parte derecha dejando el logar bacio para el Señor Rey y las mugeres y las damas se asentaron desde el pie del estrado adelante y luego comenzaron tocar los menestrilles muy altamente y despues salieron muchos momos con ynvenciones cada ynvencion con trompetas delante como aqui será declarado. En cabo de la sala estaba fecho un

retraiymento grande con paños de donde salió un huerto de encantamiento que venia dentro un arbol membrillo grande muy bien echo con muchas ramas espesas llenas de candelas ardiendo y encima del arbol un dragon muy espantable con tres cabezas feroces y seis manos grandes y con la cola tenia rebujado todo el cuerpo del arbol y todo el huerto estaba cubierto al derredor con paramentos de lienzo delgado y venian dentro seis damas Doña Leonor de Millan y Doña Maria de Cardenas é Doña Angela é Doña Leonor Enrriques é Doña Gniomar Freire é Doña Maria de Silva vestidas á la francesa trahian en las cabezas unos chapirones de cebti carmesi como miras llenos de mucha pedreria y perlas y cadenas é otras joyas muy relusientes y encima unos velos como se pintan en los paños franceses y unas ropas de terciopelo negro con mangas anchas y con colas largas trepadas y con unas letras por las orillas con cebti blanco debajo del terciopelo y en las manos unas achas pintadas de cera ardiendo y en cabo del huerto venia echo un asentamiento principal con almoadas de brocado ; pregunté para quien se habia echo aquello y diseronme que el Señor Rey tenia acordado una vez de venir alli y que despues le dijieron que mejor era venir despues con sus momos tras el huerto porque no fuera honesta para el venir alli sin la Señora Reyna y llegando el huerto delante de la Señora Reyna de la manera que venia parescia muy real imbencion y saliendo fuera las Damas Doña Angela en nom-

bre de todas dió un escripto á Señora Reyna que desia en esta manera :

« Estando en Itiopia en nuestro huerto damore Sagrado guardado por el Dragon usando de aquel poder que por los Dioses nos fué otorgado de dar remedio á todos los verdaderos amadores vino á nos lo pidir un príncipe tan enamorado que el so he comparacion de si mismo porque la grandeza de sua pena es mayor que nosa sabeduria y porque en tua alteza que he merecedor de seus amores está o remedio deles é no en nós o tracemus aqui á te pidir que o quieras remediar porque á tua soygecion estima mays estar, que á todos seus Señrios é todos os cavalleros de sua compañia en poder de tuas damas é uoso sean soygetos é sendo coza tan nova aquela que á todas podian dar remedio o viren pidir a ty por ver una princesa de tanta escelencia ouvemos por probeyto a perda deste poder á te pidimus que nos lo queras otorgar por que otraballo deste camiño se torne en muyto seu é noso descanso e teu servicio.

« Despues de esto quitandose de alli el carro vino el Señor Rey con veinte Caballeres de los principales de sua Corte echos momos con sus caratulas e cimeras con grande estruendo de trompetas e dieron dos bueltas por la sala danzando y despues el Señor Rey comenzó yr al estrado y la Señora reyna des que sentio que era el levantose y salio á recibirle á la meytade del estrado y juntandose el Señor Rey quitó la caratula y el bonete y en

grand placer reyendose hisieron sondas reverencias bien bajas el uno alotro y despues fueron á danzar una alta y una baja y danzarón muy bien y volvieron á sentar á su estrado y lo que trahia vestido el Señor Rey era un jubon muy trepado y calzas negras é la derecha hasta la rodilla con unas barras de chaperia espesas y debajo de la rodilla donde suelen apretar las calzas dos hilos ensartados de diamantes é piedras que relucian mucho y zapatos de cuero negros puntiagudos e una cinta de oro de martillo con una daga pequeñita colgada del é un collar de oro sin piedras y un sombrero frances lleno de joyeles con una cimera grande de plumages y el cerco del bonete doblado lleno de chaperia y joyeles que relucian y todos los otros momos venian desta misma librea é muy bien atabiados cada uno segund su estado y especialmente el Duque de Coimbra trahia un collar de oro con mucha pedreria y perlas muy gruesas y la calza esquierda muy llena de piedras y perlas de la rodilla arriba y el sombrero con su cimera con muchos joyeles y encima del bonete trahia dos sartales de perlas gruesas y lo que trahia cada uno de los otros no pongo aqui porque seria prolicidade. Salvo que despues de asentados el Rey é la Reyna en su estrado cada uno dellos llegando á su dama quitó la caratula e dió cada uno á la suya su escripto y despues danzaron con ellas y esta misma forma tenian cada uno de todos los otros que venieron despues de estos. Despues de esto venieron otros cuatro ca-

balleros echos momos muy lucidos con sus caratulas y uno en nombre de todos dio un escripto á la Señora reyna que decia asi:

« Mu.to alta é m.to escelente.
Reyna é m.to poderosa Señora.

Veimos á este Seran
Cada un por sua dama
É vimos a sin razon
Que se fas a quen ben ama
É tornamos á pidir
Por merced á vosa Alteza
Que nos de a quen nos fiz venir
Para que de prazer á tal tristeza. »

Despues de esto vino una con caratula que trahia encadenado un gigante muy grande é muy feroz y detras del tres momos muy lusidos con sus caratulas y llegando delante del estrado el que trahia el gigante dio un escripto á la Señora Reyna que desia asi.:

« M.to alta y ecelente Reyna
é m.to poderoza Señora

Yo soy embiado á ti del poderozo Copido ecual sabendo que el Rey tu marido está en del terminacion de haser guerra á sus enemigos deseando mas faborescervos que á todos asi por ambos ser los mays, mas magnificos principes que nunca fueran como porque en tu casa ser junta toda la fermosura que sufe (sic) en el mundo

hace ser loada te ofrece para su servicio aleso gigante que por amores de ysorfele fué trahido á sus presiones y con su fuerza te notifica por muy cierta la victoria é te pide en satisfaccion de ta maño beneficio que mandes á las damas de estos tres suyos á que mas que á todos debe por buennos amadores que sus cruezas en ellos no usen porque sino se emendon, muy presto seran culpadas en su muerte y el los tera perdidos. »

Despues de esto venieron ocho romeros que iban á Santiago con sus bordones y conchas en un bergantin fecho artificialmente y llegando á la puerta de la sala desembarcaron y uno en nombre de todos dio un escripto al Señor Rey que desia asi. »

Las nuevas van tan crecidas
Rey Santo de tu pasage
Que siendo por nos sabidas
Fecha la pelegrinagen
Te frecemos las vidas
Á seguirmos tu viagen
Sabe que nuestra tencion
En esta guerra que tant'amas
Que es servirmos las dos damas
De las muy famosas Enrriquez y de Millan. »

Y despues de esto cada uno de estos romeros echaron sus ropetas y caratulas é dieron sus escriptos á las damas y danzaron con ellas.

Despues desto venieron ocho enemigos malinos muy feroces y trujeron cuatro momos

muy lucidos con sus caratulas encadenados y un enemigo de aquellos fuê á dar un escripto á la Senñra reyna que desia en esta manera:

« En el ynferno temos sabido ha muito tempo que por tua vinda á estes reynos seriamos deles lanzados fora é de todo destruidos é agora soubemos por estes desesperadus que nos suas damas les embiaron que tiñan ja nelas recibida por Señora, é como de cosa tua non podemos aber parte foy nos mandado trazer á estes avosas damas é á te pidir mandes a ellas que les den algum descanso poys por ello son mays atormentados que os otros que nos la fican. »

Despues desto venieron ocho almas con candelas encendidas en las manos que sinificaban la misericordia y detras un momo muy bien adrezado, y las almas llegando delante de una dama que se llama Doña Leonor Enrriquez, incaronse de rodillas é disieron dos vezes á alta voz *ave misericordia ave misericordia* y luego se bolvieron y el momo dio á la Señora Reyna un escripto que desia en esta manera:

« M.to poderoza Reyna Señora.

Yo soy uno de los tres que este otro dia pidimos á su Real alteza mandase á duas damas no nos tratasen tan mal y porque ya soy ofrescido para siempre servir una de su real corte le suplico mande guardar el costumbre que sus antepassados tobieron que era en tales fiestas no consentir á suas damas llevar guantes esquierdos en la mano é agora segund he visto

es por lo contrario y si á tal cosa vuestra real alteza diese lugar los de estrañas tierras desesperarian de tan escelente corte. »

Despues de esto vino un page pequeñito con caratula y con una ropeta llena de manillas doradas y detras del dos caballeros con ropas rozagantes de guadameci verde y dorado á la francesa con sus caratulas y el page dio un escripto á la Señora reyna y el traslado del no embio aqui porque no lo pude haver.

Despues de esto vino un hermitaño con su bordon y barba grande y detras una breña echa á manera de encantamiento donde venia metido un momo y dio un escripto á la Señora Reyna que desia asi. »

« M.to alta é m.to ecelente Princesa.
É m.to poderoza Reyna Señora.

Querendo mina ventura dar fin á mina vida ofereciosème por enamorado en esta real corte de vosa alteza onde creceo tanta mina pena que cuydey que pacencia á podece resistir é fuyme aos montañas onde me achey tan combatido de cuidado que por leyxar alguna memoria de mina tristeza é sentimento comencey de caminar en esse encantamiento en que vengo topando con ese hermitaño per esconjuraçoes piadosas me pidio á cabsa de mina pena respondile que me fasia asi andar á mays fermosa dama do mundo que estaba en la Real Corte de vosa alteza é hele mobido de piadad me dixo que ó seguise. »

Despues desto vino otro momo de la misericordia que vino antes disfrazado con otra manera de habito con su caratula é dió á la Señora Reyna un escripto que desia asi:

«M.to poderosa Reyna Señora.

Dos veces so ya venido delante tu real alteza á que pido por merced no me tenga por sobrado en le tanto importunar por los guantes ezquierdos porque soy venido de muy lexos y á grandes peligros.»

Despues de esto vino una muger muy feroza con un encantamiento fecho arteficialmente que parescia una cueva metida en una breña aspera y venian dentro cuatro momos muy bien ataviados con sus caratulas y esta muger dando un escripto que trahia á la Señora Reyna tomó una porra y quebró este encantamento y los momos que venian dentro soltaronde é dio cada uno de ellos su escripto á su dama y danzaron y el escripto que dio la muger á la Señora Reyna desia asi:

Rey y Reyna y ecelente
Á quen regnos non nombrados
Ocultos nunca fallados
Desde el cabo de oriente
Obedecen nuevamente
Á quien islas
Y tesoros
Encubiertos
Por caminos

Nunca ciertos
Conquistando
Muchos moros
Te son todos
Descubiertos
Dina de mas escelencia
Pues teneis merecimento
Que se quiebre en tu presencia
Contra mi consentimento
Este fuerte encantamiento
El cual tocando la damas
De las que tengo nombradas
Seran sueltas de mis llamas.
Abiertas y quebrantadas
Sereis presiones encerradas. »

Despues de esto vino el Marques de Villa Real echo momo con su caratula con cuatro pajes delante tambien con sus caratulas é ropetas é dio un escripto á la Señora reyna que desia asi.

« M.to alta e m.to ecelente Princesa é m.to poderosa Señora.

Eu sov o marques que en esta festa de vosa altesa noso Señor ques dreyto juez por sortes me dev por servidor de vna dama de vosa alteza per saber que yo era mays que todos á quale dama mejor tomaron duas veces por tanto me vengo á quejar á vosa alteza que esta terceyra me mande restituir á seu servicio vna danza. »

Despues de acabada la fiesta dadas las doce

horas de la media noche el Señor Rey danz con todos los momos en una danza que dice aca Serau y despues subieron el Rey é la Rey na á su Camara con mucho placer é triunf y asentaronse en la Camara y cenaron junto muy alegremente el Señor Rey de la misma manera que estaba hecho momo y porque era ya sabado volvierons el manjar de la carne de la Señora reyna desde el aparador y comieron ambos pescado y despues de cenar mandaron despejar la Camara y quedaron solos para se acostar. Nuestro Señor les de hijos de vendicion é á vuestras altezas guarde y prospere como sus reales corazones lo desean de Lisboa 25 de Diciembre = Muy homil Servidor de V. as. que besa sus reales manos é pies = Ochoa de Ysasaga. »

2.ª

Pag. XVII.

Os mesmos motivos que tivemos pâra não considerar as obras de Rolim de Moura nesta collecção, militaram ácêrca de André Nunes da Silva, theatino, natural, segundo Barbosa, de Lisboa, e, segundo Sismondi, da Bahia.

3.ª

Pag. 14 e seguinte.

Mattos imitou muito não só de Gongora,

como de Quevedo, seu modelo. O verso (pag. 15)

« Mal direito e bem gibozo. »

lembra o de Gongora

« Mal herido y bien curado. »

A silva de pag. 17 é, no seu comêço, um verdadeiro plagio da canção de Quevedo (Musa 6.ª)

« No os espanteis, señora Notomia,
Que me atreva este dia
Con esprimida voz convaleciente »

Igualmente a última decima da pag. 39 é feita sôbre a 1.ª de Quevedo, na festa de toiros ao Principe de Galles:

« Floris, la fiesta pasada
Tan rica de cavalleros
Si la hicieran taberneros
No saliera mâs aguada. »

A sátyra ao Cometa, na pag. 51, é parecida com a letrilla de Quevedo

« Mal haya quien lo consiente »

E a da pag. 65 faz lembrar a do *Chiton* do mesmo Quevedo. A 2.ª decima da pag 44 é de tal despropósito, que nos justifica o que dizemos na Introducção de que Gregorio ás vezes

punha ao lado de algum conceito uma sandice sem sabor.

4.ª

Pag. 127.

O 2.º soneto que se reffere á canonisação de Santo Stanisláo temo lo hoje por apocrypho; pois que segundo nos consta tal canonisação só se effectuou no princípio do seculo passado, quando já eram mortos os dois irmãos Mattos.

5.ª

Pag. 329 e seguintes.

Ésta biographia de Claudio necessita em alguns logares mais correcção de estylo que é facil de fazer, e a isso authorisâmos a quem a reimprima. Na pag. 248 deve preferir-se a versão de que se afogou no carcere com uma liga. Tomámos a liberdade de pôr antes da *Fabula do Ribeirão*, na pag. 250, outro soneto de Claudio, com mais côr local, do que elle destinou pâra ahi. Da fabula cortámos um pedaço, onde isso vai marcado no fim da pagina 251.

6.ª

Pag. 265.

Em vez de *Briareu*, dizem outros textos

Oriario. Cremos que não deve estar nem de im, nem d'outro modo. Não sería má leitura de *Dirceu?*

7.ª

Pag. 306 e seguintes.

Ésta primeira composição é não só feita ao poema Uragnay, como á Arte Poetica em geral. A do *Templo de Neptuno* (pag. 310) parece uma epistola, enviada do Rio a José Basilio; e della se vê que o irmão dêste acompanhára Alvarenga. A composição da pag. 311 é uma ode á paz.

8.ª

Pag. 318.

Conservámos o nome *rondó*, dado por Alvarenga ás suas anacreonticas, pâra não deixarmos de dar aos filhos os nomes escolhidos pelo pai; mâs a palavra é franceza, e melhor se diria *rondel*, como no castelhano antigo; mâs verdadeiramente são cantigas, similhantes ás dos trovadores.

9.ª

Pag. 345.

O assumpto do Caramurú é mais proprio

pâra uma novella, ou pâra um romance histórico. Dêste último modo emprehendemos tratal-o, sob o titulo = *O Matrimonio de um Bisavô* = apresentando o assumpto como nos parece mais natural que elle se passaria.

10.ª

Pag. 369.

Ésta ode faz parte da composição = *O Sonho* = que, por engano, passou pâra a pag. 385. Assim só se deve ler depois da pag. 386.

11.ª

Pag. 453.

As dôze primeiras linhas desta pagina devem achar-se no fim della, pois são a continuação da nota, que começa na pagina anterior.

Teriamos que estender nosso trabalho, se nos propozessemos a apontar as bellezas pâra seguirem os principiantes, ou os vicios pâra delles fugirem, em muitos logares desta collecção de poesias. O nosso fim não foi publicar uma obra didactica: foi reunir em corpo, e com certa ordem, muitas peças extraviadas; foi

companhar de alguns modelos a resumida história litteraria do Brazil, que publicâmos, e que tem por fim indicar ao público nossas riquezas litterarias, pâra que os curiosos possam dedicar-se a formar dellas collecção, e salvar as que ainda se possam salvar; ao passo que os principiantes, com estes dois pequenos tomos, poderão ter uma idéa de toda a nossa literatura, e dos poetas, que tem produzido o Brazil.

FIM.

ERRATA.

Paginas.	*Linhas.*	*Erros.*	*Emendas.*
18	antepen.	de fóra	*fóra*
22	24	E do	*Do*
25	1.ª	branco	*bronco*
26	17	batalha	*baralha*
341	18	Theologia	*Theologia, e da competente borla, que da cabeça*
448	penult.	Prado	*Pardo*
449	15	chegou	*chegam*

453 *As dôze primeiras linhas devem ir pâra o fim da pagina como nota.*

INDICE

DÊSTE SEGUNDO TÔMO.

	Pag.
Advertencia	III
I. J. de Alvarenga Peixoto	361
Critillo	398
T. A. Gonzaga	407
D. C. Barboza	441
Padre A. P. de Sousa Caldas	487
Fr. Francisco de S. Carlos	511
M. J. Ribeiro	535
J. J. Lisboa	555
A. M. Bordallo	577
J. J. da Silva	585
B. A. Cordovil	593
L. Paulino	605
J. da Natividade Saldanha	609
Padre Silverio da Paraopeba	629
J. B. de Andrada e Silva	635
F. V. Barboza, Marquez de Paranaguá	647
Conego J. da Cunha Barboza	667
A. T. de Macedo	683
Notas ao Florilegio	695